

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C331 Carvalho, Marcio Marconato de
Discussões on-line : estratégias argumentativas em debates na internet / Marcio Marconato de Carvalho ; orientadora Zilda Gaspar Oliveira de Aquino. -- São Paulo, 2008.
203 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Lingüística aplicada. 2. Comunicação digital – Aspectos sociais. 3. Internet – Análise de discurso. 4. Conversação (Análise). 5. Comunicação por computador. 6. Interação social. 7. Estratégia da comunicação. I. Título.

21ª. CDD 410.285
004.678
303.4833

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

DISCUSSÕES *ON-LINE*:
ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS
EM DEBATES NA INTERNET

Marcio Marconato de Carvalho

São Paulo

2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

**DISCUSSÕES *ON-LINE*:
ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS
EM DEBATES NA INTERNET**

Marcio Marconato de Carvalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, com área de concentração em Filologia e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Zilda Gaspar Oliveira
de Aquino

São Paulo
2007

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcio Marconato de Carvalho

Discussões on-line: estratégias argumentativas em debates na internet

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, pela orientação segura e pela confiança na realização desta pesquisa.

Às Profas. Dras. Leonor Lopes Fávero e Mercedes Fátima de Canha Crescitelli, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

À Sueli Salles Fidalgo, pelo generoso auxílio em dúvidas de língua inglesa.

Aos professores da graduação em Letras que muito contribuíram para meu desenvolvimento intelectual e aprimoramento como pesquisador, especialmente, Berta Waldman, Elis de Almeida Cardoso Caretta, Norma Discini, Regina Lúcia Pontieri e, novamente, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino.

Ao Marcelo e à Francisca, por renovarem em mim o vínculo familiar.

Aos sobrinhos Maria Clara, Sofia e Fabrício, pelos momentos de alegria e por recuperarem em mim a confiança na vida.

Aos sobrinhos Guilherme e Eduardo, mesmo distantes.

Aos amigos Márcia Mendonça, Danilo Chamadoira, Paulo Marquezini, Livia Lisbôa, Marco Aurélio Campos, Bia Borin e Edmundo Luiz Arakelian de Mattos, pela certeza do carinho e amor mútuos.

Aos colegas da pós-graduação, pela troca de experiências e agradáveis momentos de interlocução, em especial Cleide Lúcia da Cunha, Eliete Sampaio Farneda, Renata Palumbo e Bruna Wysocki.

Ao **Élcio**,
minha melhor companhia.

À memória de meu pai

A falta que me fazes não é tanto
à hora de dormir, quando dizias
“Deus te abençoe”, e a noite abria em sonho.

É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho.

Carlos Drummond de Andrade

à **Neide**, minha mãe.

Tornar-nos-emos simbióticos com nossos computadores conectados nas redes de educação, governo, órgãos públicos, saúde, trabalho, do mesmo modo que a Revolução Industrial foi simbiótica com o mundo da máquina e depois com a eletricidade e a gasolina.

Gordon e James (1998)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a descrição e a análise do funcionamento de debates veiculados pela rede mundial de computadores. O *corpus* compreende três discussões coletadas na internet que abrangem gêneros discursivos distintos (a lista de discussão, o *chat* com convidados e o fórum eletrônico), desenvolvidas por dois provedores de grande circulação nacional: América on-line (AOL) e Universo on-line (UOL). O foco da pesquisa se concentra na observação de como interagem os internautas e quais estratégias utilizam no momento em que debatem um tópico específico, também na descrição dos três gêneros digitais selecionados.

Dentro desse universo, pouco sabemos sobre o funcionamento do ato argumentativo – peça essencial no mundo da comunicação. Uma vez que a interação se processa através de um canal eletrônico e os falantes não estão diretamente em contato, o jogo argumentativo assume características específicas. Por apresentar uma condição de produção peculiar, o discurso no meio virtual prescinde, muitas vezes, de elementos não-lingüísticos – tão essenciais para influir sobre o outro, dar mais emotividade aos enunciados, para convencer e persuadir, etc.

Como todo processo interacional não pode ser apartado de seu contexto específico de produção, este trabalho também investiga a rede digital, para conhecer essa mediadora dos processos de comunicação e conseqüente “fundadora” de diversos gêneros discursivos, os chamados gêneros digitais.

Palavras-chave: internet, comunicação mediada pelo computador (CMC), interação polilógica, gêneros digitais, argumentação.

ABSTRACT

This investigation aims at describing and analyzing how debates carried out by means of the worldwide computer web operate. The *corpus* encompasses three discussions collected at the Internet, covering different discursive genres (the discussion list, the chat with invited guests and the electronic forum), developed by two large providers used in Brazil, i.e. America On-line (AOL) and Universo On-line (UOL). Besides focusing on the description of the three digital genres selected, the research is centered on the observation of how internet users interact and which strategies are employed by them while debating a specific topic.

Within this universe, little do we know of how the argumentative act – essential in the realm of communication – operates. Since interaction is processed via an electronic channel, and speakers are not actually in contact, the argumentative game takes up specific characteristics. Because it presents peculiar production conditions, the speech within the virtual media often requires non-linguistic elements – rather essential in utterances whose functions might be to influence others, show emotion, convince, persuade, etc

As is the case in every interactional process, the ones described here cannot be parted from their specific production contexts, thus, this research's investigation of the digital network, in order to be familiar with this mediator of communication processes and consequent “founder” of several discursive genres – called digital genres.

Key-words: internet, computer mediated communication (CMC), polylogical interaction, digital genres, argumetation.

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo I – A revolução digital: a internet como novo campo discursivo	
1.1 A web: uma experiência virtual	21
1.2 A consolidação da cultura digital	25
1.3 A rede digital como mediadora dos processos de interação social	35
1.4 A internet como fundadora de novos gêneros discursivos	42
Capítulo II – Os gêneros digitais	
2.1 As particularidades da conversação na CMC	50
2.2 A interação polilógica como realidade efetiva da comunicação	56
2.3 A descrição do gênero lista de discussão (<i>newsgroup</i>)	58
2.3.1 A estrutura conversacional	61
2.3.2 A definição de papéis no <i>newsgroup</i>	66
2.4 O bate-papo (<i>chat</i>) com convidados: outra face do debate eletrônico	68
2.4.1 A construção discursiva no <i>chat</i> com convidados	72
2.5 O fórum eletrônico	77
2.5.1 O funcionamento do <i>e-fórum</i>	79
2.6 Cotejando os três gêneros: um quadro comparativo	91
Capítulo III – O debate no contexto digital	
3.1 Algumas considerações sobre o debate	96
3.2 O debate por meio do suporte digital	97
3.3 A importância da argumentação	99
3.4 A visão aristotélica e o pensamento contemporâneo	101
3.5 O papel das estratégias no processamento discursivo	103
3.6 A argumentação como elemento constitutivo do discurso	106
3.7 O jogo argumentativo: análise de algumas estratégias	108
3.7.1 O embate de opiniões no <i>chat</i> com convidados	109
3.7.2 A argumentação no <i>newsgroup</i>	113
3.7.3 A polarização no fórum eletrônico	124
3.7.3.1 As estratégias do <i>não</i>	125
3.7.3.2 As estratégias do <i>sim</i>	130
3.8 Síntese do jogo argumentativo no debate digital	137
Conclusão	140
Referências a edições impressas e digitais	148
Anexos	
Anexo I – lista de discussão	160
Anexo II – <i>chat</i> com convidados	164
Anexo III – fórum eletrônico	168
Anexo III.1: Entrevista com o deputado Luiz Eduardo Greenhalgh	170
Anexo III.2: Entrevista com o deputado Jair Bolsonaro	173
Anexo III.3: Mensagens trocadas entre os internautas	176

Introdução

As práticas discursivas na internet constituem-se tema significativo de pesquisa, entre outros, em virtude da disseminação recente do uso do computador em nossas atividades sociais e culturais – praticamente uma década.

Devemos reconhecer que a reunião e a distribuição de conhecimento no mundo de hoje são potencialmente mais eficazes através da internet; entretanto, pouco ainda se sabe sobre ela, uma vez que se trata de um veículo de comunicação ainda não suficientemente explorado do ponto de vista dos estudos do discurso, de modo geral, devido a essa curta convivência entre nós.

As agências de pesquisa¹ apresentam dados que dão conta da expansão desse veículo entre a população brasileira, sendo que a evolução do número de usuários de um ano para outro mostra-nos a ampla difusão desse meio no final do milênio e início do século XXI.²

Embora existam muitos livros e artigos de cunho sociológico, escritos a respeito da internet e de seus efeitos na sociedade³, é fato que os estudiosos do discurso ainda pouco se debruçaram sobre a linguagem utilizada na interação por meio desse veículo. A grande maioria dos estudos existentes enfoca as interações entre falantes nas chamadas salas de bate-papo ou “chats”⁴. Entretanto, a internet abre um universo imensurável de possibilidades dialógicas em seus diversos ambientes, permitindo diferentes práticas discursivas. Como pesquisadores da linguagem, devemos investigar outras possibilidades de interação que esse canal eletrônico põe em cena. Partindo desta premissa é que esta pesquisa se justifica.

Com certeza, nenhuma das revoluções tecnológicas teve um raio de ação tão grande sobre nossos mecanismos de interação social quanto a rede mundial de computadores. A comunicação digital difundiu novos hábitos de produção textual abrindo múltiplas

¹ Segundo o Datafolha, em 1999 o número de usuários de internet no Brasil atingia 7,6 milhões e no ano 2000 foram entregues 9,986 milhões de declarações de imposto de renda pela internet.

² Em outubro de 2007, o Brasil já contava com 39 milhões de usuários com acesso à internet em suas residências. Fonte: Ibope/Net Ratings (in: Folha de S.Paulo, 5 de dezembro de 2007, p.B11).

³ Como Manuel Castells em suas obras: *The rise of the network society* e *End of millenium* e Paul Virilio em *Speed and information: cyberspace alarm!*

⁴ Conforme Nader (2001).

possibilidades discursivas que merecem ser visitadas cientificamente pelos estudiosos da linguagem.

Dessa maneira, a evolução tecnológica e o conseqüente desenvolvimento de outros recursos de comunicação no mundo moderno impõem ao estudioso do discurso a sondagem desses novos processos dialógicos e, sem dúvida, a internet figura hoje como grande fenômeno social de interatividade humana.

A internet fornece aos falantes amplos recursos de comunicação que se estendem desde a maneira mais corriqueira, como os correios eletrônicos (e-mails), até salas de bate-papo (chats), comunicadores instantâneos (ICQ), grupos de discussões e entrevistas com convidados, atingindo, algumas vezes, jeitos até mais sofisticados, como as câmeras filmadoras e microfones, capazes de recuperar os dados paralingüísticos da interação.

Para investigar a respeito da rede digital, foi necessário o estudo das teorias direcionadas à virtualização e digitalização que refletissem sobre o funcionamento da rede mundial de computadores. Para tanto, utilizamos como referencial teórico os estudos de Lévy (1999), Rheingold (1992), entre outros, além de teorias sobre a utilização da *web* nos processos de interação em que se destacam os trabalhos de Primo (1997), Herring (1999) e Johnson (2001).

Buscamos também levantar os principais trabalhos sobre comunicação mediada pelo computador (CMC), com o objetivo de estabelecer a internet como novo suporte de produção do discurso (o meio digital). Nesse sentido, alguns autores como Marcuschi (2004), Xavier; Santos (2002) e Araújo; Biasi-Rodrigues (2005), foram fundamentais.

Dentre todos os novos gêneros discursivos inaugurados pela rede digital, selecionamos como objeto de investigação a lista de discussão (*newsgroup*), o *chat* com convidados e o fórum eletrônico (*e-fórum*). Privilegiamos esses três gêneros, entre outros, por constatarmos,

como usuários, que neles se manifesta o debate no âmbito digital, foco principal deste trabalho.

O debate corresponde à expressão máxima da ação social humana, na medida que busca, por meio da discussão livre entre cidadãos, a resolução de problemas da comunidade. Cumpre importante função social, pois expande e atualiza os conhecimentos de determinada comunidade, influenciando a formação da opinião pública (Aquino, 2005:172). O debate apresenta-se como uma possibilidade de interação submetida a uma regulação própria, mas, quando transposto para a esfera digital, apresenta uma dinâmica de funcionamento específica.

Interessa-nos investigar como se configura uma situação de debate na rede mundial de computadores, em termos das condições de produção do discurso, para observar o papel dos participantes e como se movimenta a interação entre eles no momento em que debatem sobre tópico específico. Quando engajados, os debatedores sempre argumentam em função de alguma coisa, na tentativa de fazerem prevalecer seus pontos de vista. Assim, também observamos o funcionamento do ato argumentativo – peça essencial nas atividades interacionais. Uma vez que a interação se processa através de um canal eletrônico e os falantes não estão diretamente em contato, o jogo argumentativo assume características específicas, de modo que se distancia do que ocorre na conversação face a face. Nesta última modalidade, a linguagem gestual/corporal desempenha papel determinante na argumentação dos participantes. Por apresentar condição de produção específica, o discurso no meio virtual prescinde, muitas vezes, como já o dissemos, de elementos não-lingüísticos – tão importantes para influir no discurso do outro, dar mais emotividade aos enunciados, para convencer e persuadir, etc.

O estudo da linguagem veiculada pela internet, como é o caso dos debates, possibilita apontar os caminhos ainda inexplorados que norteiam o desenvolvimento do jogo

argumentativo dos falantes dentro das condições específicas desse meio. Neste sentido, encaminhamos nossa pesquisa a partir dos seguintes questionamentos:

- Como se configura o debate digital enquanto situação discursiva?
- Como se processa a interação entre os participantes do debate considerando-se as especificidades do meio?
- De quais estratégias argumentativas se valem os interlocutores numa situação mediada pelo computador?

Para responder a tais questões, analisamos a estrutura organizacional da conversação na lista de discussão, no *chat* com convidados e no fórum eletrônico. As reflexões foram desenvolvidas por meio do aparato teórico da Análise da Conversação, da qual adotamos a terminologia utilizada na descrição dos gêneros digitais supracitados (tópico, subtópico, digressão, turno, marcadores conversacionais, par adjacente). Valemo-nos também das teorias Pragmáticas, uma vez que observamos a linguagem em sua situação de uso e também tomamos como base as teorias sobre argumentação, da tradição clássica ao pensamento moderno, em que se destaca a Nova Retórica de 1958 de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), visando verificar como se constroem as estratégias argumentativas no debate digital.

Em vista do exposto, podemos definir os objetivos deste trabalho, conforme seguem:

1. Geral:

- Contribuir para a consolidação da rede digital como objeto científico para os estudos da linguagem.

2. Específicos:

- Observar como se estruturam os debates nos três gêneros digitais distintos e descrever sua configuração.
- Analisar os mecanismos de interação entre os falantes, levando-se em consideração as especificidades do meio.

- Detectar as estratégias argumentativas das quais se valem os participantes numa situação mediada pelo computador.

Procedemos à coleta dos dados durante dezoito meses, porém optamos pela análise de debates nos gêneros indicados, promovidos por dois provedores distintos (AOL e UOL), conforme especificamos a seguir:

1. Gênero: **lista de discussão** (*newsgroup*)

Provedor: Universo on line (UOL)

acessado em : *uol.folha.ciencia.clonagem*

tópico: clonagem

duração: mensagens trocadas no período de fevereiro a maio de 2004.

2. Gênero: **chat com convidados**

Provedor: América on line (AOL)

acessado em: *chat.aol.com.br/transcricoes/af/0250.adp*

tópico: utilização de células-tronco para fins terapêuticos

debatedores: Dr. Roger Abdelmassih, terceira faixa etária, médico urologista especializado em reprodução humana e internautas interessados.

duração: não especificada

3. Gênero: **fórum eletrônico** (*e-fórum*)

Provedor: América on-line (AOL)

acessado em: *noticias.aol.com.br/pinga_fogo/2005/0006.adp* e

forum.aol.com.br/foro.php

tópico: estatuto e plebiscito do desarmamento

duração: mensagens trocadas no período de 23 de outubro/2005 a 06 de dezembro/2005.

A seleção dos provedores levou em consideração sua participação no mercado brasileiro. Segundo dados da 10ª pesquisa Ibope/Net Ratings⁵ sobre o perfil dos usuários de internet no país, os provedores Universo on line (UOL) e América on line (AOL) figuravam na segunda e terceira posições, respectivamente, como provedores de acesso utilizados com maior frequência nos domicílios brasileiros.

Nos Anexos deste trabalho, encontram-se transcritas as três discussões coletadas. Salientamos que foram mantidas as diferenças no tamanho, espaçamento e tipos de fonte, em respeito à maneira como as mensagens foram digitadas pelos internautas. Também preservamos o cabeçalho das mensagens e demais características próprias dos gêneros digitais analisados para não descaracterizar a identidade deles.

No gênero lista de discussão, com o objetivo de facilitar a localização dos exemplos, marcamos em negrito e numeramos as seqüências conversacionais analisadas, segundo a ordem em que aparecem na lista (Anexo I, pp.160-162). Com relação ao gênero *chat* com convidados, além do bate-papo na íntegra, transcrevemos a página inicial da seção para maior contextualização do gênero (Anexo II, pp.164-166). Essa maior contextualização também foi considerada na transcrição das discussões do fórum eletrônico, por isso, transcrevemos a página de abertura da seção debates do extinto provedor América on line, bem como, as entrevistas com os deputados Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP) e Jair Bolsonaro (PFL-RJ),

⁵ A pesquisa foi realizada no mês de maio de 2001 no Distrito Federal e nas principais regiões metropolitanas do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife e Fortaleza). Na ocasião, o provedor IG (Internet Group) ocupava a primeira posição. Após uma agressiva estratégia de marketing iniciada em 1999, a AOL conquistou gradativamente o mercado brasileiro, quando, em 17 de março de 2006, após uma série de prejuízos financeiros, encerrou suas atividades no país. A sua base de assinantes foi vendida para o provedor Terra, à época, quarto lugar no ranking de provedores de acesso, segundo essa mesma pesquisa.

que fomentaram as discussões entre os internautas (Anexo III, III.1 e III.2, pp. 168, 170-171 e 173-174, respectivamente). Entretanto, para efeito de análise, nós nos ativemos às mensagens trocadas entre os participantes do fórum, uma vez que nossa investigação se concentra na formulação do discurso em uma situação de debate mediada pelo computador (Anexo III.3, pp. 176-203)

Acreditamos que a seleção das discussões indicadas possibilitasse um mapeamento que, embora não esgotasse a questão, fosse significativo para que se procedesse à delimitação e funcionamento do debate nesse veículo específico de interação. Em um ambiente como os debates on-line, com um universo de falantes tão diversificado, entendemos que o *corpus* selecionado nos permitisse responder às questões que nos inquietavam quanto às condições de produção textual, às diferenças e especificidades do gênero, ao grau de cooperação existente entre os participantes na construção dos enunciados e às estratégias argumentativas por eles utilizadas (objetivos deste trabalho), conforme ocorreu.

Nosso estudo encontra-se organizado nas seguintes partes:

-Introdução: justificativa da escolha do tema, delimitação dos objetivos, caracterização do *corpus*, metodologia e organização do trabalho.

-Capítulo I – A revolução digital: a internet como novo campo discursivo: levantamento de teorias sobre virtualização e digitalização de maneira a investigar a rede digital e sua subsequente utilização como mediadora dos processos de interação social. Neste capítulo, configuramos a internet como novo campo discursivo para o estabelecimento de diversos gêneros do discurso.

-Capítulo II – Os gêneros digitais: descrição dos gêneros digitais (*lista de discussão, chat com convidados e fórum eletrônico*) em que se manifestam a situação de debate, buscando determinar o funcionamento desses gêneros, seus diversos níveis de

participação, a formulação discursiva e suas semelhanças e diferenças em relação a outros gêneros fundantes.

-Capítulo III – O debate no contexto digital: abordagem do debate na internet e, a partir dos estudos sobre argumentação, caracterização do jogo argumentativo no debate digital e descrição das estratégias utilizadas pelos participantes.

-Conclusão: retomada dos objetivos e dos dados obtidos.

-Anexos: reunião do *corpus* de sustentação da análise.

CAPÍTULO I

A revolução digital: a internet como novo campo discursivo

1.1 A web: uma experiência virtual

O desenvolvimento da tecnologia digital impulsionou a comunicação interpessoal para além das modalidades conhecidas. A rápida e constante evolução na transmissão de dados elevou o sistema computacional à categoria de mediador dos processos interacionais. O computador transformou-se em um espaço social que, contrariamente a outros ambientes de nosso convívio, não possui uma dimensão física. Tal capacidade inusitada de troca de informações inaugurou algumas práticas que envolvem desde a propagação do conhecimento (educação on-line) até transações comerciais a distância (e-commerce). A essa nova possibilidade interacional através da rede de telecomunicações, permitindo um *feedback* audiovisual, dá-se o nome de telepresença. (Kac, 1997).

A expressão *telepresença* está relacionada à interação entre indivíduos essencialmente por meio da mediação tecnológica. Para o completo entendimento do termo, Biocca (2001) sugere a necessidade de estudo do aparato das telecomunicações, em consonância com sua apropriação e utilização pelo homem. A dinamicidade do ambiente digital requer que analisemos com cautela as implicações culturais e sociais das novas tecnologias, pois, à medida que as capacidades de memória e transmissão aumentam, multiplicam-se as possibilidades interativas.

A este respeito, Lévy (1999:25) aponta a invenção de novas interfaces com o corpo e o sistema cognitivo humano (a realidade virtual, por exemplo) e a tradução das antigas mídias para o ciberespaço (televisão, telefone, jornal, etc.) como dados que mostram a dinamicidade do ambiente digital. De qualquer modo, a virtualização lança as relações interpessoais definitivamente para a esfera da não-presença⁶, quer dizer, a relação entre interlocutores não

⁶ Cabe salientar que contrapomos os termos *presença* e *não-presença* com base na distinção mais evidente que a tecnologia digital apresenta. Embora saibamos que a enunciação carrega marcas do sujeito, revelando também sua presença, tais termos referem-se ao compartilhamento ou não de um mesmo espaço físico durante o processo interacional.

depende mais do compartilhamento de um mesmo espaço físico. A tecnologia digital nos impõe uma nova compreensão do conceito de presença, conferindo ao termo outra implicação semântica. Radicaliza-se a experiência iniciada com o telefone: a imagem virtual⁷ transporta o áudio e o vídeo para um mesmo espaço.

Essa outra realidade criada pela digitalização – o mundo virtual ou mundo da não presença:

é fundamentalmente organizada de acordo com uma modalidade tátil e prioceptiva, ou seja, o explorador de um mundo virtual deve poder controlar seu acesso a um imenso banco de dados de acordo com princípios e reflexos mentais análogos aos que fazem controlar o acesso a seu ambiente físico imediato (Lévy, 1999:72).

Nesse sentido, ocorre uma clara divisão entre o universo perceptivo (virtual) e o universo objetivo (mundo físico), sendo que aprendemos a operar neste novo ambiente por analogia àquele.

Com relação à oposição entre realidade e virtualidade, Blühdorn (1998) chama a atenção para o fato de interpretarmos tais conceitos sempre de uma maneira valorativa. Assim, o real estaria ligado a valores positivos: “o real é o autêntico, o verdadeiro, o confiável”; ao passo em que o virtual se impregna de uma carga negativa: “é o falsificado, o simulado, o enganoso” (p.231). Portanto, ainda na visão de Blühdorn (idem), o virtual nos reportaria ao não-verdadeiro, ao simulacro, constituindo-se como uma ameaça ao real.

Apesar dessas implicações semânticas, Blühdorn (idem) defende que ambos os conceitos se relacionam e não se encontram diametralmente opostos, ocorrendo a “interferência entre o real e o virtual” (p.234). Como ilustração, o autor se refere à cidade do Rio de Janeiro, conhecida por ele somente através de romances literários. Quando visita a capital carioca, Blühdorn experimenta uma sensação de irrealidade, uma impressão de estar entrando num filme, pois o Rio de Janeiro lhe soava tão literário, que mal acreditava na

⁷ Diremos que uma imagem é virtual se sua origem for uma descrição digital em uma memória de computador (Lévy, 1999:73).

possibilidade de estar em uma cidade tão famosa. Segundo ele, o virtual, sob forma de uma imaginação literária, impedia que o real fosse percebido como real. O real parecia virtual (p.234).

Podemos dizer que o virtual tem lugar no âmbito das projeções mentais, opera como uma construção mental de determinado dado da realidade. Partindo do relato de Blühdorn, o Rio de Janeiro assume duas representações: uma representação física, para ele ainda desconhecida, e uma representação mental projetada por ele. A representação mental que fazemos das informações do mundo exterior é estimulada pelo fato de não conhecermos tais dados fisicamente, ou em outras palavras, a virtualização de determinado aspecto do mundo físico é impulsionada pela não-presença.

Parece-nos, então, que a rede digital, ao trabalhar essencialmente com a não-presença, estimula nossa capacidade mental de representação. Assim, o real alimenta o virtual em uma relação simbiótica e de coexistência. Na esteira destas reflexões, alguns autores, como Mantovani e Riva (2001), defendem que os limites entre o mundo externo (realidade física) e o mundo interno (realidade mental/ virtual) são marcados pela imprecisão.

Para esses pesquisadores, o espaço não se caracteriza por uma clara divisão entre o real e o virtual, mas sim é constituído pela articulação destas duas instâncias – o espaço relacional, em que a realidade física e as projeções mentais estão imbricadas. Não só nos relacionamos com aspectos físicos, como a gravidade, aceleração, como também lidamos com aspectos virtuais, como a língua e a cultura, mostrando a proximidade entre estes dois campos (Araújo, 2005).

Sob essa perspectiva, a internet não se constitui como pioneira em nossas experimentações virtuais, mas sim as potencializa. A virtualização age como elemento transformador da tecnologia da comunicação. O ciberespaço traduz-se como uma realidade virtual plena de imagens e formas eletrônicas que não existem efetivamente, mas

simbolicamente representam o mundo físico – “é a intersecção entre o real e o imaginário” (Santos, 2001:60).

Segundo Ascott (2002:31), as novas situações que vivenciamos com a rede digital nos impõem uma nova compreensão da presença humana. Essas transformações implicam a tomada de consciência de que estamos adquirindo novas faculdades e um novo corpo que se estende para além dos limites da presença física, o que requer uma redefinição de como nos relacionamos com os espaços virtual e real.

Esses novos modos de conceitualização e de percepção da realidade, Ascott (idem) denomina *cibercepção*. Este conceito não envolve somente a ampliação de nossa inteligência por meio dos *bits* de memórias dos computadores, mas uma nova visão do todo.

Até agora, pensamos e vimos coisas de uma maneira linear, uma coisa depois da outra, uma coisa escondida atrás de outra (...). Mas a cibercepção significa incorporar o senso do todo, adquirir uma visão panorâmica dos fatos como o olhar de um pássaro, a visão da Terra por parte do astronauta (...). É uma questão de *feedback* em alta velocidade, de acesso a banco de dados gigantescos, de interação com uma multiplicidade de mentes, vendo com mil olhos, (...) alcançando a vastidão do espaço, até mesmo o limite do tempo. (...) A cibercepção é a antítese do pensamento linear. (p. 33).

Quando nos defrontamos com a apresentação textual na rede mundial de computadores – o hipertexto, ativamos todos os nossos sentidos, pois a disposição hipertextual é plena de informações que se apresentam simultaneamente ao leitor. A cibercepção intensifica nossas atividades cerebrais, a decodificação do hipertexto representa um novo desafio cognitivo. As múltiplas possibilidades de leitura e a velocidade na disponibilização dos textos nos exigem sinapses cada vez mais complexas. Segundo Ramal (2002), a disposição simultânea e não-linear do hipertexto apresenta-se como um tipo de leitura e escrita que se aproxima mais de nossas atividades de pensamento, opera de modo não-sequencial como nossas atividades cerebrais.

Podemos afirmar que a linguagem digital representou um passo a mais em direção ao aumento de nossas capacidades cognitivas. Como outrora a imprensa deu suporte para novos sistemas de cognição, neste início de século, a internet assume a função de expandir nossas capacidades intelectuais. A tecnologia digital funciona como uma estrutura que exterioriza nossas funções mentais, estendendo nosso raio de ação. Representa um auxílio externo ao funcionamento do cérebro, assim como outros meios de expressão mais rudimentares como o lápis e o papel (Araújo, 2005).

1.2 A consolidação da cultura digital

Segundo Kerckhove (1993:56), a digitalização da informação sempre foi perseguida pela lógica ocidental. Nas sociedades ocidentais, o processo de aprendizagem liga-se à tendência de segmentação, quer dizer, algo é plenamente apreensível se seccionado. Tal idéia permeia os experimentos de todas as áreas das ciências, inclusive no campo lingüístico, se pensarmos, por exemplo, no alfabeto das línguas ocidentais, composto por 24 ou 26 símbolos que, combinados entre si, respondem pela produção de mensagens.⁸

À medida que nossa sociedade se fez mais dependente da leitura e a decifração de letras tornou-se regra, mais nossa capacidade mental operou no nível do recorte, da divisão.

Mas a digitalização eletrônica impeliu o princípio de divisão bem para além da redução alfabética: (...) todos os bits são semelhantes; somente sua ordem de aparição entre outros bits permite distinguí-los. (...) Quase da mesma maneira que o alfabeto reduziu a nossa experiência sensorial a uma única linha de sentido, a digitalização reduz hoje nossa experiência mental e orgânica a uma única seqüência de informações codificadas (Kerckhove, 1993:57).

⁸ Para Pignatari (1970:20), a mensagem de natureza digital constitui-se por unidades discretas, que se manifestam separadamente – os dígitos.

Nesse sentido, o ambiente eletrônico é caudatário do sistema alfabético ocidental. As novas tecnologias da comunicação, em sua estrutura, são fruto de elaborações digitais: o telégrafo, o telefone, o computador. O aspecto mais espetacular da era digital reside no poder dos dígitos para tratar toda a informação, som, imagem, vídeo, texto com a mesma linguagem. Em suma, a digitalização permitiu a todo e qualquer dado ser recebido, estocado, tratado e difundido, via computador.

A cultura digital atualmente em andamento foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais diferentes da comunicação de massa. Equipamentos, como o videocassete, o videodisco, jogos eletrônicos e televisões a cabo, transferiram o trato das informações em circulação na sociedade para a esfera individual. A apropriação individualizada da informação é princípio que rege a cultura digital – temos a estrutura hipertextual, base da internet, como exemplo. Outra característica importante desta cultura é a convergência dos equipamentos tecnológicos em um sistema híbrido de comunicação, em que o computador integra-se à telefonia celular, à câmera fotográfica e de vídeo, etc.

Conforme destaca Costa (2003:16), vivemos num momento caracterizado pela interconexão generalizada, ou seja, nossas relações estão cada vez mais marcadas pela interação, mais densa e por períodos de tempo cada vez maiores, com todos os dispositivos a nossa volta – vivemos em plena cultura digital⁹. A crescente utilização da informática em nossas atividades profissionais e cotidianas – maior característica desta cultura – acarreta o surgimento de uma nova terminologia: o digitalês (Alves, 2003). Atualmente, a linguagem do sistema digital incorporou-se rapidamente à expressão tanto dos profissionais da computação como dos usuários de internet.

⁹ O autor inclui no rol das tecnologias digitais não só os computadores pessoais, laptops, palmtops e a interconexão em rede possibilitada por eles (como a internet), mas também os telefones celulares, a televisão digital interativa e os vídeo-games.

A integração generalizada com todos os equipamentos midiáticos permitida pela cultura digital desafia também as noções de *individualidade* e *comunidade*, tais como as conhecemos. As novas tecnologias, em especial a internet, põem em tensão esses dois conceitos, quando pensamos nas chamadas “comunidades virtuais” – relações interpessoais típicas do ambiente digital. Para Matei (2005), uma “comunidade virtual” pode ser considerada um subproduto social e discursivo da contracultura¹⁰, que reflete fundamentalmente o dilema moderno entre *individualismo* e *comunitarismo*. As “comunidades virtuais” estão relacionadas a certos fenômenos que refletem esta tensão: grupos pequenos, a fraqueza dos laços que os unem e um *individualismo digital*, em que as relações são moldadas seguindo a necessidade particular de cada membro – seriam grupos centrados em interesses individuais, regidos por um comportamento individualista e não-comunitário.

Embora o interesse em assuntos particulares constitua-se motivação essencial para a aproximação dos indivíduos em qualquer comunidade, Rheingold (1996) postula que o surgimento das comunidades no ambiente virtual seguiria um movimento oposto ao das comunidades tradicionais. Segundo esse autor, nas comunidades tradicionais, o contato pessoal serviria como fator primordial para sua constituição, pois “procuramos entre o círculo de vizinhos, os colegas de profissão e entre conhecidos (...) quem partilhe dos mesmos valores e interesses” (p.44), enquanto numa comunidade virtual “podemos ir diretamente ao lugar onde os assuntos preferidos são discutidos e conhecer alguém que partilhe dos mesmos gostos” (p.44) vindo a encontrá-lo, ou não, pessoalmente.

¹⁰ A contracultura seria um movimento revolucionário nascido a partir da efervescência sociocultural dos anos 1960. Embora multifacetada, seu traço mais marcante seria o anarquismo como forma de instaurar a simplicidade e o igualitarismo nas relações sociais. Representava uma reação à tendência de uniformização e massificação herdadas da cultura moderna (Matei, 2005).

A experiência de Rheingold em comunidades virtuais remonta a 1985, quando participou da WELL (Whole Earth 'Lectronic Link)¹¹. Durante sua permanência, observou que alguns participantes aderiam ao grupo somente atrás de informações e outros buscavam também ampliar seu círculo de amizades. Em sua opinião, a WELL, além de conter lugares emocionais (em razão dos laços afetivos criados), era também instrumento valioso e racional de procura de informação, incorporando-se à sua rotina profissional (p.77).

Dessa vivência, Rheingold (1992) estabeleceu o conceito de comunidade virtual como um “agrupamento social” que surge quando determinadas pessoas conduzem discussões públicas, durante um determinado espaço de tempo suficiente para que ocorra um envolvimento humano e conseqüente formação de uma rede de relações pessoais no espaço cibernético.

Para a tradição sociológica, não só a interação entre os indivíduos é fator determinante para a formação de uma comunidade, mas também o espaço geográfico em que tal contato se desenvolve. Beamish (1995), quando retoma o modelo de comunidade defendido por Weber, pontua que a idéia de comunidade encontra-se ligada à idéia de lugar físico. Assim, mesmo que outras condições como um “sentido de pertencimento”, o partilhamento de valores comuns, um sistema de organização social e interdependência de seus indivíduos sejam necessárias, o estabelecimento de um *locus* específico em que essas relações se desenvolvam é primordial.

A interação computacional expande a comunicação humana para além de bases geográficas comuns, fazendo que a noção de territorialidade adquira uma dimensão simbólica. As relações interpessoais não mais acontecem em um território físico, mas sim em um terreno simbólico: o ciberespaço, ou seja, o espaço comunicativo. O lugar da comunidade virtual é,

¹¹ Rheingold (1996) define a WELL como um sistema de teleconferência por computador que permite aos usuários espalhados pelo globo a participação em conversas públicas e a troca de correspondência privada via correio eletrônico (p.13).

então, o ciber-lugar que é simbolicamente delineado por um tópico de interesse e onde ocorre o processo interacional (Recuero, 2002:45).

Outro aspecto relevante na constituição das comunidades diz respeito ao vínculo estabelecido entre seus participantes. Tal questão é polêmica, quando pensamos nos laços criados entre membros de comunidades virtuais e tradicionais. Alguns pesquisadores defendem que a aproximação entre os indivíduos de comunidades virtuais seria marcada por uma maior fugacidade.

Neste sentido, Marcuschi (2004) assinala que a noção de *comunidade* deve ser redefinida no caso do ambiente virtual. “Uma comunidade é uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos num sistema de relações duradouras” (p. 22). As comunidades virtuais se distinguiriam das comunidades sociais do mundo real em razão de sua efemeridade e da superficialidade de suas relações. Assim, o conceito de comunidade, tal qual defendido pela Sociologia e Antropologia, teria pouca aplicabilidade, quando pensamos nas interações via internet.

Barros (2003a), ao analisar algumas interações em aulas-*chat*, salienta que, em alguns aspectos, o termo *comunidade virtual* equivale à noção de comunidade autêntica. Conforme observa a autora, as aulas-*chat* que envolvem alunos conhecidos enquadram-se no conceito de comunidade propriamente dito, pois os alunos já se conhecem há algum tempo, decorrendo daí uma sensação de pertencimento e de proximidade física comuns às comunidades reais.

Outro produto marcante da chamada revolução digital é a *sociedade da informação*, definida pela crescente digitalização das informações por meio de um texto construído eletronicamente: o hipertexto. Este, por sua vez, funde as duas modalidades da língua, oral e escrita (Xavier; Santos, 2000: 52).

Sem dúvida, o maior expoente da cultura digital é a rede mundial de computadores. O sucesso da rede deve-se ao formato que concilia um sistema de acesso compartilhado de informações, presente no próprio conceito de interconexão, com um sistema de hipertextos. Tais conceitos apresentam-se tão imbricados que atualmente *internet* é sinônimo de *world wide web* e vice-versa. A linguagem hipertextual é a essência da rede digital e todo endereço eletrônico é acessado a partir do protocolo de transferência de hipertexto - http¹². Segundo Bellei (2002:112), podemos entender a internet como um vasto hipertexto que possibilita acessar, seletivamente e em diversos formatos, um imenso banco de dados *on-line*, caracterizando-se como maior mercado mundial de produção e consumo de informação.

O termo hipertexto foi cunhado por Ted Nelson, criador do projeto Xanadu¹³. Conforme as idéias de Nelson, este sistema permitiria o compartilhamento de idéias entre as pessoas, sendo possível a cada leitor deixar seu comentário. Seria uma espécie de “biblioteca universal” em que as pessoas poderiam trocar imagens, sons, filmes, documentos, diálogos, interações, etc. (Leão, 1999:21). O próprio Nelson (1992) define hipertexto como uma escrita não seqüencial, um texto que se ramifica e permite escolhas ao leitor. Dessa maneira, o sistema hipertextual operaria como o pensamento humano, uma estrutura multidimensional e não-linear. “É como se uma rede neural fosse materializada em termos mecânicos”, uma rede “capaz de criar ligações entre uma dada informação e outra, independentemente de qualquer classificação hierárquica” (Komesu, 2005:88).

Em sentido mais estrito, Rosenberg (2002:57) define hipertexto como “um documento em que as operações da estrutura interativa estão misturadas com o texto”, sendo o *link* a estrutura básica do hipertexto. Cada *link* seria um nó ou uma conexão que forma a rede. Dessa maneira, o encaixe desses *links*, ou melhor, as infinitas associações que eles permitem é que

¹² Hipertext transfer protocol.

¹³ O sistema criado por Ted Nelson consistia em um processador de textos capaz de lidar com múltiplos documentos. Esse processador operava por meio de “listas entrelaçadas como zíper” (zippered lists), que permitiam compor documentos de modo que fossem formados por pedaços de outros documentos. Em 1967, ele nomeou seu projeto de Xanadu, em honra ao poema [Kublai Khan](#) de [Samuel Taylor Coleridge](#) (Nelson, 1992).

movimenta a teia digital (*web*), expandindo-a. Grosso modo, navegar na internet é enredar-se em uma trama de textos infinitamente *linkados*, é embrenhar-se em uma rede que se multiplica de maneira associativa, uma “rede hipertextual sempre em construção e renegociação (...) que cresce e se modifica, agregando elementos externos, conectando-se a novos elementos e novas redes” (Lévy, 2000:25).

A interminável ramificação de textos possibilitada pelos *links* confere a esse dispositivo fundamental importância para a caracterização do hipertexto e, conseqüentemente, da comunicação via internet. Com base nessa realidade, Dimantas (2006) formula a hipótese do nascimento da *linkania*¹⁴, fruto da cibercultura, definida como:

expressão do engajamento das pessoas em rede. Uma troca generosa de links que cataliza a conversação, provoca e solidifica o engajamento. A rede é formada pelos nós. Nós linkados uns com os outros. É o poder dos links. Linkar e ser linkado (p.65). (...) É a multiplicação das vozes, a descentralização da informação, do conhecimento e das decisões (p. 2).

Por meio de *links*, a atividade hipertextual tem a capacidade de agilizar o acesso à informação e disponibilizar ampla quantidade de conteúdos, além de facilitar a circulação de textos, tanto do ponto de vista operacional quanto de custos. Entretanto, a navegação pelos *links* apresenta algumas dificuldades: a variedade de caminhos a seguir suscita dúvidas ao leitor, sendo necessários esforço e concentração adicionais na leitura do hipertexto. Também a apresentação não-sequencial do documento altera o senso de direção do leitor, impondo a ele uma desorientação momentânea¹⁵ (Vora; Helander, 1997). Estruturalmente, o texto digital

¹⁴ A expressão foi criada a partir dos termos *link* e *cidadania*. Reflete, de maneira geral, o sentimento de desterritorialização que a internet suscita. A conexão global promove o rompimento das fronteiras, a “cidadania dos links”, o desenraizar-se, o pertencer a uma teia que abarca a todos, superando os limites locais (Dimantas, 2006).

¹⁵ Os estudos de Lee (2005) sugerem que essa desorientação estaria também condicionada por fatores individuais. Em uma pesquisa empírica com usuários de internet, o autor observou que não só a falta de familiaridade com a tecnologia computacional favoreceria a sensação de desorientação causada pela atividade hipertextual, mas também uma particular falta de “audácia” desses usuários. Quer dizer, aqueles participantes que apresentavam um comportamento social menos ousado, de estilo não-arrojado, com posições mais conservadoras e avessos a inovações tendiam a sentirem-se mais desorientados quando expostos à textos em formato hipertextual.

constrói-se a partir da seleção pelo leitor dos diversos textos disponibilizados na rede (Kaplan, 1995).

Quando pensamos na estrutura do hipertexto, observamos que não existe uma organização específica, pois a estrutura do texto digital é redesenhada no momento em que cada usuário se utiliza da rede. As diferentes associações, por meio de *links*, favorecidas pela dinâmica hipertextual possibilitam ao usuário configurar seu próprio texto. Uma construção textual que se estende para além do simplesmente verbal, uma vez que as associações ocorrem também entre textos visuais e sonoros: a função associativa aparece como princípio fundamental do hipertexto.

Tal condição nos faz postular que o texto digital constrói-se a partir de uma intertextualidade infinita. Nesse sentido, Rezende (2000) estabelece que o hipertexto eletrônico mimetiza, de maneira literal, o diálogo entre textos, “criando condições técnicas para reunir num contexto específico, diversas vozes, visões, pontos de vista, pensamentos” (p.4)

Se observarmos que o texto digital ganha forma a partir do cruzamento recíproco de diferentes textos, podemos dizer que seu processo de feitura reproduz concretamente o sentido do dialogismo proposto por Bakhtin (1997), pois a teoria bakhtiniana entende o texto como elemento “tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras” (Barros, 2003:4).

Na verdade, a revolução eletrônica mudou nossa capacidade de produção e recepção de textos. Chartier (1997) defende a idéia de que o conceito de *objeto* pode aplicar-se a um livro, mas não à tela de um computador, por exemplo. Trata-se de um outro enquadre, pois o texto proveniente da tecnologia digital não é organizado em páginas prototípicas, nem pode ser manuseado. O texto eletrônico apresenta outra estruturação, suas fronteiras não são mais claramente delimitadas, sendo a quebra de linearidade característica da disponibilização de

todo hipertexto (Braga, 2004:145). A produção textual via computador revela-se em toda sua dinamicidade, pois, ao possibilitar o cruzamento de diversos textos, permite que cada leitor se aproprie inventivamente da obra que recebe (Chartier, 1997:12-19).

Nesse caminho, Xavier (2002) postula que o hipertexto apresenta características próprias em relação ao texto impresso. As diferenças mais evidentes seriam a imaterialidade, a não-linearidade, a intertextualidade infinita e a confluência de modos enunciativos. Esta última possibilitou a emergência do modo de enunciação digital¹⁶, cuja ordem operacional é a “desordem” e a lógica de funcionamento não é a cartesiana-aristotélica.

A visualização da arquitetura do texto virtual leva a compreensão do hipertexto como um mapeamento de associações possíveis entre textos. Isto é, a tessitura hipertextual funcionaria como uma representação das redes de sentidos que estabelecemos na leitura de um texto qualquer. Os links seriam as representações dessas redes que o autor propositalmente apresenta ao leitor, como estratégia de marcar seu próprio percurso como autor, seu estilo, sua história, seu lugar de autoria, e delineando que caminhos o leitor pode perseguir nesta(s) sua(s) leitura(s) (Cavalcante, 2004:167).

De qualquer modo, Halliday (1996:358) já observava a tendência de os escritores incorporarem, cada vez mais em seus textos, elementos não-verbais. Tal tendência parece mais intensificada atualmente a partir da conjugação de diversas semioses permitida pela atividade hipertextual. O entrecruzamento de textos verbais e não-verbais, possível a partir do surgimento das novas tecnologias, está acabando por desconstruir toda a oposição entre fala e escrita (idem, 1996^a). O novo modelo de produção e recepção da escrita proposto pela rede digital representa uma mudança em nossas relações com os textos que até então circulavam na sociedade, constituindo-se em um novo letramento (Bolter, 1991).

¹⁶ Segundo o autor, o modo de enunciação digital se caracterizaria pela combinação e justaposição simultâneas de todos os modos enunciativos precedentes. Este modo de enunciação só é possível em razão da natureza plural, multimodal e intersemiótica do hipertexto. Como equação semiótica-enunciativa, a enunciação digital se ligaria a conceitos como mesclar, somar, convergir.

Apesar do domínio da escrita, a atividade textual na internet é produzida dentro de um suporte¹⁷ específico – no caso, o monitor do computador – resultando em mudanças significativas em nossos comportamentos de leitura quando nos defrontamos com os textos virtual e impresso (Silva, 2003).

A espetacular adesão dos diversos setores da sociedade à rede nos coloca diante de uma nova revolução na maneira de nos comunicarmos. Em uma primeira análise, torna-se evidente que a virtualização da comunicação estabeleceu uma nova maneira de percebermos o tempo e o espaço. Tal alteração espaço-temporal deve-se ao jeito como a rede digital opera, quer dizer, a partir de um terminal de computador nos é possível acessar informações à distância, transferir arquivos, conversar, fazer compras, tudo numa fração de minutos e sem necessidade presencial. Esta nova realidade, inaugurada pela rede digital, representou mudanças em nossos vínculos sociais e em nossas relações com o conhecimento.

Portanto, o ciberespaço¹⁸ descortina novas dimensões interativas impossíveis de imaginarmos em meios de comunicação anteriores. Em sua organização, pode-se dizer que o meio eletrônico põe em funcionamento uma estrutura de comunicação que congrega diversas linguagens. Tal estrutura, de certo modo aparentada à televisão¹⁹, persegue mais radicalmente a experiência interacional. Se nos programas televisivos a interação entre usuários é limitada pelas próprias características do meio, na comunicação mediada pelo computador (CMC) esta é posta em primeiro plano e entendida como condição central.

¹⁷ Na definição de Marcuschi (2003), pode-se dizer que *suporte* de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto, tornando-o acessível para fins comunicativos. Como idéia central, o autor defende que o suporte apresenta relação com o gênero, não ficando indiferente a ele. Isso quer dizer que não operamos do mesmo modo com os textos em suportes diversos. O suporte não muda o conteúdo textual, mas nossa relação com ele, não só por permitir uma interferência no texto (fazer anotações, sublinhar, etc.), mas também por manter um contato diferenciado com ele.

¹⁸ Pierre Lévy (1999:92) define o termo como espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Esta definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmite informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

¹⁹ Constatamos um parentesco entre as duas tecnologias em razão de uma observação mais imediata. Em ambas, ocorre a integração de diversas linguagens (verbais e não-verbais), além da possibilidade, entre outras, de abrigarem eventos em tempo real.

1.3 A rede digital como mediadora dos processos de interação social

A comunicação mediada pelo computador traz em seu cerne não só o conceito digital, mas também as noções de simultaneidade/justaposição, interface, interatividade e interação. Estas inovações revolucionaram as mídias até então existentes. Guillaume (2004:149) argumenta que a experiência computacional ancora-se em um amplo poder comutativo²⁰. Em contrapartida, veículos de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, são mídias irradiantes e pouco comutativas (o único dispositivo interativo que a TV oferece é o controle remoto). Contrariamente, o computador, no trato com textos e imagens, faz surgir o hipertexto ou hiperdocumento, em que um texto ou imagem – dotados de *links* – abre a possibilidade de conexões múltiplas e conseqüente comutação com outros documentos da rede, em uma “teia” (*web*) praticamente infinita.

De fato, esse mecanismo de funcionamento pode ser verificado na própria gênese do sistema de informática. Lévy (2000:45), ao comentar a criação do PC *Apple* a partir da descrição de Jeffrey Young, pondera que o computador pessoal foi construído paulatinamente, interface por interface, em camadas, uma recobrando as outras. Cada elemento sucedia o outro, expandindo o sentido daquele que o precedia e permitindo conexões com outras redes cada vez mais extensas em analogia com a própria construção do hipertexto.

Assim, a justaposição de camadas que se interconectam e possibilitam seu acesso simultâneo aparece como condição da realidade computacional. Johnson (2001) salienta que, sem a construção de interfaces, os computadores seriam meras máquinas de cálculo. Para ele, a revolução digital dependeu da capacidade de auto-representação do computador, ou seja, da capacidade do sistema de traduzir instruções matemáticas em elementos acessíveis e manipuláveis pelos seres humanos. A partir do momento em que ocorre a tradução da

²⁰ Para o autor, comutação é definida como função que reúne todas as operações que permitem, antes, durante ou depois de um processo de comunicação ou de informação, pesquisar, estabelecer, manter, modificar ou interromper as conexões entre os elementos pertinentes a esse processo.

informação digital em textos verbais e não-verbais, o computador constitui-se espaço interativo e interacional.

Esta parece ser a grande diferença entre as mídias tradicionais e a chamada hipermídia: a interatividade. Bettetini (1993:69) define o termo como sendo a capacidade do sistema de acolher as necessidades do usuário e satisfazê-lo. A interatividade num ambiente hipermídia implica imaginarmos um usuário ambivalente, ou seja, alguém que participa ativamente do processo informacional. Outros meios de comunicação apresentam apenas um caráter monodirecional, não admitindo uma equivalência de papéis entre os interlocutores. Na rede digital, apesar de existirem alguns parâmetros pré-figurados pelo sistema, as escolhas que o usuário pode fazer e os caminhos que pode percorrer são ilimitados. O internauta preenche ao mesmo tempo estas duas instâncias: é o responsável pela construção (ao selecionar os dados que lhe interessam) e também é o usuário final dos textos por ele selecionados.

Adotando como recorte as questões de interatividade e interação, realizáveis a partir da tecnologia computacional, visualizamos dois níveis comunicativos distintos que ocorrem na rede digital: os processos de comunicação entre o sistema e seus usuários e entre usuários em uma situação mediada pelo sistema (Danet, 1995:9).

Ao trabalhar as noções de interatividade e interação, Jensen (1999) apesar de reconhecer a diferença entre os termos²¹, recomenda que pensemos a interatividade como uma relação de comunicação mediada por um sistema e que, observando-se as diferentes possibilidades de efetivação, se realizaria num *continuum*. Assim, o autor aponta para diferentes maneiras de interatividade como a realizável a partir da seleção do conteúdo informacional disponível na rede mundial de computadores, por meio do *input* de informações

²¹ Nas palavras do autor: “ (...) it would be expedient to retain the concept of ‘interaction’ in its original, strong sociological sense to refer to ‘actions of two or more individuals observed to be mutually interdependent’ (but not mediated communication) and to use the concept of ‘interactivity’ to refer to media use and mediated communication.” (p.182). Em tradução nossa: “(...) seria oportuno manter o conceito de ‘interação’, em seu sentido original, herdado da tradição sociológica, para referir às ‘ações mutuamente interdependentes observadas entre dois ou mais indivíduos’ (mas não no caso da comunicação mediada) e usar o conceito de ‘interatividade’ para referir a outros meios e à comunicação mediada.”(p.182).

em um sistema (interatividade consultacional) até aquela que se realiza no contato entre usuários mediados pelo sistema (interatividade conversacional)²².

Apesar dessas considerações, adotamos nesse trabalho a perspectiva de Belloni (2001) que, apropriando-se do conceito sociológico, afirma que a interação é uma “ação recíproca entre dois ou mais atores, onde ocorre intersubjetividade, isto é, encontro de dois sujeitos” (p.58), podendo, neste caso, acontecer direta ou indiretamente (quer dizer, mediada ou não por algum veículo). Já a interatividade apresenta-se como uma característica das tecnologias de informação e comunicação (TIC), implicando a possibilidade de o usuário interagir com uma máquina. A interatividade aplica-se somente à atividade humana dos usuários da máquina ao agirem sobre ela e receberem, em troca, uma “retroação”.

A comunicação mediada pelo computador (CMC) refere-se às aplicações dos computadores para a comunicação interpessoal direta. Neste contexto, a tecnologia computacional cumpre a função de mediadora e veículo, estando em primeiro plano o contato entre interlocutores humanos (Santoro, 1995). Nas modalidades de comunicação mediadas pelo computador, o meio eletrônico modifica fundamentalmente os parâmetros da interação, tanto entre o comunicando e seu texto, quanto entre os comunicandos (McCleary, 1996:9).

Essa condição transporta a tecnologia computacional de um espaço meramente interativo (marcado pelas relações usuário-sistema) para uma dimensão interacional, já que, conforme assinalado anteriormente, o conceito de interação é entendido sob o prisma da reciprocidade do comportamento das pessoas quando em contato umas com as outras (Preti, 2002).

Interessa-nos a relação interpessoal mediada pela rede digital e não a interação homem-máquina, uma vez que ambas integram sistemas distintos. Conforme salientou Primo (2001:118), a relação interpessoal, à qual pertence a CMC, integra a esfera do que chamamos

²² Jensen (1999) também identifica um terceiro tipo denominado *interatividade transmissional* que consistiria na capacidade do sistema de permitir escolhas já pré-figuradas ao usuário (como os dispositivos dos canais de televisão, por exemplo).

interação mútua, caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que os interagentes participam da construção inventiva da interação, afetando-se mutuamente. No tocante à interatividade entre um ser humano e um software, observamos uma linearidade situacional mais marcada por uma interação reativa, constituindo-se como um sistema fechado em si mesmo²³. A CMC não comporta dimensão única, mas é concebida como um sistema aberto em que os interlocutores assumem a responsabilidade conjunta pela construção discursiva. Dessa maneira, a CMC mostra-se como um sistema influenciado pelo contexto e, portanto, reage a ele.

Na perspectiva da CMC, o estudo dos gêneros discursivos revela-se mais produtivo, já que este trabalho, seguindo os preceitos de Bakhtin (1997), não entende gênero apartado da idéia de interação social. Na visão interativa da linguagem, o discurso é compreendido como uma construção coletiva, uma atividade colaborativa de todos os participantes envolvidos (Koch, 2003). Tal noção pressupõe troca – um diálogo com a presença de interlocutores – o que não acontece na relação homem-máquina. Portanto, no âmbito informatizado, a CMC constitui-se palco privilegiado em que se manifestam diversos gêneros discursivos.

Se, por um lado, a rede possibilita a interatividade usuário-sistema, por outro, também atinge a relação usuário-usuário, ao mediar os processos de interação social. Estas diferentes facetas da tecnologia digital conduzem à compreensão do computador não como simples máquina, mas sim como um dispositivo que nos permite ir além de nossas limitações mentais e físicas. A interconexão em rede, materializada pela internet, intensificou essa experiência, colocando-nos diante de um sistema complexo e dinâmico de informações. Em um sentido mais específico de fornecimento e comunicação de informações ao público, o computador se constitui como mídia.

²³ Segundo Primo (2001:123), em um sistema fechado, o meio não afeta o sistema, já em um sistema aberto existe uma troca entre o sistema e o ambiente.

Por outro lado, a definição do computador como mídia requer alguns cuidados. Como aplicar à comunicação via internet o termo mídia, também utilizado para meios como o rádio e a televisão? Seria uma definição adequada para um sistema distribuído de maneira global e dotado de ferramentas que possibilitam as pessoas recuperarem informações e comunicarem-se individualmente ou em grupo?

O termo *mídia* origina-se de uma apropriação terminológica da expressão latina *media*²⁴ utilizada por teóricos de língua inglesa dos meios de comunicação. Deriva de *mass media*, ou seja, “meios de massa”, tornando-se sinônima de meios de comunicação de massa (Chauí, 2006:35).

Caberiam nesse rol, todos os veículos capazes de difundir informações para um vasto público, e, num primeiro momento, teríamos de enquadrar a internet nesse grupo. Pensando na tecnologia computacional como mídia, Brito (2005), com base nas reflexões de alguns teóricos da comunicação, classifica o computador e a internet como pertencentes à categoria do que se costuma chamar mídia terciária, ou seja, tipos de veículos de comunicação que requerem aparelhos específicos para o contato com seus usuários. Lembra que se situariam nesse espectro a televisão e também o rádio.

Entretanto, acreditamos que compreender o computador como mídia terciária não dá conta das diversas possibilidades comunicativas oriundas dessa tecnologia. A dinâmica de funcionamento da internet difere diametralmente da televisão e do rádio, tornando-se impossível enquadrá-los em uma mesma categoria. A comunicação televisiva e radiofônica se processa por meio de um ponto central que irradia o conteúdo informacional para o restante dos aparelhos conectados. Assim, todos os pontos se comunicam exclusivamente com a central e dela dependem. Com relação à internet, todos os pontos da cadeia se equivalem em uma rede de trocas constantes. A estrutura da rede digital rompe qualquer hierarquia. Além

²⁴ Marilena Chauí (2006) explica que *media* é plural do nome latino *medium* (meio). “Quando os teóricos de língua inglesa dizem “the media”, estão dizendo “os meios”. (...) No Brasil, a palavra “mídia” passou a ser empregada como se fosse uma palavra feminina no singular – “a mídia”” (p.35).

disso, a equivalência de todos os pontos da rede permite a interação, a reciprocidade entre os internautas, o que não acontece nos outros dois casos.

Devemos também lembrar que, em decorrência do acúmulo de diversas semioses, convergem para a internet todos os meios de comunicação precedentes, como a televisão (em sites como *UOL TV* e *youtube.com*, entre outros), o telefone (em programas como o *skype*), jornais e revistas (em provedores e sites da imprensa nacional e internacional). Em vista de tais características, a internet é *sui generis*, não permitindo seu agrupamento junto a outros meios de comunicação.

Na verdade, devido à diversidade de aplicações e variadas possibilidades de comunicação interpessoal, a internet não consiste em uma mídia; ela transcende esse conceito, uma vez que se constitui pela combinação de todas elas (December, 1996). Assim, quando estudamos o termo mídia e sua relação com a sociedade, devemos ter cautela na abordagem da rede digital, pois sua complexidade requer do pesquisador a definição de uma unidade de análise.

Em nossa pesquisa, a partir da observação de três gêneros digitais distintos, elegemos como unidade de análise o tópico discursivo, pois examinamos como interagem os internautas quando debatem um assunto específico.

A discussão que pensamos ser mais produtiva é como a internet promove uma mudança em nossas formas de interação social, por meio da apropriação de gêneros discursivos precedentes, transformando-os e inaugurando novas práticas discursivas. A transmutação dos gêneros já é um dado previsto na teoria bakhtiniana:

No processo de sua formação eles [os gêneros secundários] incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial (...) por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do

romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. (Bakhtin, 1997:263).

Com base nessas reflexões e ancorado nas pesquisas de Marcuschi acerca do hipertexto, Araújo (2004) assinala que ocorre na internet uma transmutação e uma complexificação dos gêneros já difundidos socialmente. Assim sendo, o autor, ao observar as regularidades do correio eletrônico (e-mail), entende esse gênero como “estando no limite entre a carta e o bilhete” (p.95). Da mesma maneira, ocorreria nos bate-papos (chats) uma “transmutação do diálogo cotidiano para a esfera eletrônica” (idem, p.95).

Torna-se evidente que a internet provoca a releitura e uma reelaboração dos gêneros do discurso já previamente difundidos entre nós. Devido a esse fato, Crystal (2004) assume um tom revolucionário quando fala sobre esse novo domínio discursivo, recusando-se simplesmente a caracterizá-lo como “língua escrita em uma tela” (p.76):

No geral, o *netspeak* é mais compreendido como uma linguagem escrita que foi empurrada em direção à fala do que uma linguagem falada que foi escrita. Entretanto, expressar essa questão em termos de dicotomia tradicional é enganador. A comunicação mediada pelo computador não é idêntica à fala ou à escrita, mas exhibe certas propriedades seletivas e adaptáveis presentes em ambas. Ela também faz coisas que nenhum dos outros dois meios faz, oferecendo-nos problemas novos de gerenciamento de informações. (...) Por exemplo, a *persistência* de uma mensagem conversacional em uma sala de bate-papo – o fato de ela ficar na tela por um período de tempo (...) introduz propriedades novas de interação que não estão disponíveis na fala. (idem, p.89 e 90).

Como sabemos, quaisquer novos meios de produção de linguagem e processos comunicativos trazem em seu bojo novas formas de conteúdo de linguagem, produzindo novas estruturas de pensamento, diferentes formas de apreensão e inteligência do mundo. Conseqüentemente, as diferentes maneiras de compreendermos o mundo e, neste sentido, também as interações sociais sofrem profundas mudanças provocadas por este novo modelo. Assim, é natural que a cibercultura, ao inaugurar novas maneiras de nos comunicarmos, seja fundadora de novos gêneros discursivos.

1.4 A internet como fundadora de novos gêneros discursivos

Na concepção bakhtiniana (1997), qualquer gênero discursivo tem lugar dentro de uma atividade social, ou seja, dentro das mais diferentes esferas de atuação humana, o que implica dizer que a comunicação se dá por meio de gêneros. Cada gênero se caracteriza por conteúdos temáticos particulares, estruturas composicionais específicas e estilo próprio. Cabe salientar que tal definição articula-se com o contexto de produção do enunciado. Para Bakhtin (op.cit.), não podemos conceber gênero sem considerarmos intrinsecamente as condições histórico-sociais em que acontece a interação.

O gênero é lugar de encontro das propriedades discursivas e da realidade histórica. Existe como uma instituição que destaca as características constitutivas da sociedade a que pertence. É elemento de fronteira, pois, tendo como princípio a dinamicidade, o gênero não é um fato puramente discursivo, nem puramente histórico. Sendo assim, seria errôneo acreditarmos que os gêneros corresponderiam a uma mera classe de textos (Todorov, 1978).

A esse respeito, Erickson (2000:3) salienta a mudança de posicionamento da noção de gênero textual como mera classificação – herdada da tradição clássica – para um entendimento de gênero como elemento que compreende uma dimensão contextual; gênero deve ser analisado sob a perspectiva de sua relação com a sociedade, a história, a cultura e de sua intenção comunicativa. A definição de gênero, tal qual formulada por Aristóteles, deixa de ser uma categoria na qual as produções textuais se enquadram. Na visão atual, não só o produto lingüístico deve ser analisado, como também as condições e motivações de sua produção. Difunde-se o conceito de gênero como prática social, tendo como foco a interação verbal.

Sob esse prisma, devemos admitir a tecnologia digital como fundadora de novos gêneros discursivos. O próprio Bakhtin (1997) já considera, nas bases de seu pensamento, o universo dos gêneros ilimitado, argumentando que os gêneros discursivos são tantos, quantas

forem as possibilidades de comunicação humanas. Por extensão, o conceito de gênero abarcaria as variadas manifestações culturais e se originaria na própria capacidade de criação humana. Partindo desta reflexão, Machado (2002) concebe os gêneros como “um tecido criador de textos” que evoluem e se transformam, tornando-se elemento comum de diferentes sistemas. Assim, seriam elementos dinâmicos em transformação e que acompanhariam as novas formas de mediação na cultura. Neste sentido, “os gêneros digitais desafiariam a hierarquia, a fixidez e as classificações e liberariam as formas culturais colocando-as em interação” (idem, p.75).

O surgimento cada vez mais veloz de modalidades interativas que se estendem para além dos recursos verbais incorporando outras linguagens nos impõem repensar as noções já aceitas. Assim, Erickson (1997:4) vê como oportuna a discussão sobre os gêneros no contexto virtual, uma vez que as formas de comunicação mediadas pelo computador evoluem rapidamente, na esteira do desenvolvimento das tecnologias de transmissão de dados.

A volatilidade dos gêneros digitais é também apontada por Marcuschi (2004:19) que vê nesse ambiente um hibridismo muito acentuado (“inclusive com o acúmulo de outras representações semióticas”), apesar da comunicação processar-se fundamentalmente pela escrita. Estas condições próprias da CMC embaralham a noção de gênero quando pensamos naqueles já consagrados. Neste caminho, o estudo de Crystal (2001) sobre a linguagem na internet conclui que a rede mundial de computadores não só inaugura alguns gêneros novos, como recupera características de gêneros precedentes. Portanto, quando lidamos com o discurso eletrônico, devemos considerar o fato de a produção textual pegar emprestado características de outros gêneros, tanto falados quanto escritos. Neste sentido, Bordia (1996:150) sinaliza que a CMC caracteriza-se por “uma combinação dos estilos oral e escrito da comunicação”. Esta natureza híbrida faz da CMC um território singular para os estudos lingüísticos.

O ambiente digital, em todas as suas modalidades interativas, permite enorme variedade de realizações textuais em termos de formalidade/informalidade, sincronia/assincronia, proximidade/afastamento²⁵. Marcuschi (2004:36), ao aproximar os gêneros digitais de outros pré-existentes na comunicação tradicional escrita e falada, propõe como eixos de constituição básica dos gêneros sua produção temporal (sincronia/assincronia) e o envolvimento de dois ou mais participantes (comunicação bilateral/multilateral). Nesta perspectiva, teríamos gêneros como o ICQ, caracterizado como um diálogo de produção sincrônica, e outros como a lista de discussões (newsgroup) assíncrono e polilógico.

Com o objetivo de classificar as diferentes produções textuais no meio digital, Silva (2000) estabelece a dicotomia “interatividade tecnológica” e “interatividade situacional”. A primeira categoria compreenderia as situações comunicativas em que prevaleceriam a troca de mensagens e o diálogo entre interlocutores – chats, e-mails, grupos de discussões, blogs, etc. No segundo caso, teríamos a possibilidade de agir sobre o conteúdo e/ou programa – seriam os diferentes hiperdocumentos disponibilizados na rede para leitura.

Cabe salientar que Marcuschi (2004:25) não considera o hipertexto e a homepage gêneros, pois o primeiro se configuraria como um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros e o segundo operaria como um suporte destinado à localização de informações. Dessa maneira, para o autor, o sentido de gêneros virtuais aplica-se aos ambientes que possibilitam a participação interacional (e-mail, chats, entrevistas com convidados, listas de discussão, etc.), sendo que cada ambiente desses apresenta características próprias, forma composicional e estilo específicos.

Para Marcuschi (2003), uma *homepage* institucional comporta uma série de gêneros. Como exemplo, toma o servidor de internet Universo on-line (UOL) e conclui que se trata de um serviço ou suporte de outros suportes, já que ali estão revistas, jornais e livros.

²⁵ Para essa questão, devemos pensar em algumas modalidades que promovem a aproximação física entre os participantes com a utilização de câmeras que recuperam os dados extralingüísticos da interação (entrevistas com convidados, vídeo-conferências interativas, etc.).

A questão se revela mais complicada quando nos debruçamos sobre as demais *homepages* individuais e institucionais que fogem ao esquema anterior. Parece-nos que a organização estrutural desse gênero emergente não se encontra ainda plenamente consolidada, uma vez que é marcada por uma originalidade idiossincrática impressa em cada exemplar, o que torna difícil a elaboração de um arquétipo do gênero (Killoran, 1999).

Pesquisadores como Döring (2002) e Dillon e Gushrowski (2000), ao observarem tais *homepages*, defendem que essas se assentam em um determinado estilo composicional e apresentam determinadas regularidades temáticas, possibilitando sua classificação como gênero.

A pesquisa de Dillon e Gushrowski (2000) envolveu autores de *homepages* pessoais, procurando detectar sua percepção em relação ao seu conteúdo e à sua composição textual. Os internautas pesquisados foram convidados a selecionar elementos, de uma lista previamente elaborada com base em uma amostra de cem *homepages* pessoais, aqueles que necessariamente deveriam constar em uma *homepage* prototípica. Os pesquisadores visavam verificar se haveria um consenso entre os internautas em relação a um conjunto de elementos típicos desse modelo de produção textual.

Como resultado, os entrevistados indicaram que uma *homepage* pessoal prototípica deveria conter dados como título, endereço de e-mail do autor, um índice dos assuntos abordados, entre outras informações. Tal relevância de conteúdo foi verificada empiricamente no *corpus*²⁶. O levantamento permitiu concluir que os elementos constituintes apontados como mais importantes estavam presentes na maioria das *homepages* pesquisadas.

O estudo dos pesquisadores supracitados sugere uma estabilidade textual desse formato e a recorrência a determinados conteúdos, o que permite sua classificação como gênero discursivo. A esse respeito, Bezerra (2007), entre outros, assinala que a *homepage*

²⁶ Os pesquisadores selecionaram 100 páginas pessoais nos sites *The PeoplePlace* (www.tiac.net/users/domvon) e *Personal Pages Worldwide* (www.utexas.edu/world/personal) especializados em abrigar *homepages*.

tende a uma determinada padronização, motivada por práticas desenvolvidas por seus usuários. Tal padronização se verifica na própria difusão de livros e cursos disponíveis no mercado sobre a construção de *homepages* e também no fato de *webdesigners* adotarem sempre um modelo já convencionalizado para sua criação (idem, p.115).

De acordo com Döring (2002), esse novo gênero digital desempenha a função de representação do indivíduo.²⁷ Outro aspecto salientado pelo autor é a capacidade da página pessoal de funcionar como um dado a mais na percepção que fazemos dos outros que já nos são familiares ou que já conhecemos pessoalmente.

Sobre a questão das *homepages*, cabe salientar, ainda, a posição de Bezerra (2007) que, alinhando-se a outros pesquisadores, entende que esse gênero não possui paralelo direto fora da rede mundial de computadores, “ao contrário de outros textos veiculados pela internet” (p.114). Para o autor, a *homepage* seria um exemplo de gênero introdutório. Tais gêneros, em um sentido amplo, seriam:

os gêneros textuais que, no corpo físico ou virtual de um determinado suporte, usualmente se agregam ao gênero ou gêneros principais como uma proposta de leitura prévia, em termos de orientação, resumo e promoção da leitura dos gêneros que são “introduzidos”. Em matéria de textos convencionais, os gêneros introdutórios encontram o seu lugar, por exemplo, em livros acadêmicos, bem como em revistas científicas ou ainda em dissertações de mestrado ou teses de doutorado (Bezerra, 2007:114).

Sem dúvida, as diversas possibilidades comunicativas conferem à interação via internet características muito particulares quando comparadas ao modelo conversacional face a face. A dinâmica da interação computacional promove o afastamento dos interlocutores²⁸ e, segundo Braga (2000:122):

²⁷ Nesse gênero, desempenhariam importante papel elementos, como o design gráfico e a qualidade das informações apresentadas, uma vez que contribuiriam para uma impressão mais positiva da pessoa ou da instituição retratada (Döring, 2002).

²⁸ Esse afastamento já estaria presente na própria idéia de “mediação” inerente à tecnologia computacional.

O que caracteriza fundamentalmente a interação mediatizada é dispormos (à diferença do modelo conversacional) de uma produção objetivada e durável, que viabiliza uma comunicação diferida no tempo e no espaço, e permite a ampliação numérica e a diversificação dos interlocutores.

Como vemos, o meio digital apresenta um modo muito particular de contextualização, característica determinante para a configuração de um gênero discursivo. Quando abordamos o ato enunciativo no meio digital, devemos considerar sua realização por meio de interfaces específicas, e, para que a interação aconteça, é imprescindível entendermos seu funcionamento: a CMC representa um novo enquadre cognitivo (Marcuschi, 2004). Assim como a comunicação escrita nos exigiu o aprendizado gráfico da língua, a tecnologia digital requer o domínio de mecanismos específicos em seus ambientes interativos. A produção dos enunciados no “discurso eletrônico” condiciona-se à familiarização a esses mecanismos. Entretanto, não é nosso objetivo explicar como funcionam essas ferramentas, mas sim situá-las como condição essencial para a efetivação da CMC, principalmente, no caso dos debates pela internet.

Como podemos observar nos gêneros advindos do meio eletrônico, a complexidade da enunciação digital verifica-se na maneira como funde vários elementos – som, imagem, escrita – numa diversidade de relações. A constante transformação ou hibridização é inerente a todos os gêneros textuais o que insere os gêneros digitais em uma realidade comum a todo e qualquer gênero (Pagano, 2001).

O maior efeito que a comunicação mediada pelo computador e o advento dos gêneros digitais parecem exercer é na reestruturação da nossa visão de linguagem, da cultura e da própria cognição, ou seja, o meio eletrônico nos impôs reorganizar a visão que temos desses conceitos (McCleary, 1996:218).

Conforme destacam Xavier e Santos (2000):

Tal reordenação compreende entender que a construção do discurso eletrônico conduz à reconfiguração das formatações tradicionais da escrita, à superposição de sistemas semióticos e à mistura de várias funções sócio-comunicativas dos diversos gêneros discursivos ligados à fala e à escrita, remolduradas em um novo espaço de enunciação.

No próximo capítulo, observamos como se constrói a interação nesse novo espaço enunciativo em termos de sincronia/assincronia, interfaces, papel dos participantes e número de interlocutores. Neste sentido, os três gêneros digitais analisados (lista de discussão, *chat* com convidados e fórum eletrônico) se assemelham quanto à presença de inúmeros interlocutores, o que nos leva a postular que a interação digital apresenta forte inclinação polilógica.

CAPÍTULO II

Os gêneros digitais

2.1 As particularidades da conversação na CMC

As teorias em que nos ancoramos até o presente momento nos possibilitam afirmar que a produção hipertextual e, conseqüentemente, as interações via computador inauguram novos gêneros discursivos, denominados gêneros digitais. Tais gêneros emergentes valem-se de características daqueles que os precederam, transmutando-os, uma vez que a natureza do contato eletrônico não só altera significativamente a relação social entre os indivíduos, como também suas escolhas lingüísticas nesse novo contexto.

O texto digital distancia-se do texto prototípico em razão de transformar-se em uma estrutura semiótico-discursiva: os elementos não-verbais passam a fazer parte da organização textual, ou seja, som e ilustrações integram o todo do texto sendo também responsáveis pela construção de sentido e possíveis caminhos de leitura. Dessa maneira, a relação com o discurso digital pressupõe um maior gerenciamento de informações²⁹ da parte de seus interlocutores.

Também no nível lingüístico, o discurso produzido na CMC apresenta uma peculiaridade própria que se verifica na maneira como funde as características oral e escrita da língua³⁰. A linguagem distancia-se da norma culta, passando por um processo de adaptação e modificação para servir melhor a seus usuários nesse novo contexto. Assim, o léxico se expande com o surgimento de novas expressões, abreviações, neologismos semânticos, criando uma nova forma lingüística que atenda a rapidez e a velocidade da comunicação digital.

²⁹ Esse maior gerenciamento não se evidencia somente na relação dos usuários com os elementos não-verbais que se incorporam ao texto, mas também na própria relação com as ferramentas necessárias para produção das mensagens no meio eletrônico.

³⁰ Voiskounsky (1997) aponta em suas pesquisas que, apesar de escrito, o discurso eletrônico guarda muitas semelhanças com a conversação oral cotidiana. Essa aproximação se evidenciaria por um estilo mais informal da linguagem que inclui o tratamento dos participantes pelo primeiro nome, a adoção de gírias e diferentes tipos de piadas verbais e gráficas entre eles.

Alguns estudiosos, como Wouters e Gerbec (2003), na esteira dos estudos de Thompson (1998), defendem que a comunicação por meio da tecnologia computacional se desenvolve dentro da dicotomia *interação mediada* e *quase-mediada*. Segundo esses autores, a interação mediada se caracterizaria pela troca de mensagens entre interlocutores dentro de padrões pré-moldados pelo sistema. Enquadrariam-se nessa tipologia, os *chats*, *e-mails*, *fóruns*, etc. Já a interação quase-mediada se diferenciaria daquela, a priori, por não se definir em função especificamente da troca de mensagens entre interlocutores envolvidos no processo. Nesse sentido, se assemelhariam a outras mídias, como o rádio, a televisão e o jornal. No meio eletrônico, fariam parte desse grupo, os *sites* e *blogs*, por exemplo.

Partindo dessa definição, em um ambiente de interação mediada, ou seja, centrado na troca de mensagens entre interlocutores, existem também algumas variáveis que precisam ser administradas pelos participantes no momento da conversação, tais como o número de interlocutores que tomam parte no processo comunicativo e o fato de a comunicação acontecer de maneira síncrona ou assíncrona.

Quando comparada ao tradicional modelo da interação face a face, a conversação *on-line* apresenta, entre outras, algumas peculiaridades apontadas por Herring (1999), tais como a impossibilidade de sobreposição de mensagens, a falta de um *feedback* simultâneo decorrente da ausência de contato áudio-visual e a interrupção dos turnos conversacionais adjacentes em virtude das inúmeras mensagens serem postadas no sistema na ordem em que são recebidas.

Com base em estudos de outros pesquisadores, Primo (1997) salienta que a comunicação mediada apresenta quatro diferenças fundamentais em comparação às formas convencionais de interação. Seriam elas: o anonimato que permite aos internautas esconderem sua própria identidade ou escolherem outras para si; a falta de informações sobre o *status* social dos interlocutores decorrente desse anonimato; a ausência de dados paralingüísticos e a

espontaneidade das relações já que não existem limitações (ou um *feedback* regulador) impostas pela aparência ou posição social.

Também podemos apontar, como outra característica, o fato de a interação mediada ser dotada de uma natureza mais reflexiva do que a comunicação face a face, pois o usuário tem a capacidade de pensar e reformular seu discurso durante todas as etapas do processamento textual, ou seja, o internauta pode pensar seu texto antes de compor sua mensagem, antes de enviá-la, no momento em que lê a contribuição dos outros participantes e mesmo quando lê as repostas de sua mensagem (Glazer, 2003). Tal atitude parece difícil de ser verificada nas situações face a face, em vista do processamento e da realização textual acontecerem de modo concomitante.

Alguns pesquisadores, como Fávero, Andrade e Aquino (1999), ao estudarem a dinâmica da conversação face a face, constatam que um *feedback* áudio-visual simultâneo desempenha papel significativo na interação, no que se refere à negociação dos turnos e mesmo na manutenção do contato entre os interlocutores. Assim sendo, a conversação eletrônica tenderia à maior descontinuidade, pois a ausência dessa condição fragilizaria o laço entre os participantes.

O envolvimento dos interlocutores também parece ser mais fragilizado nas interações assíncronas, uma vez que a temporalidade distendida favoreceria a dispersão do foco conversacional. Em gêneros digitais assíncronos, como o *e-mail* e o *fórum de discussões*, por exemplo, o intervalo entre as mensagens pode levar dias ou meses, ao passo em que, nas interações síncronas, essa diferença no tempo de resposta é menor.

O aspecto sincrônico de algumas interações em gêneros digitais, como os *chats* e *entrevistas com convidados*, aproxima-os da tradicional conversação face a face. Entretanto, vale ressaltar que a sincronicidade no meio eletrônico distancia-se parcialmente do conceito que conhecemos. Nas interações faladas, o acesso às contribuições dos participantes é

imediatamente, ao passo em que no discurso eletrônico devemos considerar que a troca de mensagens está condicionada à interface computacional, ficando a interação sujeita a lacunas temporais nos momentos em que os internautas digitam suas mensagens até estas se tornarem disponíveis pelo sistema aos demais interlocutores³¹.

A supressão de uma linearidade textual e temporal nos faz pensar, à primeira vista, que a conversação na CMC tende a ser confusa, agramatical e incoerente. Na verdade, a interação mediada assume uma dinâmica própria, diferente dos encontros presenciais e, sob essa ótica específica, deve ser estudada.

Quando defendemos a idéia de que o discurso produzido na internet é estruturalmente incoerente, é porque pensamos as questões de coesão e coerência textuais baseadas, ainda, na tradição textual impressa ao invés da realidade digital. Na perspectiva impressa, é comum definir *texto* como uma seqüência coesa e coerente de enunciados, cabendo ao leitor seguir tal estrutura organizada para entender o que o autor disse (Marcuschi, 2000).

Contrariando essa visão, para os estudiosos da Linguística de Texto, a coerência não é uma propriedade textual, mas sim uma perspectiva interpretativa. Assim, cabe ao leitor organizar as informações presentes em qualquer texto e delas depreender um sentido. Como afirma Marcuschi (2000), “não se trata de dar predomínio ao leitor, nem de dizer que ele é o responsável direto e único pelo sentido, mas que ele dirige os movimentos que conduzem a construção do sentido”. Ainda, na opinião do autor, a produção hipertextual materializa, de maneira exemplar, a dispersividade discursiva³² a que estamos submetidos.

Também é interessante pensarmos na maneira como os usuários dessa nova tecnologia se adaptam a esse novo meio interacional. Uma vez que as formas tradicionais de *feedback*

³¹ Tais lacunas temporais também são conhecidas como *lags* na literatura especializada.

³² Marcuschi (2000) argumenta que os textos que circulam cotidianamente entre nós por meio dos canais de TV, rádio, jornais, telefone, conversa com amigos já refletiriam a realidade hipertextual, ou seja, diariamente já estaríamos expostos a uma selva de textos em vertiginosa sucessão. Nesse sentido, a internet representaria, por excelência, o verdadeiro mix discursivo dessa virada de século.

são alteradas por esse jeito de se comunicar, os internautas necessitam adotar outras estratégias que procurem sinalizar a manutenção do contato e mesmo a negociação dos turnos.

Em seus estudos, Herring (1999) aponta que a própria dinâmica do sistema favorece a tomada de turno, já que, nas interações mediadas, vale a máxima de que cada mensagem enviada ao sistema corresponderia a um turno. Entretanto, a autora observou que um usuário regular do IRC (internet relay chat) costumava digitar o símbolo % para sinalizar a seus interlocutores mais familiares que havia encerrado seu turno.

Dentre as estratégias de manutenção do contato empregadas pelos internautas, podemos citar o uso dos *emoticons*³³ que, usados entre uma contribuição e outra, reforçam o contato e encorajam o interlocutor a prosseguir a conversação. A criação desses caracteres gráficos pretende recuperar o envolvimento emocional entre os interlocutores e representam uma tentativa de expressar sentimentos, mesmo estando afastados fisicamente. “As emoções experimentadas por usuários de computador não deixam de existir simplesmente porque estão sendo mediadas por máquinas, apenas assumem outro formato e circulam de outra forma” (Fontes, 2007:73).

Tais questões revelam-se mais complicadas quando pensamos nas interações assíncronas. Tanto a negociação dos turnos quanto a manutenção do contato seguem uma outra dinâmica quando nos deparamos com algumas modalidades interativas que se estendem por tempo indeterminado.

Nessas modalidades, parece-nos importante aferir se existe alguma regularidade no período de latência entre a troca de mensagens. Em uma situação assíncrona, qual o tempo aceitável para que uma mensagem seja respondida? Com o objetivo de encontrar essa

³³ Expressão criada a partir das palavras *emotion* (emoção) e *icon* (imagem). Os *emoticons* podem ser definidos como sinais gráficos recorrentes na correspondência eletrônica, utilizados para transmitir emoções e sensações aos interlocutores. Seu sucesso se deve à facilidade de digitação e também por serem visualmente atrativos. O *emoticon* mais conhecido é o sorriso ☺ (in: www.viphostsystem.com/glossario/glossario.htm)

resposta, Kalman; Ravid; Raban e Rafaeli (2006) estudaram três gêneros digitais assíncronos distintos em busca de um padrão temporal no envio e recebimento de mensagens.

Esses autores analisaram a troca de correspondência eletrônica (*e-mail*) entre os funcionários da empresa norte-americana Enron, um *fórum de discussões* mantido por uma Universidade, para que seus alunos discutissem os cursos nela oferecidos e um serviço de suporte pago do site de buscas Google, o *Google answers*, que fornece respostas às curiosidades e dúvidas científicas de seus assinantes. Ao contabilizarem as mensagens trocadas nesses três gêneros, os pesquisadores observaram que o tempo médio de resposta da maioria delas (cerca de 80%) era de aproximadamente 48 horas. Após esse período, as mensagens de resposta geralmente eram enviadas com pedidos de desculpas ou explicações.

O padrão descrito por esses pesquisadores nos leva a crer que, em interações assíncronas, o período de latência aceitável pelos internautas investigados era de aproximadamente três dias, sendo que, findo esse prazo, o silêncio de uma das partes tendia a ser interpretado como grosseria ou falta de polidez³⁴.

Apesar desses resultados, a violação das regras de polidez nas interações via computador ainda é uma questão muito controversa e mais difícil de ser mensurada. Embora a comunicação por meio da internet esteja muito difundida, não existem, entre os usuários da CMC, regras de etiqueta muito bem definidas de como a interação deva se processar. Como uma determinada mensagem é interpretada dependerá do seu contexto de comunicação, da relação entre os interlocutores envolvidos, das normas sociais e mesmo do conhecimento de mundo e características pessoais do indivíduo (Glazer, 2003).

Outro fator relevante que devemos observar é que a CMC afasta-se do modelo tradicional de conversação diádica. Os gêneros digitais, em sua maioria, possibilitam a participação de diversos interlocutores, revelando a natureza polilógica da comunicação

³⁴ Vale salientar que as lacunas temporais de situações síncronas, mais precisamente da conversação face a face, foram estudadas por McLaughlin e Cody (1982). Suas pesquisas concluíram que ocorre um “lapso conversacional” quando algum interlocutor permanece sem responder ao outro por mais de três segundos.

mediada. Tal característica torna o jogo interacional mais complicado e a negociação entre os participantes mais conflituosa.

A CMC deve ser entendida como um ambiente complexo composto por múltiplos participantes, interfaces específicas e temporalidade própria - condições típicas difíceis de serem encontradas em outros ambientes. As teorias tradicionais que investigam as relações diádicas são insuficientes para analisar em detalhes as interações nesse meio, pois não incorporam os elementos próprios desse sistema.

Das características aqui apresentadas, a constituição do polílogo não é somente um aspecto distintivo da comunicação digital, mas, como veremos adiante, uma realidade da dinâmica social que nos cerca.

2.2 A interação polilógica como realidade efetiva da comunicação

Há uma tendência a considerar uma atividade interativa prototípica como sendo uma realização textual entre duas pessoas (Kerbrat-Orecchioni, 2004). Isto ocorre em virtude da ampla utilização entre nós da palavra “diálogo” como sinônimo de “conversação entre duas pessoas”, apesar de sua etimologia³⁵. Entretanto, observamos em nossas relações sociais, situações interativas compostas de múltiplos participantes: reuniões de negócios, encontros familiares, relações dentro de uma sala de aula, etc.

Levinson (1988) já assinalava que, ao privilegiarmos a noção de diálogo como referente a toda e qualquer situação interativa, reduzimos a amplitude e a complexidade que as interações polilógicas, abundantemente verificadas em nosso cotidiano, apresentam. De fato, quando analisamos o contexto social em que ocorrem os processos interacionais, vemos

³⁵ Conforme já sinalizado nos estudos de Fávero, Andrade e Aquino (1999), entre outros pesquisadores, Kerbrat-Orecchioni aponta para a confusão que existe entre os prefixos *dia* e *di*. Desde a Grécia, o prefixo *dia* significa “através, por meio de” e não “dois” conforme a crença geral. Portanto, a autora preferirá a expressão “dílogo” para referir-se à interação entre duas pessoas.

que as atividades comunicativas compostas por apenas dois participantes não se apresentam como situação dominante.

A interação *polilógica* caracteriza-se como atividade discursiva que envolve diversos interlocutores (Kerbrat-Orecchioni, 2004). Esta modalidade interacional assume diversas configurações, uma vez que compreende a participação de mais de dois falantes até, teoricamente, um número incontável de pessoas. Neste sentido, conceitualmente, as situações polilógicas diferenciam-se das relações diádicas, pois, na primeira, observamos que o processo de negociação entre os falantes revela-se mais complexo e o revezamento de papéis entre falante e ouvinte, por vezes, não é claro. A alternância de turnos tende a não obedecer regras específicas, sendo comum a violação das regras de seleção dos falantes (assaltos, truncamentos, passagens sem consentimento ou inobservância de lugares relevantes para transição - LRT). A sobreposição de vozes é recorrente e a construção textual está mais sujeita a digressões e truncamentos de idéias. Prevalece a condição assimétrica do discurso, com riscos de alguns participantes serem deixados de lado em alguns momentos da interação, em virtude da *coalizão* constituída por outros.

Em vista disso, as conversações compostas por múltiplos participantes mostram-se mais conflituosas, já que estão mais expostas às violações de regras do sistema conversacional estabelecido pelas relações diádicas. Apesar das constantes subversões do esquema de funcionamento de turnos e do truncamento e digressão de tópicos, nesta modalidade interacional os participantes sentem mais diluída sua obrigação de cooperar na construção do discurso.

As relações polilógicas não se resumem, tipologicamente, à participação de múltiplos interlocutores e, segundo Grosjean e Traverso (1998:51), o número de participantes não é fundamentalmente a principal questão. Outra característica relevante é como o grupo se organiza em torno de um foco comum durante a interação.

Com relação ao debate eletrônico, interessa-nos investigar como os diversos interlocutores se organizam em torno de um mesmo tema, seu papel participativo e suas estratégias argumentativas. Para tanto, procederemos à descrição dos gêneros discursivos selecionados como *corpus*, em que se manifesta uma situação de debate: a lista de discussão (*newsgroup*), o *chat* com convidados e o fórum eletrônico.

2.3 A descrição do gênero lista de discussão (*newsgroup*)

Marcocia (2004) define grupos de discussão (ou “newsgroup”) como um fórum hierarquicamente organizado para internautas interessados em um assunto específico. A conversação acontece através de mensagens eletrônicas (e-mails) enviadas pelos participantes e listadas no site promotor do evento. O próprio endereço eletrônico do grupo já é essencialmente temático, indicando o assunto que será tratado no fórum (por exemplo: uol.folha.ciencia.clonagem).

A operação da lista é realizada pela figura de um moderador (*webmaster*) que faz a triagem das mensagens, pois pode ocorrer de alguns participantes inoportunamente oferecerem contribuições inadequadas aos propósitos do grupo, portanto, “há um código de ética que censura a operacionalidade dessas listas” (Marcuschi, 2004:58).

No site em que os e-mails são armazenados, os usuários encontram a lista completa de mensagens enviadas, obedecendo a seguinte apresentação: data (em ordem cronológica), emissor (em ordem alfabética) e assunto (organizado hierarquicamente em seqüências). Os assuntos são organizados dentro da lista conforme os usuários salvam suas mensagens. Outros participantes consultam esta lista posteriormente, abrindo as mensagens armazenadas, lendo-as e decidindo se irão respondê-las ou não. As respostas podem ser dadas ao grupo ou encaminhadas diretamente ao e-mail do emissor inicial. Esses participantes também podem

contribuir com uma nova mensagem e, neste caso, o sistema não possibilita a seleção de um destinatário exigindo que o participante se dirija ao grupo.

A atividade interativa, dentro de um grupo de discussões na internet, pode ser descrita como uma situação polilógica intermediada por um canal eletrônico, ou seja, um polílogo “on-line”. A atividade discursiva nestes grupos caracteriza-se pela assincronicidade, pois as mensagens podem ser enviadas ao fórum a qualquer momento e lidas na hora em que algum usuário estiver conectado.

Podemos perceber que (inversamente aos *chats*) não existe a necessidade de os participantes permanecerem simultaneamente conectados, para que a discussão aconteça: os usuários podem escrever, ler e responder as mensagens em momentos diferentes; o aspecto assincrônico dota essa situação de uma temporalidade própria.

Quando analisamos globalmente a estrutura conversacional, notamos “lacunas temporais” entre uma mensagem inicial e outras correlatas àquela. Isso acontece, porque a comunicação não se dá simultaneamente, quer dizer, quando um usuário lê uma mensagem encaminhada ao fórum, ela já pode ter sido enviada há alguns dias. O que acabamos de indicar pode ser exemplificado pelo anexo I (p. 160), discussão de que participaram cinco pessoas (linhas 16 a 20), o qual reproduzimos abaixo:

“Amanda”	<u>Uma pergunta</u>	6 Apr 2004
“Rodrigo”	<u>Re: Uma pergunta</u>	6 Apr 2004
“Marco Hundsdorfer”	<u>Re: Uma pergunta</u>	14 Apr 2004
“Luiz Bento”	<u>Re: Uma pergunta</u>	19 Apr 2004
“jessica”	<u>Re: Uma pergunta</u>	8 May 2004

No intervalo selecionado, vemos que a pergunta inicial data de 6 de abril e o último movimento de resposta foi produzido em 8 de maio. Segundo Erickson (1999), essa atividade interacional mediada pelo computador pode ser definida como uma “conversação persistente”, pois tem um desenvolvimento temporal próprio, uma vez que existe a possibilidade do par

adjacente ser produzido, por exemplo, uma semana depois da primeira parte do discurso e enxertado na seqüência da conversação. Assim, o *newsgroup* distingue-se como um tipo particular de conversação: uma “conversação descontinuada”, nas palavras de Kerbrat-Orecchioni (1990:217). Esta temporalidade particular também pode fazer com que uma mensagem seja mandada em tempo real e não seja percebida pelos demais usuários.

Ainda com relação à estrutura do *newsgroup*, os usuários defrontam-se com problemas de organização do discurso, pois o sistema requer que o usuário especifique o(s) destinatário(s) de sua mensagem e o posicionamento desta na seqüência da conversação. Assim, a nova mensagem é integrada à estrutura, sendo possível sua visualização pelos demais participantes no ponto do discurso em que o usuário inicial determinou. Para as possíveis réplicas, o sistema propõe a mesma dinâmica, em que o usuário subsequente define a posição no discurso de sua mensagem-resposta.

Ao observar a atividade interacional em uma lista de discussão, podemos nos apropriar da terminologia de Goffman (1981:134-135) uma vez que se desenvolve um “estado interativo aberto”, pois os participantes não têm necessariamente a obrigação de contribuir com turnos, permanecendo em silêncio de acordo com sua vontade. Também, a extensão do discurso não é claramente definida, pois esse se organiza através de uma temporalidade dilatada, envolvendo pausas e retomadas. O *newsgroup* permite a qualquer participante juntar-se à conversação em qualquer momento, seja como mero observador, ou mesmo iniciando tópicos, ou ainda contra-argumentando proposições anteriores.

Nesse sentido, apropriando-nos das reflexões de Fornel (1989:33), caracterizamos essa modalidade como uma interação focada em um objetivo específico, mas que se desenvolve de maneira difusa. Por essa razão, Marcocchia (2004), ao observar o gênero lista de discussão, pondera que sua dinâmica de funcionamento tende à pulverização dos temas e conseqüente subdivisão das discussões em focos menores. Com relação a este aspecto, o *newsgroup*

assemelha-se à maioria das situações polilógicas: a falta de um foco coletivo e a existência de vários focos (Grosjean; Traverso, 1998:55-56).

2.3.1 A estrutura conversacional

Os estudos de Marcoccia (2004) acerca da lista de discussão como gênero discursivo sinalizam para algumas características específicas presentes em sua estrutura conversacional. A partir de um estudo empírico realizado em diversos *newsgroups* com falantes de francês, durante um período de dois meses (junho/julho de 1997), o autor observou que a interação era composta de múltiplos participantes, freqüentemente as mensagens eram truncadas, as seqüências conversacionais muito curtas e o posicionamento das mensagens na estrutura conversacional aleatório.

a) Múltiplos participantes

Na lista de discussão, a interação é estruturada a partir de múltiplas conversações (compostas por diálogos ou polílogos) e não a partir de um único movimento conjunto em virtude do comportamento do vasto número de participantes: os usuários se envolvem simultaneamente em diversos subgrupos. Na análise de nosso corpus - anexo I, p.160 - observamos que Marco Hundsdorfer, entre outros interlocutores, envolve-se em discussões diferentes, conforme se observa pelos títulos das mensagens destacados abaixo (linhas 10 e 18):

“Marco Hundsdorfer”	<u>Re: Profecias...existem</u>	22 Apr 2004
“Marco Hundsdorfer”	<u>Re: Uma pergunta</u>	14 Apr 2004

b) Mensagens truncadas

O autor classifica uma mensagem como truncada quando ela não produz uma resposta ou um par adjacente. Em sua pesquisa, constata que a metade das mensagens enquadra-se nessa categoria. Na verdade, tal situação ocorre quando um participante inicia algum tópico discursivo e não obtém a adesão dos demais. Assim, a mensagem fica “solta” no todo conversacional e, como tal turno não contribui ao desenvolvimento de nenhum tópico, tem-se uma mensagem truncada.

A explicação para esse fenômeno, ainda segundo Marcoccia (2004), deve-se ao caráter assíncrono da interação. Por apresentar uma temporalidade dilatada, os participantes intuem que uma mensagem inicial tem um “prazo de validade” (principalmente se for uma pergunta). Essa temporalidade própria também contribui para o truncamento de mensagens, na medida em que os participantes não se sentem na obrigação de respondê-las de imediato. No anexo I (p.160), encontramos à linha 15, entre outras, mensagens nessas condições:

“Fernanda”

clonagem

16 Apr 2004

Vemos que a interlocutora “Fernanda” propôs-se a iniciar uma discussão intitulada “clonagem”, mas não obteve sucesso, pois não observamos, na lista de discussão, nenhum movimento seqüencial de resposta dada pelos outros participantes. Em uma situação face a face é pouco freqüente que algum interlocutor não responda ao questionamento de um outro (embora saibamos da importância do silêncio). O fato de algo assim ocorrer no *newsgroup* pode revelar um maior distanciamento e menor envolvimento que nas situações face a face. Devemos considerar, também, que qualquer participante pode responder diretamente ao e-mail do emissor inicial; portanto, algumas mensagens consideradas truncadas podem ter sido respondidas fora do *newsgroup*.

c) Sequências curtas

Em sua pesquisa sobre a lista de discussão, Marcoccia (2004) conclui que uma seqüência conversacional geralmente comporta não mais que cinco mensagens. As inserções são apresentadas após a mensagem inicial (cf. linha 16 do anexo I – p. 160) e organizadas subsequencialmente (cf. linhas 17, 18, etc.), conforme indicamos:

16	“Amanda”	<u>Uma pergunta</u>	6 Apr 2004
17	“Rodrigo”	<u>Re: Uma pergunta</u>	6 Apr 2004
18	“Marco Hundsdorfer”	<u>Re: Uma pergunta</u>	14 Apr 2004
19	“Luiz Bento”	<u>Re: Uma pergunta</u>	19 Apr 2004
20	“jessica”	<u>Re: Uma pergunta</u>	8 May 2004

Essa apresentação dificulta entendermos a seqüencialização da conversa, pois não conseguimos aferir, seguindo o intervalo entre as linhas 16-20, se a mensagem da linha 20, por exemplo, foi produzida em relação às linhas 16, 17, 18 e 19 ou mesmo em relação a todas. Na realidade, Marcoccia (2004) argumenta que, ao responder uma premissa qualquer, não temos a certeza de que os usuários leram as reações expressas previamente pelos outros participantes. A análise da seqüência conversacional expressa nas linhas supracitadas (anexo I, pp. 161-162, no espaço entre as linhas 44-103), a qual reproduzimos na seqüência, esclarece melhor a questão:

16.

Assunto: Uma pergunta
Data: 6 Apr 2004 11:56:12 -0300
De: “Amanda” >
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Essa é uma pergunta que ninguém ainda fez: clone tem alma??

17.

Assunto: Re: Uma pergunta
Data: 6 Apr 2004 18:00:44 -0300
De: “Rodrigo” <daltojs@cidadeinternet.com.br>

Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Clone somente é um ser com as aparencias identicas a um outro ser.
Ele leva sua vida, independente do seu "modelo original".

18.

Assunto: Re: Uma pergunta

Data: 14 Apr 2004 16:22:38 -0300

De: "Marco Hundsdorfer" <hundsdorfer@ig.com.br>

Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Cara Amanda.

Gêmeos idênticos têm alma? Porque clones são nada mais, nada menos, que gêmeos idênticos em essência. Possuem a mesma carga genética que outro ser, só isso. Quem inventou a clonagem não foi o homem, mas a própria natureza. (veja, como exemplo, os guepardos na África, que possuem, devido a seu pequeno número, pouquíssima variação genética). O homem manipula uma possibilidade feita pela própria natureza, só isso. É fato que este conhecimento pode ser utilizado para o bem ou para o mal. Mas, a religião também pode, não é mesmo? (Vide história). Gostaria de propor uma discussão. Quem mais gerou conflitos e mortes durante toda a história humana? As religiões ou a ciência? Obrigado pela atenção.

19.

Assunto: Re: Uma pergunta

Data: 19 Apr 2004 12:04:29 -0300

De: "Luiz Bento" <luiben@ig.com.br>

Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Amanda, não sou cientista e nem pretendo aqui ficar conversando sobre suposições. A Alma é uma justa suposição do ser humano carente, que fica imaginando coisas. Voce já viu alguma alma? Será que ela existe. Ninguém tem condições de clonar um sonho por exemplo. Eu diria a voce que a alma é um sonho da fragilidade humana. Do ponto de vista científico a gente clona apenas matéria. Portanto o clone não tem alma e nem o ser humano. Ok?

20.

Assunto: Re: Uma pergunta

Data: 8 May 2004 13:11:25 -0300

De: "jessica" <tudorepetido@hotmail.com>

Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

te respondo com outra pergunta, irmaos gemeos univitelinos tem almas distintas? se vc acha que sim entao clones tem almas sim pois os gêmeos sao clones naturais

As mensagens das linhas 18 e 19 são dirigidas nominalmente à interlocutora "Amanda", responsável pela inicialização do tópico, mas não conseguimos precisar se os participantes leram as respostas anteriores ao formular suas mensagens. Assim, não sabemos se o interlocutor "Marco Hundsdorfer" (18) acessou o turno de "Rodrigo" (17) ao dirigir-se a "Amanda" (16). Vemos, em 18, uma proposta de discussão ("gêmeos idênticos têm alma?") já

levantada em 17 (“clone é somente um ser com as aparências idênticas a um outro ser”); entretanto, pela dinâmica da interação, não podemos aferir se a mensagem-resposta 17 foi relevante para a formulação do discurso em 18.

A interlocutora “Jessica”, na linha 20, responde a “Amanda” (tanto o posicionamento na estrutura conversacional como o marcador de segunda pessoa “te” evidenciam isso) com outra pergunta: “irmãos gêmeos univitelinos têm almas distintas?”. Da mesma forma, não conseguimos saber se “Jessica” retoma, de fato, uma discussão iniciada por “Marco Hundsdorfer” (18) ou se ela não leu toda a seqüência conversacional.

Por meio dos exemplos, parece possível detectar que alguns participantes não lêem todas as mensagens correspondentes para responderem, não tendo acesso a outros argumentos que complementam a conversação. Conforme exposto anteriormente, o mecanismo de funcionamento do polílogo “on-line” nos faz questionar: qual é, na realidade, o conhecimento que têm os interlocutores dos turnos de todos os participantes na conversação de que tomam parte? No intervalo supracitado, não há marcas que nos revelem se os interlocutores tiveram acesso às premissas anteriores no momento de formulação de suas mensagens.

d) Posicionamento das mensagens

Algumas vezes, a ordem seqüencial dos enunciados é aleatória. Mensagens são postas na posição inicial, mas, na verdade, referem-se a um tópico já introduzido, tratando-se, pois, de um movimento de reação a tópicos anteriores. Também verificamos movimentos de resposta enxertados em pontos diferentes na seqüência conversacional (como nas linhas 13 e 14 que se relacionam às mensagens do intervalo 33-36) – cf. anexo I, p.160:

Linhas 13 e 14:

“Mostradanusgyn”	<u>Re: Vamos acorda pra vida band*</u>	19 Apr 2004
“Mostradanusgyn”	<u>Re: Vamos acorda pra vida band*</u>	19 Apr 2004

Linhas do intervalo 33-36:

“guilherme”	<u>Vamos acorda pra vida band*</u>	8 Mar 2004
“Reginaldo Pereira Martins”	<u>Re: Vamos acorda pra vida band*</u>	15 Mar 2004
“wagner albuquerque ribeiro”	<u>Re: Vamos acorda pra vida band*</u>	1 Apr 2004
“Carlos Pedro”	<u>Re: Vamos acorda pra vida band*</u>	13 Apr 2004

Analisando essa diferença no posicionamento, Marcoccia (2004) questiona: mesmo observando tal diferença, teríamos o direito de julgar que o participante se enganou ao integrar sua mensagem ao restante da estrutura? Isso significaria alguma dificuldade do usuário com o sistema? Haveria alguma possibilidade de esse posicionamento ter sido intencional? Até que ponto esse posicionamento aleatório é relevante para a conversação? Além disso, se julgarmos que o participante se enganou, não estaremos defendendo a idéia de que sabemos mais sobre a interação em curso do que os próprios participantes?

2.3.2 A definição de papéis no *newsgroup*

De acordo com Goffman (1981), qualquer evento comunicativo envolve não somente o locutor e o interlocutor, a quem se dirige a mensagem, como também todas as instâncias presentes no ato interativo. Com relação ao fórum de discussões, podemos detectar diversos graus de envolvimento na conversação, o que determina a definição de alguns papéis desempenhados pelos participantes.

Uma primeira definição de papéis pode ser proposta com base na distinção mais evidente: o *newsgroup* divide-se em usuários que enviam mensagens e aqueles que apenas contentam-se em lê-las. Este segundo grupo se comportaria como “espiões”, pois seus integrantes não revelam nenhum traço de sua presença, mas “escutam” as discussões às escondidas.

A respeito destas categorias, Marcoccia (2004) identifica entre os participantes que emitem mensagens, os ocasionais e outros denominados “anfitriões”. Estes últimos

distinguem-se daqueles pelos seguintes aspectos: mandam mais mensagens que outros participantes (responsáveis pela maioria dos movimentos iniciais); respondem mais mensagens que outros interlocutores (movimento de resposta); revelam-se mais familiarizados com o funcionamento das interfaces do sistema e desempenham o papel de “experts” dentro do grupo; costumam tratar os participantes de forma amigável e mais íntima, contando piadas e usando apelidos como referência aos outros; conduzem a conversação, propondo novos temas, iniciando seqüências e fomentando as discussões.

Apesar dessas distinções apontadas pelo autor em suas pesquisas, na análise do *corpus* não identificamos participante que cumpra a função de “anfitrião” do grupo.

Ao analisar os textos produzidos em grupos de discussão, Marcoccia (2004) observa que a elaboração discursiva compreende três níveis de produção: transmissor (a assinatura eletrônica utilizada para a veiculação da mensagem); autor (responsável pela elaboração textual, podendo permanecer implícito) e idealizador (responsável pela formulação do discurso, a quem atribuímos o ato retórico – Ducrot, 1980:38).

Devemos salientar que esses três níveis podem referir-se a um mesmo interlocutor, mas também a interlocutores diferentes. O exemplo, transcrito a seguir, fornece parâmetros para o melhor entendimento desses três níveis (anexo I - p.162, linhas 95 a 99):

20.

Assunto: Re: Uma pergunta
Data: 8 May 2004 13:11:25 -0300
De: “jessica” <tudorepetido@hotmail.com>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Nesse caso, tanto o autor quanto o idealizador respondem pela mesma instância (“jessica”), sendo o transmissor marcado pelo e-mail: tudorepetido@hotmail.com.

Com relação às categorias de destinatários, Goffman (1981) define três níveis: os destinatários diretos (nomeados diretamente), destinatários indiretos (compostos pelos outros

participantes do grupo) e os destinatários fortuitos (formados pela classe denominada “espiões”). Devemos considerar que os participantes não se encontram engessados nesses papéis, mas sim flutuam de uma a outra posição, conforme a interação acontece.

Os destinatários de uma mensagem-resposta são percebidos pela direta nomeação do sistema, por meio de um cabeçalho contendo os dados do emissor. Além disso, notamos o destinatário através da própria organização discursiva (as mensagens iniciais e seus respectivos movimentos de resposta apresentam-se seqüenciados), conforme observamos no exemplo extraído do Anexo I, p. 160, linhas 9 e 10:

De	Assunto	Data
“Nivaldo Nicoliche”	<u>Profecias...existem</u>	22 Apr 2004
“Marco Hundsdorfer”	<u>Re: Profecias...existem</u>	22 Apr 2004

O locutor “Nivaldo Nicoliche” introduz o tópico “Profecias... existem” e “Marco Hundsdorfer” responde ao turno daquele o que pode ser percebido pela repetição do título da mensagem no campo destinado ao assunto, além da marcação inicial “Re:” que também sinaliza tratar-se de um movimento de resposta. Contudo, essa identificação fica prejudicada quando as mensagens não se encontram posicionadas sequencialmente dentro da estrutura conversacional.

2.4 O bate-papo (*chat*) com convidados: outra face do debate eletrônico

Podemos definir o *chat* com convidados como um tipo de serviço prestado por servidores comerciais, ou ligados a órgãos de imprensa, que sempre põem à disposição dos internautas uma personalidade com a qual os interessados interagem (Marcuschi, 2004:51).

Partindo de sua descrição, percebemos que o *chat* com convidados é uma espécie de bate-papo eletrônico que se configura como atividade pertencente à esfera de sentido das

entrevistas, em que seu objetivo é o interrelacionamento humano, sendo os tópicos introduzidos conforme a conversação acontece (Fávero, 2000). Nesse ambiente, a interação pode acontecer em torno de um único tópico, como também se dispersar em diversos tópicos. Em relação à lista e/ou fórum de discussão, a conversação centra-se em um tópico específico lançado aos debatedores com o objetivo de discutir problemas sociais comuns (Aquino, 2005).

O *corpus* coletado (anexo II - pp. 164-166) aponta para o esquema de debate realizado no ambiente dos *chats*. O Dr. Roger Abdelmassih, especializado em reprodução humana, discute com os internautas a utilização de células-tronco para fins terapêuticos.

A respeito da estrutura dos *chats*, Fonseca (2002) enquadra essa situação mediada pelo computador com a presença de um mediador, tópico, data e horário pré-estabelecidos na categoria de *chat especial de texto*. Em razão da centralidade do tópico, vemos que este tipo especial de bate-papo propicia o debate, ao contrário de outras situações neste ambiente em que a multiplicidade de temas compromete o embate argumentativo.

Da maneira como se organiza, o *chat* com convidados na internet constitui uma situação polilógica intermediada por um canal eletrônico. Seu funcionamento é muito similar ao dos *chats* abertos, ou seja, a interação é síncrona; entretanto, o único que responde é o convidado revelando uma assimetria na produção textual desta modalidade discursiva. Contrariamente ao fórum eletrônico e à lista de discussão (*newsgroup*), essa modalidade de *chat* não propicia diferentes níveis associativos entre os participantes, já que esses somente interagem com a figura do convidado e encontram-se impossibilitados de selecionarem outros parceiros em vista da própria dinâmica da interação. Nesse tipo específico de *chat*, o locutor focalizado é sempre o convidado e, conseqüentemente, o único destinatário das mensagens. Dessa forma, as conversações paralelas e as interações com subgrupos não acontecem nesse tipo de CMC (Firmino, 2005).

Os múltiplos participantes enviam suas perguntas que são selecionadas por um mediador e encaminhadas ao convidado. Assim, todos os que acessam podem mandar suas perguntas e ver as perguntas dos outros, como também, todos lêem as respostas do convidado. Quando observamos tal esquema de funcionamento com a presença de diversos interlocutores, percebemos que, excetuando-se o mediador e o convidado que são categorias mais bem delimitadas, o grupo formado pelos demais indivíduos compreende níveis distintos de participação, assim definidos:

Participantes efetivos: constituído por aqueles que efetivamente realizam seus turnos (selecionados pelo mediador).

Participantes não-efetivos: composto por aqueles que mandam perguntas, mas não tem seu turno efetivado (não selecionados pelo mediador).

Participantes observadores: constituído por aqueles que não enviam perguntas, mas apenas observam a conversação.

Os participantes não se encontram engessados nesses papéis, mas sim flutuam de uma a outra posição, conforme a interação acontece. Devemos também salientar que novos participantes podem juntar-se à interação a qualquer momento, bem como deixar a sala antes de seu término. Tal esquema faz com que o *chat* com convidados tenha um número muito elástico de participantes.

Evidentemente, o convidado não é capaz de dar atenção a todos os interlocutores e o contato entre ele e os participantes fica condicionado à triangulação com o mediador. A figura do mediador aparece como reguladora do sistema, garantindo o fluxo conversacional e a intercompreensão dos falantes. Assim, a conversação se estrutura a partir de pequenos dílogos, levando-nos a postular que as conversações com quatro ou mais participantes nada mais são do que estruturas diádicas e triádicas (André-Larochebouvy, 1984³⁶). No *corpus*

³⁶ *Apud* Fávero e Aquino (2002).

selecionado, esta mecânica de funcionamento é subvertida somente ao final da interação, quando o convidado dirige seu turno a todos os participantes no intuito de sinalizar o final do debate, conforme o segmento (anexo II – p.166, linha 104):

Dr. Roger: Obrigado a todos e boa noite.

De qualquer modo, a instância mediadora desempenha função essencial, pois regula e controla o referido evento comunicativo. O mediador não contribui diretamente com turnos, mas os seleciona e, por conseguinte, decide os tópicos e os rumos da conversação. Alguns participantes podem fazer perguntas inconvenientes e desconfortáveis para o convidado; dessa forma, somente as perguntas consideradas pertinentes ao debate serão respondidas. Em razão de seu papel, exerce um poder velado sobre a interação que talvez se confunda com as inclinações ideológicas³⁷ do próprio *site* patrocinador do encontro.

Necessariamente, as condições de produção do discurso impõem a presença de um mediador para nortear e permitir que a conversação se estabeleça, evitando que o encontro sucumba pela sua própria característica polifônica e multifacetada. A dispersão temática, favorecida pela dinâmica da internet, é também contornada a partir da figura mediadora. Pode ser que o mediador desempenhe a função de minimizar os problemas de comunicação que as interações polilógicas desencadeiam numa tentativa de poupar o desgaste do convidado.

Embora figure como participante inativo, no que se refere a sua contribuição com turnos, o mediador não fica sem atividade, pois são de sua incumbência a administração do tempo do debate, a ratificação dos turnos dos demais interlocutores e o desenvolvimento do tópico a partir da seleção dos falantes.

³⁷ No sentido de ideologia como uma “visão de mundo”, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social (cf. Fiorin, 1988).

2.4.1 A construção discursiva no *chat* com convidados

A partir das condições de produção específicas do gênero *chat* com convidados, descritas no item anterior, procederemos à análise de sua formulação discursiva e suas semelhanças e diferenças com o *internet relay chat (IRC)*, seu gênero fundante.

Nesse gênero, o mediador detém o poder sobre a interação apesar de não participar diretamente com turnos. Somente os demais participantes contribuem com turnos, mas dependem deste mediador para sua aprovação/efetivação. Neste sentido, o cuidado com a elaboração discursiva será muito mais rigoroso neste gênero do que nos *chats* comuns do IRC, pois a argumentação dos falantes não levará somente em conta o convidado, mas também, e principalmente, o crivo desse mediador.

Assim, o mediador conduz a interação de acordo com seus interesses e/ou do *site* promotor do debate, buscando de algum modo selecionar, dentre as contribuições dos participantes, aquelas que apontem para um conteúdo informacional maior e mais relevante, evitando, em contrapartida, as repetições de temas e perguntas impertinentes. A participação dos interlocutores fica condicionada à seleção do que se vai dizer e da forma como se vai dizer, ou seja, os enunciados dos participantes somente tomarão parte na conversação, dependendo, em larga medida, de sua relevância informacional.

Em vista do exposto, o mediador exerce papel fundamental, pois ele não só organiza a interação, como também é responsável pelo encaminhamento da discussão (no sentido do desenvolvimento dos tópicos). Desempenha a função de um editor, uma vez que seleciona as contribuições dos demais participantes.

A dinâmica interacional do *chat* com convidados aponta para uma aparente contradição quando levamos em consideração o ambiente em que ocorre. A internet é, prototipicamente, um espaço sem censura, um lugar que acolhe a todos, sendo uma arena em que se manifestam quaisquer opiniões. O absoluto controle nas mãos do mediador contrasta

com a idéia amplamente difundida de que a rede mundial de computadores é um ambiente democrático.

Contrariamente, na interação em foco, a censura é elemento constitutivo. O gênero *chat* com convidados se constrói a partir de um exercício autoritário. Em outros gêneros em que tradicionalmente se manifesta o debate, o mediador controla o tempo de contribuição de cada participante sem, entretanto, regular o que se vai dizer. No gênero *chat* com convidados tal intervenção é absoluta.

Essa característica preponderante desafia a capacidade de integração e conciliação de diferentes vozes observada por Lévy (1999). Para ele, o ciberespaço se constitui a partir de um “dilúvio informacional” em que todos contribuem com idéias sem que umas prevaleçam sobre as outras. Entretanto, a interação em foco aponta para o sentido contrário a esse padrão.

Adotando as reflexões de Lévy (op.cit.), ao sancionar as diversas mensagens e exercer um papel autoritário, o moderador priva os demais internautas de expressarem suas opiniões e de contribuírem com a expansão da rede. O crescimento da rede mundial de computadores só é possível na medida em que, na busca pelo outro, o internauta acessa esse espaço e torna-se um emissor em potencial. A multiplicidade de vozes move e impulsiona o ciberespaço e, nesse sentido, o moderador tende a limitar tal expansão. Essa inclinação restritiva contraria a vocação libertária tradicionalmente observada na internet, como o dissemos.

De qualquer modo, é ao redor da figura de autoridade do mediador que o discurso se constrói. O texto ganha forma a partir do momento em que o mediador dá voz a diversos locutores, revelando uma construção discursiva altamente polifônica (Ducrot, 1987). É importante notar que, pela maneira como o gênero se estrutura, temos a percepção inicial de que o *chat* com convidados se institui como um espaço democrático, já que permite o acesso a qualquer locutor em qualquer ponto da interação. Entretanto, os participantes que têm seus turnos efetivados tendem a ser aqueles que estão em consonância com a ideologia do

mediador e/ou do site que abriga o encontro. Em vista do caráter restritivo imposto pelo mediador, a aparente democratização do espaço discursivo tem, na verdade, um caráter monofônico, apesar da heterogeneidade de vozes.

Todavia, a formulação do discurso procura criar um efeito de sentido de imparcialidade, ou seja, busca construir uma realidade pautada na neutralidade e objetividade (aproximando-se do gênero jornalístico), embora saibamos que não exista um discurso neutro, imparcial; há sempre subjacente uma ideologia³⁸ (Benveniste, 1976).

A preocupação em asseverar a reprodução na íntegra do bate-papo (*Leia abaixo a transcrição do bate-papo na íntegra* – Anexo II, p.164, linha 25) busca transmitir a idéia de isenção do site e/ou do mediador na construção do discurso.

Esta “maneira de dizer” cria a sensação de que o discurso se constrói por si, sem a intervenção e o direcionamento de ninguém. É um modo de enunciar que revela uma imagem do mediador, identificado com valores como isenção, imparcialidade, neutralidade, objetividade. É esta representação que o mediador faz de si que leva à adesão dos co-enunciadores ao universo de sentido criado por ele, ou seja, os participantes aderem a esta realidade, tendendo a acreditar no afastamento e na neutralidade do mediador.

Com relação à disposição da página, percebemos que ela não obedece à padronização do gênero *chat*. Vemos que informações, como a cronometragem do tempo das mensagens e o nome dos diversos locutores, encontram-se suprimidas. Este fato faz com que as diversas vozes do discurso sejam apagadas, ocorrendo uma miscigenação entre a figura do mediador, que representa o *site* responsável pelo debate, e dos demais interlocutores.

No tocante à temporalização, observamos que o texto do bate-papo institui predominantemente um tempo presente marcado pela coincidência entre o momento de referência e o momento da enunciação. Segundo Benveniste (1976), nesse caso, a enunciação

³⁸ As questões ideológicas não serão aqui exploradas, uma vez que nossa pesquisa não se vincula à corrente crítica do discurso.

opera no tempo do discurso, ou seja, no espaço do *aqui e agora*, conforme exemplos extraídos do anexo II, p.164 – linhas 32 e 33:

Pergunta: **Imagino** que agora **vai ser** uma correria nas clínicas de fertilização para ver quem **vai doar** seus embriões congelados. Como isso **vai funcionar**?

Mas, logo na abertura, o texto opera no plano da enunciação dito “história” – assim como a matéria jornalística – caracterizado pelo relato de fatos acontecidos sem envolvimento do locutor. Neste sentido, prevalecem as marcas pronominais da não-pessoa (terceira pessoa)³⁹ (Benveniste, 1976). Exemplos (anexo II, p.164 – linhas 8 a 11):

A Câmara de Deputados **aprovou** na noite de quarta-feira (2) a Lei de Biossegurança, que **estabelece** normas de segurança e mecanismos de fiscalização em todas as atividades relacionadas aos OGM (organismos geneticamente modificados) e seus derivados. (*grifo nosso*) (...)

Ainda com relação ao anexo II, página 164, linhas 15 a 18, observemos a contextualização:

Para debater o assunto com os internautas, a [AOL](#) **convidou** o urologista *Roger Abdelmassih*, que **tem** cerca de 200 trabalhos científicos publicados no exterior e **proferiu** mais de 700 palestras em congressos e cursos nacionais e internacionais ao longo de sua carreira. (*grifo nosso*)

A discussão de um fato social relevante e polêmico também aproxima o debate analisado do conteúdo temático próprio do gênero jornalístico. A semelhança com o jornal se dá pela busca de maior informatividade evidenciada na iniciativa do *site* em disponibilizar aos participantes mais *links* sobre o assunto discutido. Conforme exemplos presentes no anexo II, página 164 – linhas 3 a 7:

³⁹ Tais fatos observados com relação à temporalização nos fazem postular que essa modalidade interativa reúne características presentes tanto nos gêneros digitais (como o *chat*), quanto impressos (como o jornal).

- :: **Fórum AOL:** [clique aqui e dê a sua opinião](#)
- :: **Notícias AOL:** [leia entrevista com o Dr. Roger sobre células tronco](#)
- :: **Debate AOL:** [a esperança nas células-tronco](#) | [a semente da discórdia](#)
- :: **Denis L. Rosenfield:** [a vida e as células-tronco](#)
- :: **Google:** [veja o que já foi publicado sobre células-tronco](#)

O uso da língua condiciona-se diretamente ao contexto em que os enunciados são produzidos e às relações existentes entre os participantes (Eggins, 1994). Neste aspecto, tanto o perfil do entrevistado quanto o assunto tratado remetem o debate a uma esfera mais formal. Em situações informais, as relações entre os interlocutores se traduzem, no nível lingüístico, pela utilização de formas abreviadas, vocativos, gírias e uma tendência de uso de um léxico que expressa a atitude dos participantes. Em contrapartida, em situações formais observa-se a ocorrência de expressões de polidez evitando-se gírias, o uso de itens lexicais mais complexos e de modalizadores de atenuação ao se fazer um pedido. Conseqüentemente, uma situação formal promove o distanciamento afetivo entre os participantes, ao passo que uma situação informal caracteriza-se por sua proximidade (idem, ibidem).

O grau de formalidade/afastamento é sinalizado pela utilização de expressões de tratamento mais respeitadas (“Pergunta: O **senhor** é favorável a esta lei que mata uma pessoa para servir outra?” – anexo II, p.164, linha 26). Além disso, a maior presença, nos enunciados, de termos lexicais recorrentes ao universo científico (tais como: “nervo lingual” – p.165, linha 45; “células-tronco” – p.165, linha 51; “divisão celular” – p.165, linha 44, etc.) sinaliza para um conteúdo temático não familiar à conversação cotidiana.

O maior rigor na formulação dos enunciados também podemos atribuir ao fato de o Dr. Roger ser uma figura importante nos meios acadêmicos e, nesse sentido, ter uma imagem a zelar perante a opinião pública. Dessa maneira, a preocupação com sua auto-imagem favorece uma elaboração textual mais cuidadosa.

Conseqüentemente, podemos deduzir que este maior grau de formalidade contribui para que os locutores monitorem mais sua digitação, revelando um maior cuidado na formulação textual no bate-papo com convidados do que nos *chats* do IRC. Nesta segunda modalidade, a interação entre os participantes tende a acompanhar mais a espontaneidade da fala (Nader, 2001). É muito provável que isso se deva ao fato de o *chat* do IRC constituir-se como um espaço interacional isento do controle de um mediador. A conversação flui livremente ao contrário do *chat* com convidados, onde os enunciados dos participantes parecem demandar um grau maior de planejamento.

Assim, nos reportando ao *continuum* tipológico estabelecido por Marcuschi (1997), concluímos que, em vista de suas condições de produção, o debate analisado se situaria mais próximo das produções escritas.

2.5 O fórum eletrônico

Podemos definir um *fórum eletrônico* como um espaço virtual cuja função é dar suporte a uma comunidade discursiva, ou seja, dar suporte a um conjunto de indivíduos que partilham um interesse comum (Paiva e Rodrigues Jr., 2004).

O fórum eletrônico pode ser também descrito como uma página da *web* em que os internautas buscam soluções rápidas para os problemas coletivos, expressando opiniões, perguntas e mesmo inserindo *links* que possam colaborar na elucidação do assunto debatido. Uma das grandes contribuições dessa modalidade seria o desenvolvimento de um espírito participativo dos interlocutores, uma vez que o sucesso das discussões depende do alto grau de envolvimento deles (Brito, 2004).

Anteriormente à informatização das sociedades contemporâneas, o gênero *fórum* foi sempre compreendido como atividade discursiva que consistia na discussão de problemas específicos, tanto em comunidades civis quanto institucionais. Assim, um *fórum* consistiria na

exposição de opiniões diversificadas, procurando, por meio de um amplo debate, encontrar coletivamente soluções para os problemas que lhe deram origem⁴⁰ (Xavier; Santos, 2005).

Na Roma antiga, o fórum referia-se a grandes assembléias em que todos tinham a oportunidade de participar informalmente manifestando sua opinião sobre temas de interesse comuns. A cada expositor era determinado um tempo para sua argumentação e, seqüencialmente, todos que quisessem opinar tinham também a palavra respeitado esse mesmo limite. Para o cumprimento de tais regras era necessária a existência de um mediador e, por vezes, um secretário (Brito, 2004).

Ancorados em tais reflexões, podemos afirmar que o gênero digital em questão representaria uma transmutação do gênero fórum da antigüidade latina, que por se desenvolver em um ambiente interacional diverso daquele, apresenta distinções significativas que nos permitem classificá-los como gêneros distintos. Contrariamente ao fórum convencional, em um fórum eletrônico as discussões não acontecem em um espaço físico determinado, também a quantidade de participantes é praticamente ilimitada e as discussões apresentam uma temporalidade indeterminada em vista do caráter assíncronico da interação. Conseqüentemente, tal temporalidade dilatada dispensa a presença de um secretário que regule o tempo de participação de cada indivíduo.

Atualmente, percebemos na maioria dos portais de acesso à internet grande recorrência aos fóruns, nos quais os usuários são convidados a opinar sobre os mais variados assuntos, por meio de debates e enquetes. Acreditamos que esse gênero é utilizado estrategicamente pela maioria dos provedores no sentido de atrair os internautas para suas páginas, mantendo-os mais tempo expostos a seu conteúdo.

⁴⁰ Nesse sentido, Paiva e Rodrigues Jr. (2004) apontam para a etimologia da palavra fórum que significa lugar de reunião.

2.5.1 O funcionamento do e-fórum

O *corpus* analisado foi coletado da seção de debates do extinto provedor América online (AOL) nos endereços *noticias.aol.com.br/pinga_fogo/2005/0006.adp* e *forum.aol.com.br/foro.php*. Nesse fórum, os participantes eram convidados a opinar sobre o estatuto e plebiscito do desarmamento por meio das perguntas: *desarmar a sociedade reduziria a violência?* e *você acha que o desarmamento é uma boa solução?* Com o intuito de fomentar as discussões, a página inicial dessa seção, além de trazer informações referentes ao plebiscito em si (anexo III, p. 168), reproduzia também entrevistas concedidas pelos deputados Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP) e Jair Bolsonaro (PFL-RJ), refletindo posicionamentos contrários com relação à questão (anexos III.1 e III.2, pp. 170-171 e 173-174, respectivamente).

O contexto situacional já sugere o embate de posições e antecipa a polarização de opiniões no fórum entre os defensores ou não do estatuto do desarmamento. De maneira geral, a interação se movimenta em torno dessa divergência, conforme segmentos extraídos dos títulos das mensagens postadas pelos internautas:

eu votei NÃO

(cf. anexo III.3, p. 176, linha 13)

AOS Q VOTARAM NO NÃO

(cf. anexo III.3, p. 178, linha 140)

NÃO

(cf. anexo III.3, p. 179, linha 189)

Atenção pessoal do SIM!!!

(cf. anexo III.3, p. 175, linha 125)

MENSAGEM AOS PROFETINHAS “ZEN” DO SIM...

(cf. anexo III.3, p. 186, linha 547)

Vitória do não é um protesto da sociedade civil

(cf. anexo III.3, p. 191, linha 796)

O título das mensagens supracitadas mostra o confronto direto de pontos de vista. Com base nas perguntas propostas pelo fórum, os defensores do *sim* são partidários da proibição do

comércio de armas e munições, enquanto os internautas alinhados ao *não* defendem sua comercialização. No fórum eletrônico, o título das mensagens funciona como introdutor do tópico discursivo e, pelos exemplos, percebemos que na introdução do tópico, os participantes já sinalizam seu posicionamento.


Retomando o que havíamos sinalizado na introdução deste trabalho, salientamos que a página inicial da seção debates, bem como, as entrevistas supracitadas foram reproduzidas nos anexos desse trabalho no sentido de contextualizar a interação. Entretanto, como nosso objeto de investigação está focado no debate mediado pelo meio eletrônico, analisaremos somente as mensagens enviadas ao fórum pelos interlocutores no período de 23 de outubro/2005 a 06 de dezembro/2005.

Apesar de a discussão ter sido promovida pelo site no início daquele ano (aproximadamente em março de 2005), escolhemos o período acima mencionado em razão do maior envio de mensagens nessas datas. Vinte e três de outubro corresponde à realização do plebiscito o que levou a maior participação dos internautas e conseqüente recorde no envio de mensagens no período subseqüente. Assim, o *corpus* do fórum eletrônico analisado é composto de aproximadamente setenta contribuições. Esse recorde no envio de mensagens explica o fato de o *corpus* do fórum eletrônico ser mais extenso do que dos outros dois gêneros selecionados.

A mecânica interacional é muito similar à lista de discussão, porém não é permitido aos participantes escreverem diretamente ao e-mail uns dos outros. Todas as discussões devem necessariamente passar pelo fórum. Além disso, as mensagens são elencadas no fórum na ordem cronológica em que são enviadas, não sendo possível escolher seu posicionamento no todo da conversação.


Contrariamente ao debate com convidados, as discussões ocorrem livremente sem a intervenção direta de um mediador. Apesar de não haver uma seleção ou qualquer censura ao

discurso veiculado pelos internautas, o participante que se sentir pessoalmente ofendido ou quiser denunciar algum interlocutor cujas contribuições não se aplicam ao propósito do debate poderá fazê-lo ao *webmaster* por meio do link reproduzido na seqüência:

reportar discussão inadequada
Notícias AOL
 noticiasbr@aol.com
 (cf. anexo III.3, p. 176, linhas 2-4)

Por meio desse endereço eletrônico (noticiasbr@aol.com), disponibilizado pelo provedor, os internautas têm a possibilidade de contatar o mediador, caso sintam-se prejudicados com a discussão em curso. O desenho de um envelope que acompanha o *link*, talvez tenha a intenção de atrair para si o interesse visual dos participantes para esse canal de contato.

Caso não queira tomar parte no debate, o internauta também tem a possibilidade de sugerir outra discussão por meio do seguinte dispositivo:

 **criar nova discussão**

(cf. anexo III.3, p. 176, linha 11)

A partir desse *link*, o usuário pode iniciar outra discussão que julgue mais pertinente. O desenho da chave transmite a idéia de que o internauta pode “abrir” um novo fórum para debater o tópico de seu interesse.

Com relação aos níveis de participação, constatamos que esses também se assemelham à lista de discussões, pois o fórum se divide entre usuários que enviam contribuições e aqueles que somente se contentam em lê-las. Dessa maneira, tal como a lista de discussão, também esse gênero comportaria aquela categoria que denominamos “espiões”. Como o sistema não permite aos internautas mandarem mensagens diretamente ao e-mail uns dos outros, os

destinatários tendem a ser nomeados já no espaço reservado ao título das mensagens, conforme exemplos descritos:

PARA A CONSUELO (menininha)

(cf. anexo III.3, p. 176, linha 36)

PARA OS ANTIARMAS E A DANI

(cf. anexo III.3, p. 177, linha 73)

RECADO A CONSUELO: AH, COITADA! NÃO ENTENDE O QUE LÊ...

(cf. anexo III.3, p. 185, linha 483)

Por meio dos exemplos, percebemos que, mesmo que o sistema não permita a nomeação de um interlocutor, os participantes selecionam parceiros durante a interação por meio do campo destinado ao título das mensagens. Assim, um dispositivo que deveria ser utilizado como introdutor do tópico, funciona estrategicamente como mecanismo de seleção dos falantes.

No tocante à extensão das mensagens, observamos que as contribuições variaram de acordo com a vontade pessoal de cada participante. Nos exemplos transcritos no anexo, encontramos textos breves, de no máximo 5 linhas, até participações mais entusiasmadas que superaram 50 linhas, entre outras, conforme reproduzimos na seqüência:

não

não reduziria, porque os bandidos não usam 38 e nem compram armas no shopping.as armas dels são ILEGAIS, CALIBRE PROIBIDO,SÃO ARMAS DE GUERRA.para reduzir o numerto de acidentes com arma de fogo na população civil é muito simples.:UM CURSO DE PREPARO PARA QUEM QUER TER ARMA, TIPO CARTEIRA DE MOTORISTA. ESPERO QUE AGORA NÃO FIQUEM DÚVIDAS.

WALNUT

(RIO DE JANEIRO)

24/10/2005 - 20:50 PM

(anexo III.3, p. 182, linhas 336-344)

CUIDADO! O PERIGO CONTINUA!!!

Essa questão do "plebiscito", lembra um outro, famoso, que ocorreu na Itália há vários anos sobre o divórcio. Na época, por influência da Igreja, formularam a pergunta tendenciosamente, de modo, digamos, "PASTORAL", para que, quem fosse FAVORÁVEL ao divórcio, respondesse "não". Algo assim como> "Você é contra a proibição do divórcio?" O italiano não se deixou engabelar e votou

"não", que era um "sim" ao divórcio... Parecido com o que aconteceu no Brasil... Resultado: depois dessa, nunca mais houve "plebiscito" na Itália...

No Brasil, como disse, está parecido. Formularam uma pergunta patética, tendenciosa, ilusionista, de tom "professoral" (como se precisássemos de "lições" para sabermos o que queremos), e lançaram mão de artistas em postura triunfalista de "bonzinhos" numa campanha de "sim" com ares de "tragicomédia-bufa", própria de novela "global". Notaram que a Globo lançou uma novela - "Bang-Bang" - exatamente no momento do plebiscito?

Acontece que a população já notou que artista é para DIVERTIR e não para DECIDIR. (O Chico Buarque que o diga...)

Com o fracasso da campanha "artística", entrou em cena a turminha do "professoral" que, através de estatísticas manipuladas e interpretações legais fantasiosas, assumiu com ares "didáticos", a pretensão de "ensinar" o que seria "melhor" para o país.

Entretanto, todo mundo sabe que a maioria dos crimes de sangue é por arma-branca... E que a atual lei do desarmamento não precisa de prévias interpretações doutrinárias, pois é suficientemente clara para ser feita cumprir, porém que próprio governo que aí está, não tem capacidade para cumprir.

É aí onde está o "nó-cego".

O poder público brasileiro que já não é capaz de desarmar bandido nem evitar assalto à luz do dia em via pública e até em delegacia de polícia, muito menos será capaz de garantir um mínimo de segurança ao cidadão, com ou sem "desarmamento". O povão, que às vezes pode até ser iludido, porém NÃO É BURRO, capturou esse fato.

Daí que, na cabeça do povão, pelo sim, pelo não, salve-se quem puder, o momento não é de proibir nada, e cresceu a tendência do "não".

E aí vem a pergunta: qual o interesse subjacente?

É claro que o atual "mandarinato", depois de usar as mazelas do Judiciário para enfraquecê-lo (e não consertá-lo, pois não lhe interessa um Judiciário consertado, e sim subordinado), depois de tentar desmoralizar o Ministério Público (pois não lhe interessa um MP independente, e sim "amarrado"), e depois de fracassar nas tentativas de amordaçar a Imprensa (pois só admite a "imprensa-engajada" a seu favor), além de estar totalmente desmoralizado pela corrupção desenfreada (que prometia acabar...), tentou agora por todos os meios se recuperar e investiu numa "introdução" à "democracia direta" via plebiscito, como nova faceta messiânica de "salvação" da pátria... Primeiro, um plebiscito sobre desarmamento. Depois, virão outros, sobre "temas" mais "quentes"... Por isso, mais do que nunca, É PRECISO TER CUIDADO COM ESSES ILUSINISTAS!

Por isso, como já disse na mensagem abaixo, o que está, verdadeiramente, em jogo não é o direito de ter arma, nem de comprá-la, nem de portá-la. O que está em jogo é algo muito mais profundo do que um direito individual, e por isso, muito mais PERIGOSO.

O que está em jogo é a própria essência da liberdade democrática posta em questão através da banalização desse plebiscito como um arremedo rasteiro de uma falsa "introdução" à "democracia direta". Armadilha peculiar dos governos e partidos que têm pretensão hegemônica, via democracia disfarçada com ilusão de liberdade, expressa através de um MANIQUEÍSMO que não deixa outra opção afora "sim" ou "não"...

Entretanto, mais do que nunca é preciso prestar atenção à relatividade das coisas, dos conceitos, das decisões, dos processos políticos, das ideologias. E das "didáticas" "professorais"... Chavões e frasismos à parte, porém Shakespeare já dizia que "Há mais coisas entre o céu e a terra do que pensa a nossa vã filosofia"... (E Shakespeare não era um simples "frasista"...)

Nessa perspectiva concreta, o artigo da lei que está em objeto, não passa de mero amontoado de palavras vãs...

Note-se que nenhum jurista de renome a nível nacional sequer se deu ao trabalho de comentar. O que diz o Jobim é mero jogo de palavras como trampolim para retornar à política, usando o STF. E o Dallari apenas emitiu opinião pessoal (por sinal, pelo NÃO, pois é um homem que vê além do próprio umbigo "professoral", e não se deixa ficar apenas em ambientes academicistas...

Mesmo porque todo o arcabouço legal, que vem de muitas décadas, e ao qual se adicionou, apenas linearmente, essa lei atual (que em rigor era desnecessária), já é mais do que suficiente como base legal para pôr a polícia nas ruas e restringir o comércio, posse e uso de armas...

Cumpra-se a lei, (a nova ou as anteriores), e ninguém poderá portar arma em trânsito, em cinemas, teatros, ou outros locais públicos. As leis que tratam da matéria SEMPRE foram assim...

Entretanto, o fato lamentável é que o poder público brasileiro, inteiramente falido e corroído pela corrupção generalizada, não é capaz sequer de fazer cumprir as restrições de porte e uso existentes HÁ VÁRIOS ANOS, quanto mais de desarticular o tráfico de armas, ou mesmo, desarmar um reles bandido de semáforo... Claro! Pois o verdadeiro objetivo não é esse...

E ninguém esqueça que, na Alemanha, quando o Pres. Hindenburg morreu, Adolf Hitler, que era o Chanceler, "consultou" o povo alemão através de um plebiscito tipo "sim" ou "não", se concordava com que acumulasse PROVISORIAMENTE o cargo de Presidente... Ganhou. Assumiu o controle total do Estado (pois era esse o seu verdadeiro objetivo). O que era "provisório" virou definitivo (feito a CPMF). As "SS" assumiram o "patrulhamento ideológico". Consolidou o nazismo. Desarmou a população. E o resultado foi o que todos nós sabemos...

Enfim, o "NÃO" ganhou. O Povo, que NÃO É BURRO (diferente do que pensa o governo e o PT), soube preservar uma cláusula pétrea da Constituição. É o bastante. Por enquanto. Que o atual "mandarinato" que se aboletou em Brasília, aprenda a lição. Isso é o mais difícil...

Profeta

(RJ)

24/10/2005 - 12:24 PM

(anexo III.3, pp. 187-189, linhas 619-700)

A presença de um vasto número de participantes contribui para o surgimento de diferentes ações discursivas durante o processo interacional. Em sua maioria, tais ações representam digressões ao tópico proposto, uma vez que se desvirtuam do tema e das perguntas sugeridas pelo fórum: *desarmar a sociedade reduziria a violência?* e *você acha que o desarmamento é uma boa solução?* A atitude digressiva pode ser observada quando alguns internautas dirigem ataques pessoais a outros, fazem piadas, criticam o governo e os políticos, aproveitam o espaço para desabafar, conforme atestam os exemplos:

- Ataques pessoais

Andreia,tsk tsk tsk

Tenho lido os comentários trash dessas garota...sim,só pode ser garota!
UMA PESSOA MADURA JAMAIS DIRIA TANTAS ASNEIRAS. (grifo nosso)
 (anexo III.3, p. 185, linhas 512-514)

PARA A CONSUELO (menininha)

Acho que a "**cabecinha oca**" do fórum é voce que deve ser mais uma "**antiarmas**" **seviçada** pelas "pombas da paz" quando repete as mesmas idiotices que seus protagonistas escrevem. (grifo nosso)
 (anexo III.3, p. 176, linhas 36-38)

PARA OS ANTIARMAS E A DANI

Esta tal de Dani é mais uma **caricata** ou **inocente util**, ou uma **beócia desocupada**, ativista "inteligent" do sim com o cerebro lavado pelo sim. Ela mistura tudo, no mesmo caldo, que nem um leigo em culinaria que mistura muda de urtiga com propolis em caldo de feijão. É uma **coitada** de dar medo. (grifo nosso)
 (anexo III.3, p. 177, linhas 73-76)

Percebemos, pelas expressões em negrito (uma pessoa madura jamais diria tantas asneiras, “cabecinha oca”, “antiarmas” seviciada, caricata, inocente útil, beócia desocupada, coitada), que os participantes agridem-se verbalmente. Tal atitude desvirtua-se do propósito da discussão e parece ocorrer em virtude do forte envolvimento emocional dos participantes.

- Uso da piada e da ironia

Espero realmente que não tenha q passar pela experiência de ter uma arma apontada para vocÊ, como já passei. E digo, quem ficaria com a matraca bem fechada seria você! **Aliás, talvez desse um tiro com sua 38, Laura Croft.** (grifo nosso).

(anexo III.3, p. 179, linhas 172-174)

Lamento dizer: bandido não tem nada a perder, minha filha! Bandido atira mesmo sabendo que pode morrer! Você não só pode ser mais uma vítima como contribuir para o aumento da violência.

PARABÉNS ...V CONSEGUIU!!! Já comprou uma escopeta hoje??????????? (grifo nosso).

(anexo III.3, p. 185, linhas 523-526)

Quando seu filho morrer. Quando voce for vítima não adianta chorar.

Parabéns!!!

Viva ao sangue!!

Viva a dor!

Viva as lagrimas!!!

Choremos pobre povo!!!

Choremos as vossas mortes!!!

Parabéns pistoleiros!!! (grifo nosso)

(anexo III.3, p. 189, linhas 702-710)

As expressões em negrito demonstram que os internautas se valem da ironia para ridicularizarem uns aos outros. Constatamos que, ao invés de discutirem sobre o estatuto e plebiscito do desarmamento, alguns participantes procuram atacar a imagem daqueles que defendem um posicionamento contrário ao seu por meio do uso da piada e da ironia.

- Crítica ao governo e aos políticos

Para que CPI (Comissão Parlamentar da Impunidade) pois, quando se prova as falcatruas, os políticos saem como "SIVIRINO CHI CHIC" com uma polpuda aposentadoria -votada por eles mesmos?.

(anexo III.3, p. 181, linhas 312-313)

Por constituir-se como um ambiente de baixa moderação, o fórum eletrônico permite a qualquer internauta contribuir como quiser com a discussão. Assim, muitos se servem do

espaço para criticar os políticos e o governo brasileiro. Nesse exemplo, o locutor condena as Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs), ridicularizadas por ele como Comissão Parlamentar da Impunidade, além de criticar o episódio da renúncia do deputado federal e ex-presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti (“SIVIRINO CHI CHIC”), envolvido em escândalo de corrupção.

Outros exemplos:



Fernando Henrique Cardoso FHC

ESQUECERAM DE MIM - PARTE 3

Lembrem-se de mim :

- o que eu fiz:

PRIVATIZAÇÕES + (PSDB FECHA ESCOLAS)

Cia Vale do Rio Doce a maior do mundo

Cia Siderúrgica Nacional C.S.N

Teles ... Telesp / Telerj / telemg

R.F.F.S.A. ferrovias

Banespa só dá prejuízo (lucro de R\$3,8 BILHÕES)

E A PERGUNTA AINDA ECOA ...

ONDE ESTÁ O DINHEIRO ? ? ?

Uns dizem Ilhas Kayman

Já uma cantora diz: O gato comeu e o gato sumiu...

Escola Estadual Diva Maria Bigone de Toledo, no Brooklin Novo

Rua Guaraiuva X Rua Padre Antonio José dos Santos

(F E C H A D A)

A Secretaria da Educação do Estado decidiu desativar M A I S duas grandes escolas da rede pública em São Paulo segundo o sr. GABRIEL CHALITA, serão fechadas :

ESCOLA ESTADUAL MARTIM FRANCISCO

Vila Nova Conceição

ESCOLA ESTADUAL MANUEL DE PAIVA

Rua Barão de Jaceguai X Av. Bandeirantes

Campo Belo

Como podem constatar o governo não está interessado na educação / saúde / habitação / segurança . (grifo nosso)

(anexo III.3, pp. 182-183, linhas 355-383)

Ao invés de gastar uma fortuna em um plebécito, no qual independente do resultado nada mudaria para o povo. **Poderia ser realizado para votar a "Impunidade Parlamentar", pois não há maior violência do que desviar dinheiro da saúde educação para contas de políticos corruptos.** (grifo nosso).
(anexo III.3, p. 190, linhas 764-766)

Nesses exemplos, detectamos que o primeiro locutor assume a identidade do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso para criticar as atitudes do PSDB tanto em nível federal (Privatizações da Cia Vale do Rio Doce, Cia Siderúrgica Nacional C.S.N, R.F.S.A,

etc.) quanto em nível estadual à frente do governo do estado de São Paulo (“A Secretaria da Educação do Estado decidiu desativar M A I S duas grandes escolas da rede pública em São Paulo segundo o sr. GABRIEL CHALITA...”).

No segundo caso, o internauta ataca a corrupção política e a imunidade parlamentar (“Impunidade Parlamentar”) que, ao seu ver, garante a impunidade dos dirigentes políticos quando envolvidos em desvios de recursos públicos.

- Desabafos

POBRE DE NÓS

POBRE DOS BRASILEIROS QUE TEM QUE SE SUBMETER À GRANDE MAIORIA MANIPULADA DESSE PAIS. POR ISSO SOMOS TAXADOS COMO TERCEIRO MUNDO, POR CAUSA DAS CABEÇAS OCAS QUE EXISTEM POR AQUI. AQUELES QUE VOTARAM NO "NÃO" SÃO OS MESMOS QUE ELEGEM OS POLÍTICOS CORRUPOTOS E CONDENAM A MINORIA PENSAANTE ÀS SUAS SANDICES MENTAIS.
(anexo III.3, p. 183, linhas 394-399)

VERGONHA EU TENHO DE TER ESTUDADO TANTO EM MINHA VIDA PRA SABER QUE A GRANDE MAIORIA TEM UM PENSAMENTO TÃO REACIONÁRIO E MESQUINHO.
(anexo III.3, p. 184, linhas 452-453)

Nos dois exemplos citados, parece-nos que os locutores em questão utilizam o fórum para desabafarem seus ressentimentos em relação ao comportamento da população brasileira, caracterizada como “grande maioria manipulada que elege políticos corruptos” e “maioria que tem um comportamento reacionário e mesquinho”.

Além de observarmos essas diferentes ações discursivas, também constatamos que esse gênero digital, embora se construa pela digitação, guarda muitas semelhanças com os gêneros orais, pois em sua constituição evidenciam-se muitas marcas do discurso falado. A maioria das contribuições dos participantes revela uma certa tensão que os leva à digitação apressada como se estivessem em presença ou sob o olhar do interlocutor. “Isto provoca “falhas” de grafia e sobreposições de letras em um mesmo vocábulo sem razões explícitas ou

qualquer preocupação de revisar antes de enviar a mensagem pela rede” (Xavier; Santos, 2005:35). Alguns exemplos:

Gostaria de saber:

Diz o estatuto que o militar em serviço pode portar arma, ele pode **permanecert em ambiente fechado como por exemplo restaurante ,lojas etc caso possa onde esta escrito ?????** (grifo nosso)

(anexo III.3, p. 176, linhas 28-30)

Bem se vê que a Sra. não entende de armas e muito menos de violência, tanto que acredita no libelo antiarmas do M. More. Não me **fça** rir.... (grifo nosso)

(anexo III.3, p. 178, linhas 116-117)

Mas graças a Deus estou viva!

Talvez se tivesse uma arma, **conformr** fui ameaçada, morreria!

Mas não tenho seu conhecimento **alístico**, né honey!

Minha vida protejo de outras formas. Jamais mataria alguém, pode ter certeza.

Arma pra **mi m** é coisa de fracos. (grifos nossos)

(anexo III.3, p. 179, linhas 176-180)

Nos exemplos transcritos, observamos que, talvez a digitação apressada, tenha provocado as incorreções das palavras destacadas em negrito. Tal fato encaminha o discurso para uma formulação pouco monitorada em que os erros de digitação são desconsiderados. Talvez um maior grau de envolvimento com o debate em curso justifique a ansiedade dos participantes no envio de suas respostas sem a devida revisão. Parece-nos que, embora disponham de maior tempo para elaboração de seu fluxo verbal, a maioria dos participantes do fórum se comporta como se contasse com o mesmo tempo da fala.

Outros indícios que apontam para a maior prevalência da oralidade são a predileção pelo uso de expressões coloquiais (gírias) e de marcadores conversacionais. Exemplos:

E aos **babacas** do SIM, queria dizer que votei pelo direito de ter uma [arma] (grifo nosso).

(anexo III.3, p. 176, linha 15)

então não me venha com **blá-blá-blá** (grifo nosso).

(anexo III.3, p. 178, linha 119)

Daí fica a pergunta: a quem, de fato, interessa desarmar o povo brasileiro?! (grifo nosso)
(anexo III.3, p. 179, linha 199)

como a minha prima **QUE FOI SUMARIAMENTE EXECUTADA POR UM DIMENOR DESGRAÇADO** porque não entendeu o que o meliante lhe dizia no momento do assalto **heim?** (grifos nossos)
(anexo III.3, p. 176, linhas 45-46)

MAS, NO MEU CASO, EU ENTENDO... É A IDADE, NÉ? (grifo nosso)
(anexo III.3, p. 184, linhas 445-446)

Ah...do meu canhão sai flor..e do seu?????????
(anexo III.3, p. 184, linha 461)

As expressões marcadas em negrito mostram a utilização de um léxico mais próximo da conversação cotidiana (blá-blá-blá, babacas, dimenor). Também, a formulação discursiva revela marcadores típicos da fala, como aqueles que buscam a aprovação do interlocutor (né, heim), aqueles que desempenham a função de conectores pragmáticos (então, daí) e mesmo marcadores não lexicalizados (ah).

Também a preferência por enunciados mais curtos e simples, com maior uso da coordenação e de verbos no presente do indicativo, assinalam uma construção discursiva influenciada pela oralidade, como podemos ver adiante:

Tem que desarmar o bandido e criar leis mais rígidas. Para isso **precisa fazer** um referendo. O dinheiro que gastaram c/ o referendo, por que não investiram no social (saúde, educação, habitação e emprego)? Essas **são** causas de muitas violências. (grifos nossos)
(anexo III.3, p. 196, linhas 1073-1075)

O Estatuto do desarmamento está em vigor, ele proíbe o porte, transporte e uso de armas. A única coisa que ele não proíbe **é** a comercialização de armas e munição no país, o que **é** mínimo, 1200 por ano. (grifos nossos)
(anexo III.3, p. 195, linhas 1031-1033)

Pessoal!
Já pararam para pensar que existe arma muito pior do que um revolver?!
Imagem uma caneta nas mãos de um político mal intencionado!
Quantas crianças já morreram no Brasil por desnutrição, doenças por falta de uma política mais justa por parte das autoridades! (grifos nossos).
(anexo III.3, p. 194, linhas 988-992)

A partir dos exemplos selecionados, constatamos que os enunciados se organizam segundo uma sintaxe mais simples. Os enunciados tendem a ser formulados a partir de um núcleo verbal único (“**Tem** que desarmar o bandido”; “Essas **são** causas de muitas violências”; “**Imaginem** uma caneta nas mãos de um político mal intencionado!”) ou com predominância da coordenação, como em outros exemplos extraídos do *corpus*:

FUI CONTRA O REFERENDO, **MAS** NA ÚLTIMA HORA DECIDI VOTAR (grifo nosso)
(anexo III.3, p. 185, linha 497)

Parabéns povo brasileiro, **pois** finalmente parece que aprendeu a votar!!! (grifo nosso)
(anexo III.3, p. 197, linha 1114)

SÓ QUE ELE NÃO FEZ CAMPANHA **E** NEM GASTOU OS 600.000.000 DE REAIS NELA
(grifo nosso)
(anexo III.3, p. 201, linha 1345)

Em vista do exposto, o fórum eletrônico parece construído por marcas de oralidade assemelhando-se ao gênero da conversação face a face. Caracterizado pela polarização de temas, o discurso é geralmente produzido na emoção de um debate, razão pela qual os participantes são levados a darem respostas imediatas, dispensando uma maior reflexão e mesmo a revisão, esperadas nos textos escritos.

Na verdade, os participantes do fórum eletrônico se comportam como se estivessem em um espaço livre das “restrições tradicionais da modalidade escrita culta da língua”. Entendem que estão em um ambiente de plena liberdade lingüística onde é requerido “o mínimo de obediência às prescrições e às regras de interpretabilidade, apenas as necessárias e suficientes para permitir a interação interpessoal e/ou coletiva satisfatória com os demais participantes da discussão” (Xavier; Santos, 2005:37).

2.6 Cotejando os três gêneros: um quadro comparativo

A partir da descrição dos três gêneros, pudemos perceber que a estrutura conversacional segue uma dinâmica específica, tanto na *lista de discussão*, quanto no *chat* com convidados e no fórum eletrônico (*e-fórum*). Em todos os casos, a conversação é composta por múltiplas interações, entretanto, contrariamente ao *chat* com convidados, o *newsgroup* e o *e-fórum* permitem diferentes níveis associativos entre os participantes.

No *chat* com convidados, os diversos interlocutores interagem obrigatoriamente com a figura do convidado. O caráter polifônico desse gênero impõe a presença de um mediador que escolhe, dentre as contribuições dos participantes, aquelas que tomarão parte na conversação. A instância mediadora, ainda que não contribua diretamente com enunciados, exerce um poder velado sobre a interação, pois decide os tópicos e seleciona os turnos dos demais internautas. A partir da triangulação com o mediador, definem-se os papéis desempenhados pelos outros participantes: efetivos, não-efetivos e observadores. A construção textual condiciona-se ao mediador que busca construir uma imagem discursiva de imparcialidade e neutralidade, visando a atenuar o papel autoritário que desempenha.

Nos outros dois gêneros, a moderação ocorre em um menor nível. Com relação ao *newsgroup*, a presença de um *webmaster* visa a garantir que as mensagens trocadas sigam o tema proposto pela lista, enquanto que no *fórum*, o *webmaster* só intervém se acionado por um dos participantes que se sentir pessoalmente ofendido pelos demais debatedores.

Tanto a disposição visual da página, quanto a construção discursiva, diferenciam muito o *chat* com convidados das outras modalidades de *chat* do IRC. No anexo II, p. 164, observamos a predileção por um maior grau de informatividade⁴¹ (presença de *links* para acesso a temas relacionados e preocupação em ancorar o texto historicamente através da

⁴¹ A preocupação com a maior informatividade também se verifica no gênero *e-fórum* conforme atestam a página inicial da seção debates e as entrevistas com os deputados Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP) e Jair Bolsonaro (PFL-RJ), transcritas nos anexos desse trabalho – pp. 170-171 e 173-174, respectivamente.

narração de fatos em terceira pessoa) e de objetividade (utilizando-se do apagamento das diversas vozes do discurso) que aproximam essa modalidade do gênero jornalístico. A aproximação do gênero *chat* se dá pela temporalidade sincrônica da interação e pela relação interpessoal direta, em vista do uso do tempo do discurso – um *eu* que se dirige a um *tu* no tempo do *aqui e agora*.

A relação interpessoal direta também se verifica no gênero *lista de discussão* e no *e-fórum*. A dinâmica interacional desses dois gêneros compreende diversos níveis de participação: simples leitores, participantes ocasionais e anfitriões. Especificamente o *newsgroup* também comporta uma elaboração discursiva em três níveis (transmissor, autor e idealizador), sendo que esses níveis apresentam, ou não, distinções entre si. Tanto no *e-fórum* quanto no *newsgroup*, os enunciados admitem diversos interlocutores (diretos, indiretos e fortuitos).

A assincronia desses dois gêneros imprime à interação uma temporalidade dilatada, envolvendo pausas e retomadas. Tal característica pode explicar, no *newsgroup*, a maior incidência de mensagens que carecem de uma complementaridade, pois esse desenvolvimento temporal próprio desobriga os participantes a responderem imediatamente aos tópicos propostos.

Em vista dessa temporalidade específica, as discussões na *lista* parecem dotadas de um “prazo de validade” o que contribui para que as seqüências conversacionais sejam mais curtas (geralmente não mais que cinco mensagens). Além disso, alguns participantes do grupo parecem ter dificuldades com a interface, posicionando aleatoriamente suas mensagens na estrutura conversacional.

No gênero *e-fórum* não é possível escolher o posicionamento das mensagens no todo da conversação. As contribuições dos participantes são elencadas pelo sistema na medida em que são enviadas. Também, não é permitido aos internautas escreverem diretamente ao *e-mail*

uns dos outros: todas as discussões passam obrigatoriamente pelo fórum. Como o sistema não prevê outra possibilidade de comunicação, os destinatários tendem a ser nomeados estrategicamente já no espaço reservado ao título das mensagens.

Via de regra, a interação se movimenta em torno da polarização de opiniões e o discurso é construído sob forte influência dos gêneros orais. Como as respostas são produzidas na emoção de um debate, o planejamento e a execução textuais parecem acontecer de modo concomitante, ou seja, o discurso tende a obedecer a temporalidade da fala, apesar de escrito.

Desse modo, as “falhas” de grafia são grandes, uma vez que os participantes dificilmente revisam o que escrevem. Também, vemos recorrentemente a utilização de marcadores conversacionais, a presença de um léxico coloquial, além da predileção por enunciados mais curtos e sintaticamente mais simples. Por fim, o fluxo verbal contínuo típico da fala, aliado à baixa reflexão acerca do texto produzido, é responsável pelo surgimento de enunciados organizados segundo uma sintaxe própria da língua falada, na construção discursiva dos interlocutores.

O quadro, na página seguinte, sintetiza melhor as semelhanças e diferenças entre os três gêneros digitais analisados:

Gêneros	Lista de discussão (<i>newsgroup</i>)	<i>Chat</i> com convidados	Fórum eletrônico (<i>e-fórum</i>)
Características			
Temporalidade	assíncrona	síncrona	assíncrona
Duração	indeterminada	determinada	indeterminada
Quantidade de participantes	múltiplos	múltiplos	múltiplos
Papel participativo	simples leitores, participantes ocasionais e anfitriões	efetivos, não- efetivos e observadores	simples leitores, participantes ocasionais e anfitriões
Relação entre os participantes	livre interação	interagem somente com o convidado	livre interação
Nível de moderação	médio (o moderador sanciona mensagens em desacordo com os propósitos da lista)	alto (efetivação dos turnos condicionada ao moderador)	baixo (intervenção do moderador somente quando solicitada)
Grau de planejamento	médio (entre fala e escrita)	alto (mais próximo da escrita)	baixo (mais próximo da fala)
Estilo lingüístico	formalidade moderada	maior grau de formalidade	informalidade
Formato textual	estrutura definida pelo sistema	turnos encadeados em pares adjacentes (pergunta/resposta)	estrutura definida pelo sistema
Extensão do texto	seqüências curtas	seqüências curtas	indeterminada
Posicionamento das mensagens	determinado pelo participante	determinado pelo moderador	determinado pelo sistema (ordem cronológica)

Diante das condições de produção específicas da lista de discussão, do *chat* com convidados e do fórum eletrônico, consideramos pertinente analisar, no capítulo seguinte, como se movimenta o debate digital em relação à sua organização discursiva, tendo em vista a seleção dos argumentos efetuada pelos participantes.

CAPÍTULO III

O debate no contexto digital

3.1 Algumas considerações sobre o debate

O termo *debate* encontra-se dicionarizado com o significado de disputa, discussão em que se alega razão pró e contra (Aulete, 1958). Partindo de sua etimologia, lembra enfrentamento, confronto e, nessa perspectiva, envolve uma teia complexa de relações discursivas, no que diz respeito às manifestações de acordo e desacordo entre os interlocutores (Aquino, 2005).

De qualquer maneira, o debate cumpre importante função social, pois expande e atualiza os conhecimentos de determinada comunidade, influenciando a formação da opinião pública. Ancorada em reflexões de Martins (2002) e Hinojosa (1999), Aquino (2005) constata que o debate é uma forma de interação submetida a uma regulação própria e que corresponde “à expressão máxima da ação social humana, na medida que busca, por meio da discussão livre entre cidadãos, a resolução de problemas da comunidade” (p.172).

Podemos depreender que o debate é uma maneira específica de interação, uma discussão em que se manifesta o confronto de opiniões, mas que possui um caráter organizado, ou seja, ocorre dentro de um quadro comunicativo em que as coordenadas são pré-determinadas (Silva, 2004). Segundo Kerbrat-Orecchioni (1990), o debate pode ser visto como um modelo de conversação, por ser uma interação eficaz e disciplinada constituindo-se como exemplo da boa aplicação das regras conversacionais.

Nesse sentido, o debate prevê determinadas regras de funcionamento que variam conforme o contexto interacional. Entre seus objetivos, localizam-se a busca do acordo ou a possibilidade de fazer valer uma determinada posição. Tal dinâmica nos leva a pressupor que um debate contenha alto teor persuasivo e uma composição textual que privilegia a argumentação. Em outras palavras, em todo o debate localiza-se uma orientação argumentativa. Por esse motivo, Marcuschi (2005) afirma que em um debate prevalece, na construção textual dos participantes, a argumentação como seqüência de base.

Situações propensas ao debate podem ocorrer em qualquer contexto e, quando engajados em uma discussão, os debatedores sempre argumentam em função de alguma coisa, na tentativa de fazer prevalecer seus pontos de vista. Para fazer valer suas opiniões, lançam mão de estratégias específicas durante o processamento discursivo.

De maneira geral, as teorias já mencionadas que se debruçam sobre essa questão salientam o caráter dialogal e a forte inclinação argumentativa com vistas à persuasão como constituintes próprios de um debate. Constatamos que subjaz a interações desse tipo um ambiente competitivo, pois, mais do que convencer, o objetivo do debatedor é vencer seus adversários e, com a derrota desses, ganhar a adesão dos demais. Assim, o debate assemelha-se a uma competição, a um jogo que envolve principalmente a imagem⁴² dos participantes.

Outra característica fundamental seria a presença de um moderador que teria por objetivo zelar pelo cumprimento das regras e pelo gerenciamento do conteúdo da discussão. Em uma situação de debate, é interessante observar como os participantes se organizam durante a interação no que se refere à negociação dos turnos, às possíveis coalizões, às estratégias de ataque à face e mesmo suas estratégias argumentativas. No que diz respeito ao meio digital, tais condições são específicas.

3.2 O debate por meio do suporte digital

Quando observamos as discussões via internet, percebemos que o encaminhamento do debate apresenta um mecanismo próprio em um ambiente mediado pelo computador⁴³. O fato de os participantes não estarem diretamente em contato encaminha o processamento

⁴² O termo imagem é entendido como uma representação que o indivíduo faz de si para os outros, conforme os estudos de Goffman (1985).

⁴³ Não encontramos resultados de pesquisas que se ocupassem do encaminhamento peculiar do debate digital, levando-se em consideração a análise das estratégias argumentativas dos participantes.

discursivo de modo peculiar⁴⁴. Desse modo, os debatedores necessitam adotar estratégias argumentativas específicas para fazer valer suas opiniões nesse contexto.

Não só por essa razão, o debate na rede digital distancia-se, quanto a sua organização e funcionamento, das demais situações interacionais. Em relação aos gêneros analisados, observamos que o envolvimento do mediador, por exemplo, pode-se dar em diferentes níveis. Ao contrário do debate televisivo que tende a um quadro participativo triangular (debatedores, mediador e público), as situações voltadas a internet diferem muito desse quadro.

Na *lista de discussão*, o moderador intervém somente se as contribuições dos participantes não corresponderem aos propósitos do grupo. No caso do *chat com convidados*, o papel do moderador define-se de modo diverso já que a efetivação dos turnos dos interlocutores condiciona-se à aprovação daquele. Com relação ao *fórum eletrônico*, o moderador entra em cena somente se for acionado por um dos participantes que se sentir prejudicado pela discussão em curso. Em vista do papel exercido pelo moderador, poderíamos postular que esses três gêneros apresentam um nível de moderação médio, alto e baixo, respectivamente.

Além da questão do mediador, os diferentes níveis de participação e o grande número de interlocutores (interações polilógicas) imprimem características próprias aos debates que acontecem nos gêneros digitais analisados. Também, a condição temporal assíncrona nos gêneros *lista de discussão* e *fórum eletrônico* dota as discussões de uma duração específica. Tais questões serão abordadas mais adiante, quando nos ocupamos da descrição e funcionamento desses três gêneros.

De qualquer modo, pode-se dizer que tanto a *lista de discussão* quanto o *fórum eletrônico* trazem em si o cerne da constituição do debate, pois, em ambos, observamos a preocupação em discutir assuntos de interesse coletivo e a resolução de problemas comuns,

⁴⁴ Tal peculiaridade situacional encontra-se melhor analisada no item 2.1 deste trabalho.

entretanto, com um encaminhamento diverso que permite nomeá-los de modo específico. Em outras palavras, o debate circularia no meio digital na forma desses dois gêneros particularmente.

Já o *chat com convidados* pode ou não apresentar a discussão de temas sociais relevantes, assim, não apresentaria, prototipicamente, o debate como fio condutor, embora possa abrigá-lo.

As características que distinguem o debate digital do debate televisivo⁴⁵ já são indicativas de que o contexto situacional altera significativamente os parâmetros da interação, ou seja, a relação entre os participantes, diante das especificidades do meio eletrônico, processa-se de outro modo. Supomos, também, que o jogo argumentativo, essencial em qualquer debate, assumia características específicas em uma situação mediada pelo computador.

3.3 A importância da argumentação

A maneira como fazemos uso da palavra sedimenta nossas relações pessoais, sociais, nossa visão de mundo: a relação com a língua implica necessariamente na relação com o outro. A partir da língua nos constituímos como indivíduos e, por meio dela, as relações interpessoais se estabelecem (Petter, 2004).

A língua desempenha papel central na construção das sociedades modernas – seu domínio divide o gênero humano. A habilidade de comunicar-se verbalmente funciona como linha de fronteira entre os indivíduos, delimita suas diferenças culturais e, conseqüentemente, determina sua inclusão social.

⁴⁵ O contexto situacional e a formulação discursiva em debates televisivos foram explorados nos trabalhos de Aquino (2005) e Silva (2004), entre outros.

O poder que a linguagem exerce relaciona-se intimamente com a capacidade individual de argumentação. Por esse motivo, Breton (1999) assinala que a força de um discurso está centrada no poder de argumentação dos falantes. Isso quer dizer que a formulação do discurso ancora-se na pertinência e na força dos argumentos selecionados em função da comunhão entre locutor e auditório.

Podemos definir argumentação como o “estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão das pessoas às teses que são apresentadas para seu assentimento” (Perelman, 2002:4). Quando argumentamos, procuramos comprovar fatos, defender pontos de vista, mudar comportamentos e/ou formas de pensar, ou seja, de uma maneira geral procuramos a adesão do(s) interlocutor(es) aos nossos argumentos.

A argumentação seria, então, um processo pelo qual um determinado locutor apresenta um argumento e busca sustentar conclusões com base em dados, fatos e evidências acumuladas (Toulmin, 2006). Argumentar é dar uma diretividade ao dizer.

Nessa perspectiva teórica, a argumentação é entendida como forma de ação presente em toda situação interacional. Na medida em que desejamos agir sobre o outro, podemos estabelecer a dinâmica argumentativa como um jogo entre interlocutores objetivando um acordo comum (Aquino, 1997). E, dentro da concepção de jogo, a atividade argumentativa envolve a adoção de estratégias que levem à persuasão.

Esse jogo estratégico, próprio da atividade argumentativa, rege o sistema político-social humano, incidindo sobre todos os seus níveis de comunicação: desde uma conversa informal em uma mesa de bar, até a escolha dos dirigentes de uma nação. Essa importância capital explica o interesse dos estudiosos da linguagem na investigação dos processos de formulação do discurso em que a argumentação funciona como elemento primordial.

3.4 A visão aristotélica e o pensamento contemporâneo

A preocupação com a elaboração discursiva remonta aos gregos antigos. Aristóteles, em sua *Retórica*, dedica-se ao estudo da argumentação (instituída de um juízo moral, pois, segundo suas reflexões, o discurso deveria ser orientado para a justiça e a verdade).

A retórica aristotélica ocupa-se com a construção de um raciocínio que leve à persuasão. A finalidade da *Retórica* é formar um juízo: configura-se como método de ação sobre o outro, visando produzir uma modificação no interlocutor.

Todavia, a Retórica era investigada como matéria pertencente aos oradores, restrita ao ambiente de tribunais e assembléias. O orador era, por excelência, a figura capaz de conduzir as massas através das palavras, influenciava os ânimos dos juízes acerca das decisões judiciais. Sua capacidade oratória era compreendida à luz da habilidade de manipulação do ouvinte, evidenciando-se um caráter político de sua atuação.

Na apresentação de Alexandre Júnior (1998), para a obra de Aristóteles em língua portuguesa, vemos que a retórica aristotélica “é o produto da experiência consumada de hábeis oradores, a elaboração resultante de suas estratégias, a codificação de preceitos nascidos da experiência com o objetivo de ajudar outros a exercitarem-se corretamente nas técnicas de persuasão” (p.12). Dessa maneira, a retórica atrelava-se ao discurso oratório, cujo principal objetivo era o convencimento.

Com relação aos estudos da linguagem em autores, como Koch (2003), Breton (1999), entre outros, tal visão papel central a ponto de considerarmos qualquer processo dialogal – com presença de dois ou mais interlocutores – como processo de elaboração discursiva, compreendendo a construção de enunciados e de argumentos. Partindo deste entendimento, qualquer evento comunicativo passa a ser do interesse dos estudiosos da linguagem. O objeto de estudo dos pensadores contemporâneos transfere-se também para a esfera cotidiana, não mais circunscrevendo-se ao ambiente político-jurídico da *Retórica* clássica.

Assim, discursar não se aplica somente às preleções solenes nos auditórios e tribunais, mas envolve, num sentido amplo, todo e qualquer atividade verbal comunicativa. Nesta acepção, dentro de um evento comunicativo, argumentar adquire o sentido mais abrangente de opinar, expressar uma idéia ou pensamento. Ainda que numerosos trabalhos tenham sido consagrados aos mecanismos argumentativos desde a Antiguidade, é relativamente recente que consideremos tais mecanismos como constituintes de todo e qualquer processo interacional (Breton, 1999).

Neste âmbito, a argumentação é intrínseca ao discurso. As estratégias argumentativas orientam e direcionam toda interação verbal. Somente por meio da seleção do que se vai dizer, como se vai dizer e da intenção do enunciado produzido pelos falantes, efetiva-se um evento comunicativo. Assim, o processo em questão passa antes por uma organização cognitiva, evidenciando-se a relação indissociável entre discurso e cognição.

Pressupomos, então, que o processo de produção discursiva não só compreende uma dimensão lingüística – seleção do léxico, disposição e sentido dos enunciados, etc. -, como também é coordenado por outras dimensões insondadas pela *Retórica* clássica.

O conjunto das atividades lingüísticas e interacionais apresenta-se organizado por outras atividades, as mentais, as quais, na verdade, são básicas, por se instituírem como possibilitadoras de todas as demais atividades. Podemos, assim, firmar a necessidade de se considerar o processo mental, cognitivo que entra em ação no momento em que os interlocutores processam seu texto (Aquino, 1997:32).

Tanto a produção como a compreensão do discurso comportam uma dimensão cognitiva. Isso implica dizer que o discurso não deve ser analisado somente como produto lingüístico, ou seja, somente como uma seqüência linear de palavras, ou como manifestação iminentemente verbal. Na construção do sentido discursivo, os participantes de qualquer atividade interativa associam também diversos outros elementos, como experiências,

intenções, representações mentais, imagens, percepções, memória, etc., de ordem cognitiva (idem, ibidem).

Nesse sentido, o modelo cognitivista entende o discurso como processo no qual “uma representação mental na memória é construída a partir do discurso, usando informações internas e externas, com o objetivo de interpretar (entender) o discurso” (Van Dijk, 1992:16).

Ainda segundo Van Dijk (op.cit.), esse modelo indica que o processamento cognitivo se configura como um processo estratégico que se caracteriza por inúmeras atividades tentativas, flexíveis direcionadas que se efetivam em vários níveis ao mesmo tempo, apontando para a importância da utilização de estratégias durante o jogo discursivo.

3.5 O papel das estratégias no processamento discursivo

Segundo Aquino (1997:53):

As estratégias (...) correspondem a pistas auxiliares no processo de percepção, de formulação e de compreensão do discurso, encontram-se diretamente associadas às expectativas que se formam durante a atividade discursiva e sua utilização, junto à multiplicidade de pistas que se localizam na atividade em curso, possibilita maior facilidade e maior agilização do processo de compreensão.

A seleção das estratégias é determinada pelo que se conhece a respeito do interlocutor e pela própria situação discursiva. Para Koch (1997), durante o processamento discursivo, ativamos sistemas de conhecimento determinados sócio-culturalmente. Estes sistemas compreendem o lingüístico, o enciclopédico e o interacional.

O lingüístico corresponde ao conhecimento que o falante tem da língua que utiliza, ou seja, seu funcionamento, normas e regras. O conhecimento enciclopédico refere-se ao saber adquirido socialmente pelo indivíduo, e o interacional, regido pelo contexto comunicacional, remete à adequação do falante a este contexto e o ajuda a reconhecer os objetivos comunicacionais da interação em que está envolvido. Cabe salientar que tais sistemas atuam

concomitantemente ativados por estratégias cognitivas em uma intrincada rede de processos que concorrem para a produção de sentido.

O processamento discursivo envolve, assim, uma série de competências de diferentes ordens que se estendem para além do lingüístico. Essas competências envolvem a articulação entre língua, discurso e contexto e são assim destacadas por Fiorin (2002): a competência lingüística (conhecimento morfo-sintático da língua), discursiva (competência narrativa), competência textual (procedimentos de textualização), interdiscursiva (heterogeneidade constituinte do discurso), intertextual (reconhecimento das relações que um texto mantém com outros), competência pragmática (valores ilocutórios dos enunciados) e competência situacional (conhecimento do contexto interacional).

Assim, não só as diversas competências, como também as estratégias, são elementos que ancoram fortemente o processamento discursivo sendo responsáveis pelo processo de intercompreensão dos participantes. Dentre as estratégias, podemos destacar as inferências, a remodelação do contexto, a negociação dos *frames*, as reformulações, modalizações (Aquino, 1997). Entretanto, como foco de nossa pesquisa, nos ocuparemos das estratégias argumentativas.

Dentre os vários autores que se ocupam dessa questão, privilegiaremos os estudos de Perelman; Olbrecht-Tyteca (2002). Estes estudiosos estabelecem diversos esquemas de argumentos que têm por função sistematizar as possíveis estratégias utilizadas em situações de comunicação e reconhecem que seu emprego vincula-se à finalidade da argumentação e ao(s) interlocutor(es) a que se dirigem.

De maneira geral, Perelman (op. cit.) recupera a função argumentativa das figuras retóricas clássicas, mostrando que “o emprego de algumas figuras determinadas se explica pelas necessidades de argumentação” (p.190). Assim, as figuras, que na *Oratória* de

Quintiliano eram tidas como mero ornamento, são consideradas, na *Nova Retórica*, recursos que levam à persuasão. Situam-se neste campo, a metáfora, a paragoge, a ironia, entre outras.

Quando analisa a eficácia de tais estratégias, Perelman (op. cit.) admite algumas que podem fortalecer ou enfraquecer o locutor, tendo em vista seu objetivo maior: o convencimento do auditório. São algumas estratégias de fortalecimento:

- antecipar objeções: antecipando-as o locutor invalida os contra-argumentos que possam ocorrer.
- utilizar argumentos de autoridade.
- apelar à razão.
- promover a relação de inclusão.
- proceder à relação de causa e efeito.
- recorrer à exemplificação.
- estabelecer relação de comparação ou de analogia.

Em contrapartida, tendem ao enfraquecimento do locutor:

- evitar ou retardar o desenvolvimento do tópico discursivo.
- desprezar o debate.
- proceder à invalidação do que foi enunciado.
- proceder a observações generalizantes.
- fazer uso da retificação.
- utilizar dados documentados não fidedignos.

A adoção de estratégias corretas, em consonância com a situação discursiva e com os interlocutores que se pretende atingir, conduz ao acordo, quer dizer, à identificação do comunicador e do auditório. Dessa maneira, a argumentação depende de acordos entre os interlocutores e estes são colocados como condições de eficácia do discurso argumentativo (Aquino, 1997).

3.6 A argumentação como elemento constitutivo do discurso

A argumentação é recurso presente em qualquer discurso e por meio dela estabelece-se o jogo da interlocução marcado pela busca do outro. Através da argumentação usamos a linguagem para justificar ou refutar um ponto de vista, com o propósito de assegurar um acordo entre as idéias. Alguns estudiosos, como Aquino (1997), Brandão (1998), entre outros, têm destacado a postura de Vigneaux (1976) segundo a qual, por meio da argumentação, pretendemos agir sobre o outro, transformar nosso interlocutor. Ainda segundo essas autoras, ela reestrutura as três funções primárias presentes em todo processo comunicativo estabelecidas por Bühler (1934): exprimir quem sou, agir sobre o outro e descrever o mundo.

Em essência, quando analisamos o discurso argumentativo é necessário que consideremos a reação de nosso(s) interlocutor(es) aos argumentos que utilizamos. Breton (1999:64) sinaliza que “argumentar é mais do que simplesmente conceber um argumento. É também, mais globalmente, comunicar, dirigir-se ao outro, propor-lhe boas razões para ser convencido a partilhar de uma opinião”. Neste sentido, a argumentação atua por meios discursivos provocando uma ação sobre o espírito dos ouvintes que se objetiva transformar, sendo um processo que envolve uma dinâmica interpessoal complexa (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002).

Quando observamos a linguagem em sua função argumentativa, detectamos o modo como os participantes organizam suas falas de maneira a conduzir o(s) interlocutor(es) a uma determinada conclusão. Isto também implica dizer que um discurso argumentativo objetiva a adesão do alocutário a um dado ponto de vista, constituindo-se num processo de negociação que envolve a possibilidade de ocorrerem contra-argumentos.

Dessa maneira, argumentar é empreender a busca pelo acordo, o que pode acarretar divergências de opiniões. A oposição de pontos de vista é constitutiva do discurso argumentativo, o que significa dizer que argumentar é também polemizar (Aquino, 1997).

Em vista do exposto, interessa-nos a perspectiva dialógica da argumentação, ou seja, focalizaremos as questões argumentativas a partir do jogo interativo. Sob esta visão, a argumentação é considerada parte integrante de uma interação entre os usuários da língua, utilizada para resolver uma disputa sobre uma opinião expressa. O ato argumentativo deve ser entendido como um processo de uso da língua, uma atividade verbal, sendo estruturada em enunciados, organizados por meio do processo de argumentar para defender um ponto de vista. (Eemeren; Grootendorst, 1983).

Dessa maneira, a atividade argumentativa se desenvolve por meio de estratégias das quais os interlocutores, quando engajados interacionalmente, lançam mão para conduzir o ouvinte a uma determinada conclusão. Tais estratégias relacionam-se ao conhecimento probabilístico que os usuários da língua possuem a respeito de uma dada ocorrência, numa determinada situação enunciativa (Tommola, 1978). Em sentido geral, por *estratégia* designaremos toda ação realizada de maneira coordenada com vistas a um certo objetivo (Charaudeau; Maingueneau, 2004:218).

A argumentação, como estratégia discursiva, é analisada segundo a noção de processamento textual, ou seja, o texto é visto como um evento comunicativo em que convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais e não apenas como uma seqüência de palavras escritas ou faladas (Aquino, 1997). Conforme já assinalou Van Dijk (2002), a verdadeira compreensão dos enunciados se baseia em um complexo processo que envolve vários tipos de informações provenientes da situação de fala (desejos ou obrigações dos falantes, compreensão de atos precedentes – suposições e observações já armazenadas ou

inferidas, etc.). Isso implica dizer que a força específica dos argumentos só poderá ser definida mediante as informações fornecidas pelo contexto comunicativo.

Se a argumentação é elemento presente em todo evento comunicativo, não devemos restringi-la somente às situações discursivas propensas ao confronto. A este respeito, Aristóteles já identificava, em sua *Retórica*, um gênero oratório, denominado *epidíctico*, que não versava sobre matérias controvertidas e que não visava à adesão de um auditório. Tal gênero “apresentava um discurso ao qual ninguém se opunha, sobre matérias que não pareciam duvidosas e das quais não se via nenhuma consequência prática. (...) Tratava-se o discurso como espetáculo teatral ou competição atlética, cujo objetivo parecia ser pôr em evidência os participantes” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002:54).

Todavia, ao transpormos essas reflexões ao *corpus* analisado, constatamos que os textos giram na esfera de sentido dos gêneros *deliberativo* e *judiciário* por colocarem em primeiro plano o embate de opiniões. Na verdade, a discussão de idéias é própria das situações de debate, portanto, é natural que em nossas análises nos defrontemos com o conflito. Os próprios tópicos selecionados, observados nosso *corpora*, já apontam para a instauração da polêmica: clonagem, utilização de células-tronco e estatuto do desarmamento.

3.7 O jogo argumentativo: análise de algumas estratégias

Partindo da observação dos debates que compõem nosso *corpora* (vide anexos pp. 103-141), identificamos algumas estratégias de que se utilizam os participantes e as analisamos, de acordo com os estudos de Perelman; Olbrechts-Tyteca (2002). Salientamos que os três tópicos selecionados – clonagem, utilização de células-tronco para fins terapêuticos e estatuto do desarmamento – apontam para o confronto de opiniões em razão do tema sobre as quais versam, propiciando, assim, o surgimento do debate.

3.7.1 O embate de opiniões no *chat* com convidados

Com relação ao *chat* com convidados (anexo II, pp.164-166), em que ocorre o debate com o Dr. Roger Abdelmassih, a instauração da polêmica já se evidencia na declaração do entrevistado destacada no início do texto, conforme exemplo da página 164, linhas 1 e 2:

Dr. Roger Abdelmassih 4.03.05

"Embrião não é vida, são células vivas."

O enunciado expressa uma idéia própria do discurso científico em oposição à visão de mundo baseada na moral católico-cristã. Anuncia-se o embate de dois pontos de vista: ciência e religião. Tal confronto mostra-se no enunciado do primeiro locutor colocado em cena pelo mediador (p.164, linhas 26 a 31):

Pergunta: O senhor é favorável à esta lei que mata uma pessoa para servir outra?
Dr. Roger: Eu não sou favorável nunca para matar uma pessoa para servir outra. Mas essa lei não mata, essa lei dá a vida, essa lei vai ajudar as pessoas a ter uma viabilidade de vida e salvar vidas que não seriam salvas de outra maneira. E embrião não é vida, são células vivas. A maioria das ciências acredita que a vida começa quando o embrião gruda, há vida, no útero. Essa é a posição da organização mundial da Saúde.

O locutor dirige-se ao entrevistado valendo-se de um argumento pragmático que permite a apreciação de um tema “consoante suas conseqüências, presentes ou futuras”, estabelecendo uma relação de causa e efeito (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002:303). Para esse locutor, a lei de Biossegurança, que avaliza a manipulação de embriões para fins terapêuticos, traz como conseqüência a morte de seres humanos. É uma voz representativa de uma moral não-científica: para ele, o encontro dos gametas masculino e feminino já pode ser classificado como vida humana. Em contrapartida, o convidado ancora-se em um argumento de autoridade para refutar a opinião de seu interlocutor ao assegurar que a Organização

Mundial de Saúde reconhece como pessoa somente embriões em desenvolvimento intrauterino.

O confronto de opiniões ainda se estende durante a conversação quando um dos internautas envia uma pergunta: “Porque a Igreja de modo geral não aceita as pesquisas com células-tronco?” (Anexo II, p.164, linha 40). Na verdade, a manipulação de embriões para fins terapêuticos encontra forte oposição da igreja em vista da própria concepção de origem da vida.

A definição do que é *vida* revela-se um conceito-chave que ampara toda a argumentação do entrevistado em defesa de sua tese pela liberação da manipulação de embriões. Assim, a adesão ao ponto de vista do entrevistado dependerá do entendimento que os internautas têm do termo *vida*. Confrontando-se as duas posições ideológicas em jogo, temos:

VIDA	
Discurso científico	Discurso religioso
- determinada pela fixação do embrião ao útero	- determinada pela primeira divisão celular

Dessa maneira, a argumentação do entrevistado só será considerada válida pelos participantes que partilharem do mesmo conjunto de crenças por ele defendido. Assim, a aceitação dos argumentos levantados pelo Dr. Roger Abdelmassih fica condicionada ao entendimento do conceito de *vida*. Se ambos, locutor e auditório, não entrarem em acordo a respeito do significado desse conceito, a argumentação do entrevistado é nula.

Por meio da afirmação de um conhecimento que se espera mutuamente acordado (o entendimento de *vida*), o convidado desenvolve sua argumentação. Vemos que seu primeiro movimento consiste em afirmar esse conhecimento (“embrião não é vida, são células vivas” – anexo II, p. 164, linha 2) para, no decorrer do debate, vincular esse conhecimento a tese que pretende defender (a manipulação de células-tronco para fins terapêuticos). Ao evocar a

Organização Mundial de Saúde com a intenção de corroborar seu entendimento do conceito de *vida*, o locutor-entrevistado se apóia em uma autoridade exterior para fazer com que os participantes aceitem sua opinião. É claro que a opinião proposta somente será aceita como verossímil, se esse mesmo auditório legitimar a autoridade evocada. Em caso positivo, existe o que Breton (1999) define como “efeito de comunidade”, ou seja, os interlocutores previamente partilham valores que permitem enquadrá-los em uma comunidade de pensamento e ação.

Ao longo do debate, o convidado procura alicerçar-se em estratégias que o fortaleçam perante os demais interlocutores. Nesse sentido, ele não só recorre aos argumentos de autoridade, como também apela, em certa medida, à razão ao colocar que os estudos com embriões favoreceriam a terapia de doenças como o Mal de Alzheimer (Anexo II, p.165, linha 52) e lesões do nervo lingual (Anexo II, p.165, linha 47).

Nesse ponto, o convidado recorre também ao argumento pragmático. Uma vez que a manipulação de embriões ajudaria o tratamento de diversas doenças, o entrevistado demonstra que, para apreciar a questão em foco, é necessário reportar-se a seus efeitos. Segundo Perelman; Olbrechts-Tyteca (2002), a principal característica da argumentação pragmática é estabelecer uma relação de causa e efeito.

Sem dúvida, tal argumento pragmático evidencia como o entrevistado, estrategicamente, constrói em seu discurso uma relação fato-conseqüência. Quer dizer, a terapia com células-tronco produz, como conseqüência, esperança de tratamento de algumas doenças e o benefício de tal conseqüência confere um valor positivo ao seu argumento dando força a seu discurso. Com essa atitude, também imprime a seu modo de dizer um valor⁴⁶ humanitário.

⁴⁶ Os valores exercem influência e intervêm em todas as argumentações. “Recorre-se a eles para motivar o ouvinte a fazer certas escolhas em vez de outras e, sobretudo, para justificar estas, de modo que se tornem aceitáveis e aprovadas por outrem” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002:84).

Outra estratégia que confere força ao discurso do convidado é o fato de apelar para um valor de *modernidade* ao garantir que “nesta área específica de células-tronco, não devemos nada a nenhum país do mundo” e que “temos taxas de sucesso [em reprodução assistida] semelhantes aos melhores centros do mundo” (Anexo II, p. 166, linhas 98-99 e 99-100, respectivamente). Dessa maneira, aderir à tese defendida por ele é comungar com o pensamento de vanguarda, é ligar-se aos avanços científico-tecnológicos, é olhar à frente e para o futuro. Contrariamente, opor-se à sua tese é estar em descompasso com os melhores centros de pesquisa mundiais, é prender-se ao passado e à estagnação.

O caminho que o locutor-entrevistado percorre argumentativamente em busca da persuasão dos demais participantes pode ser assim esquematizado:

Pré-condição: afirmação de um conhecimento (conceito de <i>vida</i>) que se espera aceito por todos os envolvidos no processo interacional.
TESE liberação da manipulação de células-tronco para fins terapêuticos
ARGUMENTOS DE SUSTENTAÇÃO DA TESE - argumento de autoridade: recorrência à autoridade externa (OMS) - argumento pragmático: a manipulação de embriões beneficiaria o tratamento de diversas doenças (relação fato-consequência) – apelo à razão.
VALORES MOBILIZADOS - valor humanitário: ajuda a pessoas que sofrem de doenças crônicas ainda sem terapia - valor de modernidade: pesquisa de vanguarda ligada aos melhores centros do mundo

Quando observamos globalmente o debate no gênero *chat*, detectamos que a construção discursiva se alicerça no par adjacente pergunta-resposta. Isso se deve ao fato de esse recurso ser elemento básico da interação, pois, além de organizar localmente a conversação, controla o encadeamento de ações (Fávero; Andrade; Aquino, 1999:49). Por constituir-se, nesse caso, como introdutor do tópico em discussão, tal par adjacente revela-se estratégico na condução do processo discursivo. Essa mecânica de funcionamento nos permite dizer que a interação se organiza em pequenos dílogos.

O mediador conduz o processo por meio dos locutores que ele coloca em cena, quer dizer, o mediador orienta e direciona os tópicos conforme seleciona as perguntas dos múltiplos participantes. A partir dessa seleção, ele movimentava o debate.

Contudo, se a própria situação de debate é condição para a ocorrência do conflito, a dinâmica estabelecida pelo gênero *chat com convidados* tende a não favorecer o desenvolvimento da polêmica. A própria condição de assimetria do discurso (quem fala é o convidado) e a presença de múltiplos interlocutores selecionados por um mediador comprometem a ocorrência dos contra-argumentos.

O responsável pelo desenvolvimento do tópico é exclusivamente o entrevistado, portanto, o assunto discutido fica restrito ao seu ponto de vista. Qualquer voz dissonante não encontra espaço para rivalizar com a opinião do convidado, em razão da assimetria própria do gênero.

Por fim, a condição assimétrica, bem como, a impossibilidade de os internautas selecionarem outros parceiros durante a interação comprometem a profusão de pontos de vista típica de um debate.

No próximo item, observamos o movimento argumentativo na lista de discussão, por meio da análise de algumas estratégias argumentativas dos participantes.

3.7.2 A argumentação no *newsgroup*

Assim como no *chat com convidados*, também no *newsgroup* (veja-se anexo I, pp. 160-162), o debate segue uma dinâmica própria. Conforme exposto no capítulo anterior, esse gênero é composto por múltiplas interações (conversações dialógicas e/ou polilógicas), as mensagens são frequentemente truncadas - quando não são truncadas, a seqüência conversacional é geralmente muito curta -, as mensagens são, muitas vezes, posicionadas de

maneira aleatória na seqüência da conversação o que pode prejudicar o entendimento global da discussão.

A própria caracterização do gênero cria a expectativa de que a construção argumentativa siga um movimento específico. Para contribuir com turnos, o sistema exige do usuário a nomeação do enunciado (no campo “assunto”). Na seqüência conversacional analisada (pp.161 e 162), vemos a mensagem inicial “Uma pergunta” lançada pela locutora Amanda (p.161, linha 45) e suas respectivas respostas (“Re:Uma pergunta”) às linhas 53, 62, 83 da página 161 e linha 96 da página 162.

Neste gênero, a denominação do tópico constitui-se como estratégia que possibilita a continuidade da conversação. Ao apresentar “Uma pergunta”, Amanda busca a reação do outro, sinalizando ao seu interlocutor que espera “Uma resposta”, conforme exposto:

16.

Assunto: Uma pergunta
Data: 6 Apr 2004 11:56:12 -0300
De: “Amanda” <amanda.hoelzel@click21.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Essa é uma pergunta que ninguém ainda fez: clone tem alma??
 (anexo I, p. 161, linhas 44-50)

Apesar de seu enunciado expressar-se por meio de um marcador ilocucional interrogativo (a dupla interrogação “??”), Amanda também reforça o ato que realiza no campo destinado ao tópico diminuindo, assim, a possibilidade deste segmento de transformar-se em uma mensagem truncada.

Sua pergunta (“clone tem alma??”) contrapõe o pensamento científico ao religioso. Entretanto, a locutora lança a polêmica e ausenta-se da discussão. O fato de apresentar o debate como algo singular (“essa é uma pergunta que ninguém ainda fez”) dá força a seu argumento, além de pressupormos que a locutora tem ciência do conteúdo do debate e sabe que este tópico ainda não foi abordado por nenhum outro participante.

O turno, inserido na seqüência da conversação e que corresponderia à resposta ao questionamento de Amanda, parte do locutor Rodrigo:

17.

Assunto: Re: Uma pergunta
Data: 6 Apr 2004 18:00:44 -0300
De: "Rodrigo" <daltojs@cidadeinternet.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Clone somente é um ser com as aparencias idênticas a um outro ser. Ele leva sua vida, independente do seu "modelo original".
 (anexo I, p. 161, linhas 52-58)

Apesar de tratar-se de um movimento de resposta, Rodrigo não responde diretamente a pergunta. Seus argumentos não abordam diretamente a questão levantada por Amanda. Em uma construção textual elíptica, o locutor propõe uma idéia derivada daquela, mas que se revela inconclusiva, porque o falante não oferece outros registros que fortaleçam seu argumento.

A construção, por um outro viés, desconecta-se da mensagem inicial, como se ambas não produzissem o par adjacente pergunta-resposta. Na verdade, o enunciado produzido pelo locutor Rodrigo não revela uma preocupação em responder a pergunta proposta por Amanda ("clone tem alma?"). Ao contrário, Rodrigo tece um comentário generalizante ("ele leva sua vida, independente do seu "modelo original") e a ausência de marcadores que busquem o outro, faz-nos crer que este locutor não dirige seu turno diretamente a Amanda, mas abre seu posicionamento para o grupo.

Por outro lado, Marco Hundsdorfer encaminha sua mensagem diretamente a Amanda, como vemos na seqüência:

18.

Assunto: Re: Uma pergunta
Data: 14 Apr 2004 16:22:38 -0300
De: "Marco Hundsdorfer" <hundsdorfer@ig.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Cara Amanda.

Gêmeos idênticos têm alma? Porque clones são nada mais, nada menos, que gêmeos idênticos em essência. Possuem a mesma carga genética que outro ser, só isso. Quem inventou a clonagem não foi o homem, mas a própria natureza. (veja, como exemplo, os guepardos na África, que possuem, devido a seu pequeno número, pouquíssima variação genética). O homem manipula uma possibilidade feita pela própria natureza, só isso. É fato que este conhecimento pode ser utilizado para o bem ou para o mal. Mas, a religião também pode, não é mesmo? (Vide história). Gostaria de propor uma discussão. Quem mais gerou conflitos e mortes durante toda a história humana? As religiões ou a ciência? Obrigado pela atenção.

Marco.

(anexo I, p.161, linhas 61-80)

Estrategicamente, procura cooptar a boa vontade da interlocutora, tratando-a pelo nome. Estabelece maior proximidade e envolvimento que Rodrigo e, embora nomeie um interlocutor (Amanda), vemos uma aproximação marcada pela formalidade, observável pelo tratamento dado (“Cara Amanda”). Quando observamos globalmente o turno de Marco, percebemos que seus enunciados são estruturados nos moldes da carta pessoal/ bilhete pela adoção do esquema destinatário-remetente. Percebemos, pelo primeiro enunciado, que o locutor se reporta à Amanda e assina seu texto (“Marco”). Na verdade, como o próprio sistema já acusa a assinatura da mensagem, tal recurso torna-se desnecessário (“Marco Hundsdorfer” <hundsdorfer@ig.com.br>).

De início, esse locutor reformula o questionamento “clone tem alma??” para “gêmeos idênticos têm alma?”, estabelecendo uma relação de comparação entre clones e gêmeos univitelinos, possivelmente com o objetivo de lembrar Amanda dessa obviedade (“clones são nada mais, nada menos, que gêmeos idênticos em essência.”). Ao aproximar “clones” e “gêmeos univitelinos”, o locutor Marco recorre a uma demonstração formal, lógica (“clones são nada mais, nada menos, que gêmeos idênticos em essência”) para sintetizar sua opinião.

Sua tessitura argumentativa visa a provar que a clonagem é algo natural e não uma invenção humana. Para corroborar sua idéia, Marco recorre à exemplificação como argumento (“veja, como exemplo, os guepardos na África, que possuem, devido a seu pequeno número,

pouquíssima variação genética”). Ao evocar tal exemplo, Marco pretende fundamentar a tese que procura defender. A exemplificação como argumento permite ao locutor sistematizar uma regra. Sem o exemplo, a tese de Marco se transformaria em uma generalização carente de maiores apoios.

O embate entre ciência e religião levantado por Amanda ganha prosseguimento nos enunciados de Marco. Em sua opinião, tanto ciência quanto religião são dois campos do pensamento humano que podem ser utilizados para o bem ou para o mal. No sentido de persuadir Amanda de que a religião pode também se transformar em algo danoso, Marco aposta em um conhecimento enciclopédico (Koch, 1997) partilhado por ambos ao evocar, de maneira genérica, “dados históricos” que comprovem esse fato (“vide história”). Mesmo que o locutor deixe a cargo do interlocutor inferir tais dados, ele busca sua aprovação por meio de um marcador específico: “não é mesmo?”.

Finalizando seu turno, Marco propõe outra discussão: “quem mais gerou conflitos e mortes durante toda a história humana? As religiões ou a ciência?”. É interessante observarmos que, na seqüência conversacional, a proposta de Marco não obtém a adesão dos demais participantes. Uma possível justificativa seria o fato desse questionamento apresentar-se encadeado no restante do texto. Em vista da própria dinâmica do gênero, o locutor poderia ter conseguido maior sucesso se enviasse sua pergunta à lista em um movimento inicial, sinalizando a todos tratar-se de um novo assunto. Como postula Maroccia (2004), parece que alguns interlocutores não observam a seqüência completa da conversação, tendo acesso somente a alguns argumentos em detrimento de outros.

De qualquer modo, o enunciado de Marco aponta para um duplo esquema interacional: de um lado a relação direta Marco-Amanda (dílogo) e, de outro, Marco - demais internautas (polílogo), quando este enuncia “gostaria de propor uma discussão”. Quando introduz seu questionamento, o locutor abre a oportunidade de participação para o restante do grupo. Os

demais participantes, antes na posição de alocutários indiretos, passam à categoria de alocutários diretos, sendo chamados a participar da interação em curso.

O próximo turno inserido na estrutura conversacional corresponde à contribuição do locutor Luiz Bento, como segue:

19.

Assunto: Re: Uma pergunta
Data: 19 Apr 2004 12:04:29 -0300
De: "Luiz Bento" <luiben@ig.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Amanda, não sou cientista e nem pretendo aqui ficar conversando sobre suposições. A Alma é uma justa suposição do ser humano carente, que fica imaginando coisas. Voce já viu alguma alma? Será que ela existe. Ninguém tem condições de clonar um sonho por exemplo. Eu diria a voce que a alma é um sonho da fragilidade humana. Do ponto de vista científico a gente clona apenas matéria. Portanto o clone não tem alma e nem o ser humano. Ok?

(anexo I, p.161, linhas 82-94)

Se Marco chama os demais à participação, Luiz Bento assume atitude oposta ao desprezar o debate (“não sou cientista e nem pretendo aqui ficar conversando sobre suposições”). Dirige seu discurso a locutora Amanda, buscando provar que a idéia de alma é uma suposição do ser humano carente. Neste aspecto, veladamente, ataca a face daquela locutora.

Com isso, esse participante dá sinais de que desacredita da idéia de alma. Para reforçar tais valores, Luiz utiliza-se de premissas como: “alma é uma justa suposição do ser humano carente” chamando a locutora Amanda à razão – “você já viu alguma alma?”. Luiz argumenta, ainda, que “alma é sonho da fragilidade humana”, alegando que “ninguém tem condições de clonar um sonho”. Para este locutor, clonagem é produto do pensamento científico em que a idéia moral/religiosa de alma não tem lugar. Clonagem é matéria, não alma; portanto, integram esferas incompatíveis, inconciliáveis.

Luiz Bento procura sustentar seu posicionamento a partir de uma argumentação lógico-científica, ou seja, ancorada no discurso científico (“do ponto de vista científico a gente clona apenas matéria”). E, fundamentado nessa observação lógica, conclui que nem o ser humano teria alma, uma vez que esta é fruto de suposições. Seguindo as reflexões de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), podemos dizer que Luiz Bento constrói seu discurso sob o ponto de vista da argumentação quase-lógica, pois sua força persuasiva se aproxima dos modos de raciocínio lógicos.

A contribuição deste locutor confronta o ponto de vista de Amanda, entretanto, não conseguimos identificar, em seu processo de elaboração discursiva, o grau de colaboração das seqüências conversacionais. De qualquer maneira, o enunciado de Luiz é o que mais se configura como par adjacente da pergunta proposta por Amanda.

O último turno inserido nessa seqüência conversacional refere-se à mensagem de Jéssica, conforme se observa:

20.

Assunto: Re: Uma pergunta
Data: 8 May 2004 13:11:25 -0300
De: “jessica” <tudorepetido@hotmail.com>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

te respondo com outra pergunta, irmaos gemeos univitelinos tem almas distintas? se vc acha que sim entao clones tem almas sim pois os gêmeos sao clones naturais
 (anexo I, p. 162, linhas 95-103)

A construção argumentativa de Jéssica parece constituir-se como paráfrase dos argumentos propostos por Marco, pois, em essência, a primeira reformula os posicionamentos expressos pelo segundo, conforme exposto:

Marco Hundsdorfer
 “gêmeos idênticos têm alma?”

Jéssica
 “irmãos gêmeos univitelinos têm almas distintas?”

“clones são (...) gêmeos idênticos
em essência”

“os gêmeos são clones naturais”

A paráfrase pode ser definida como uma atividade de rearticulação do texto na qual um enunciado reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica (Fávero; Andrade; Aquino, 1999:59). Podemos postular que, no todo da conversação, a reformulação parafrástica proposta por Jéssica ao enunciado de Marco cria um efeito de reforço do ponto de vista defendido por ambos.

Apesar de observarmos a semelhança na escolha dos argumentos nos dois casos, em que medida podemos afirmar que o turno de Marco foi determinante para a elaboração discursiva de Jéssica? A interlocutora Jéssica observou os enunciados dos outros participantes para construir seu texto? Tais questões são de difícil resposta para os estudiosos desse gênero discursivo.

Vemos que Jéssica procura recuperar a proximidade da conversação cotidiana (“te respondo com outra pergunta”), pois seu enunciado caminha num registro mais informal, característica dessa modalidade de interação. Mesmo em um ambiente eletrônico, os interlocutores sentem-se como se estivessem em uma conversação, na presença uns dos outros. A esse respeito, podemos dizer que, apesar de escrita, a conversação na internet é concebida como fala por seu caráter essencialmente dialogal, como comprova Nader (2001).

Na próxima seqüência conversacional selecionada, o locutor Milton de Freitas propõe nova contribuição ao debate denominado “clonagem”, como destacamos em seguida:

28.

Assunto: clonagem
Data: 13 Mar 2004 23:12:18 -0300
“milton de freitas”
De: <miltondefreitas@uol.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Eu, vim para que todos tenham vida, e vida em abundancia
(anexo I, p.162, linhas 105-111)

Não se trata de uma pergunta, mas sim de um comentário que ganha força irônica a partir da interpretação do interlocutor Reginaldo, como segue:

29.

Assunto: Re: clonagem
Data: 15 Mar 2004 19:21:07 -0300
"Reginaldo Periera Martins"
De: <reginaldo@uol.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

MUITO BOA, QUE PENA É QUE OS NOSSOS DEPUTADOS NÃO PENSE NISSO.
(anexo I, p.162, linhas 114-121)

O enunciado anterior de Milton dialoga intertextualmente com o discurso bíblico. Parece-nos que este locutor, ao reproduzir estereotipicamente as palavras do Criador, põe em cena o próprio Cristo avalizando a replicação ilimitada de vidas proposta pela clonagem (a “vida em abundância”). Ocorre aí uma operação denominada intertextualidade implícita, pois esse locutor introduz em seu discurso um intertexto alheio sem mencionar explicitamente a fonte. Esse processo pode ser utilizado com o objetivo de seguir a orientação argumentativa do texto base, como também de contraditá-lo, colocá-lo em questão, ou até mesmo ridicularizá-lo, argumentando em sentido contrário (Koch; Bentes; Cavalcante, 2007).

Parece-nos que a adoção de tal estratégia, ao promover o ridículo, cria um efeito irônico. Na verdade, o efeito irônico não é do enunciado, mas sim do discurso: dá-se a partir da interpretação dos demais participantes (Ducrot, 1987). Assim, a tônica satírica é assimilada pelo interlocutor seguinte, Reginaldo. Sua reação é tomar como piada o argumento proposto por Milton (“muito boa”) e, comungando com o tom daquele primeiro, torce para que os deputados brasileiros não pensem nisso, ou seja, na replicação abundante de vidas. Em seu movimento de resposta, Reginaldo mostra que o comentário de Milton gira na esfera humorística de sentido e, por sua vez, também contribui brincando com a má fama dos políticos.

É interessante notar que Reginaldo reproduz seu enunciado mais uma vez, conforme destacamos na seqüência:

30.

Assunto: Re: clonagem
Data: 15 Mar 2004 19:21:07 -0300
 "Reginaldo Periera Martins"
De: <reginaldo@uol.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

MUITO BOA, QUE PENA É QUE OS NOSSOS DEPUTADOS NÃO PENSE NISSO.
 (anexo I, p. 162, linhas 123-130)

A duplicação de seu turno pode revelar problemas com a interface, mas, por outro lado, também pode reforçar o tom irônico da conversação. Por se tratar de um grupo de discussão sobre clonagem, poderíamos pensar que Reginaldo “clonou” sua mensagem como motivo de piada? Ou que, na realidade, este locutor não tem familiaridade com o sistema e cometeu equívocos ao encaminhar sua resposta?

De qualquer forma, o último grupo conversacional analisado parece ter como tônica a ironia. Os manuais de retórica costumam classificá-la como um tropo. Tropo seriam figuras de significação, ou seja, “figuras por meio das quais atribui-se a uma palavra uma significação que não é precisamente aquela própria dessa palavra” (Charaudeau; Maingueneau, 2004:487). Parece-nos que os tropos exercem uma abertura, uma ampliação de sentido da linguagem em suas múltiplas possibilidades interpretativas. Em vista de ampliar os caminhos de leitura de um enunciado, tais figuras de significação acrescentariam um elemento surpresa à linguagem, gerando um efeito retórico de estranhamento do inusitado, uma vez que provocam uma ruptura de sentido que perturba e dá sempre nova voz ao que se diz (Esteves, 1997).

Com base nessas reflexões, podemos afirmar que a ironia gera uma desidentificação com aquilo que é dito, remete para a negação o que pode acarretar ambigüidade e má- interpretação do enunciado. Revela-se uma mini-dialética entre o implícito e o explícito, tem o poder de nos introduzir na contradição. A ironia nos leva, através da inversão racional, a

uma ambigüidade inovadora e problematizadora entre o sério e o brincar, razão pela qual se é difícil dissociar ironia de humor (Esteves, 1997:40).

Como a ironia é figura da contradição (quer dar-se a entender o contrário do que se diz), Perelman; Olbrechts-Tyteca (2002:235) afirmam tratar-se de um processo de argumentação indireta. Ainda segundo os autores, é uma forma de raciocínio que gira na esfera do ridículo, ou seja, a argumentação irônica expõe uma proposição “que merece ser sancionada pelo riso” (p.233).

A ironia suscita o riso por romper com o pensamento lógico e privilegiar o absurdo. Quando Milton reproduz as palavras do Cristo e Reginaldo torce para que os políticos brasileiros não se clonem indistintamente, ambos os locutores distanciam-se do modelo de argumentação quase-lógica e introduzem na discussão um elemento absurdo e, por isso mesmo, ridículo.

Na seqüência, apresentamos um quadro-síntese das estratégias detectadas durante a interação no *newsgroup*:

LOCUTORES	ARGUMENTOS/ESTRATÉGIAS
Amanda	<ul style="list-style-type: none"> - responsável pela introdução do tópico discursivo (“Uma pergunta – clone tem alma?”). - a singularidade da discussão apresentada favorece a participação dos demais interlocutores.
Rodrigo	<ul style="list-style-type: none"> - não responde diretamente a locutora Amanda : a mensagem, apesar de inserida na seqüência da conversação, não produz o par adjacente pergunta-resposta. - ancora-se em uma generalização sem maior desenvolvimento argumentativo (“clone é somente um ser com as aparencias idênticas a outro ser”).
Marco	<ul style="list-style-type: none"> - dirige-se diretamente a locutora Amanda (“Cara Amanda”). - estabelece relação de comparação entre “clones” e “gêmeos univitelinos”, aproximando-se da demonstração lógica. - vale-se da exemplificação como argumento, corroborando a tese de que a clonagem é algo natural (“vide os guepardos na África”). - evoca um conhecimento enciclopédico para afirmar que os avanços científicos como religiosos podem ser utilizados para o bem ou para o mal (“vide história”). - propõe nova discussão que não obtém adesão dos demais participantes (“quem mais gerou conflitos e mortes durante toda a história humana? As religiões ou a ciência?”).

Luiz Bento	<ul style="list-style-type: none"> - despreza o debate (“não sou cientista e nem pretendo aqui ficar conversando sobre suposições”). - ataca a face da locutora Amanda responsável pela sugestão do tópico discursivo (“alma é uma justa suposição do ser humano carente”). - forte amparo no discurso científico (“do ponto de vista científico a gente clona apenas matéria”). - refuta a idéia de alma a partir de argumentação lógico-científica e apelo à razão.
Jéssica	<ul style="list-style-type: none"> - reformulação parafrástica do turno do locutor Marco com a provável intenção de reforçar o posicionamento de ambos. - busca maior proximidade com a locutora Amanda por meio de um registro lingüístico mais informal.
Milton	<ul style="list-style-type: none"> - responsável pela introdução de novo tópico discursivo (“clonagem”). - propõe um diálogo intertextual implícito com o discurso bíblico ao reproduzir estereotipicamente as palavras do Cristo. - sua argumentação pelo viés irônico acrescenta um tom absurdo à conversação.
Reginaldo	<ul style="list-style-type: none"> - responde ao locutor Milton tomando a contribuição deste como piada: assimilação do registro irônico. - comunga com a suposta ironia daquele locutor, satirizando a má fama dos políticos brasileiros. - mais do que revelar problemas com a interface, a duplicação de sua mensagem pode reforçar a tônica humorística proposta uma vez que se trata de uma lista de discussão sobre clonagem.

A partir das duas seqüências conversacionais analisadas pudemos perceber que o jogo argumentativo segue uma dinâmica específica na lista de discussões, sendo que tal especificidade impõe algumas dificuldades de análise para o pesquisador.

É preciso lembrar que o debate pode ter prosseguido através da troca de mensagens diretamente ao e-mail uns dos outros ou, devido ao seu caráter assíncronico e sua temporalidade dilatada, pode não ter mais sido retomado esgotando-se aí a discussão.

Entendemos que os participantes da lista de discussão são livres para acompanharem o debate em sua totalidade, mas não temos como aferir tal possibilidade em termos, inclusive, de observarmos o que apreenderam do jogo argumentativo.

3.7.3 A polarização no fórum eletrônico

A tessitura argumentativa do *e-fórum* desenvolve-se em torno da contraposição de opiniões entre os interlocutores partidários ou não do estatuto do desarmamento. Das cerca de

setenta contribuições analisadas, detectamos aproximadamente 27 contrárias ao estatuto e 13 a favor. O restante constitui-se de mensagens que oscilam entre ofensas pessoais e desabafos até críticas à realização do referendo, ataques aos políticos e à situação econômico-social brasileira.

Também é interessante notar que o envolvimento emocional dos participantes na discussão fomentou a formação de coalizões entre eles além da troca de ofensas típicas de debates mais acirrados. Em vista do grande número de mensagens trocadas e com o intuito de sistematização e estudo das estratégias do *e-fórum*, pensamos ser mais produtivo observarmos como se constroem argumentativamente os pontos de vista do *sim* e do *não* frente ao estatuto do desarmamento, ao invés de analisarmos individualmente cada locutor.

3.7.3.1 As estratégias do *não*

Um dos argumentos levantados pelos críticos da proibição do comércio de armas e munições é o fato de tal atividade ser um direito garantido constitucionalmente, conforme atestam as mensagens:

Não tenho arma, mas votei NÃO, pq se eu quizer ou PRECISAR de uma arma um dia, eu poderei ter. (...) queria dizer que votei pelo direito de ter uma [arma]
(anexo III.3, p. 176, linhas 14-15)

VOCÊ IRIA CHORAR MUITO MAIS E JUNTO COM OUTROS IGUAIS A VOCÊ, SE UM DE SEUS DIREITOS FOSSEM CASSADOS,
(anexo III.3, p. 186, linhas 549-550)

Ouví muitos ainda insistindo em afirmar os pontos negativos sobre armamentos para ainda procurar coibir o cidadão de ter seus direitos de livre escolha.
(anexo III.3, p. 192, linhas 859-860)

O povo soberanamente decretou "sim" para o direito de ter ou não uma arma e "não" para a demagogia barata !
(anexo III.3, p. 196, linhas 1085-1086)

Esse argumento ganha força, pois promove a euforização do valor de liberdade, tão caro a qualquer sociedade democrática. Assim, a idéia de um referendo que propõe a renúncia a um direito reconhecido pela constituição brasileira reveste-se de uma aura anti-democrática e, por isso, deve ser refutado.

Não sem razão, encontramos algumas mensagens que enxergam na iniciativa do referendo promovido pelo governo petista uma tentativa de controlar o cidadão brasileiro ou mesmo implantar uma ditadura, conforme atestam os exemplos:

As novas regras de 2003 & 2004, chamadas de Desarmamento, possuem o fundamental grande erro de mais uma vez querer que o ESTADO CONTROLE O CIDADÃO, ao invés de REFORÇAR A RESPONSABILIDADE do Cidadão para o pleno exercício de sua Cidadania. (anexo III.3, p. 192, linhas 891-894)

DITADORES

É IMPRESSIONANTE COMO AS PESSOAS QUE DE CERTA FORMA AGEM COMO DITADORES FICAM NERVOSAS QUANDO AS COISAS NÃO ACONTECEM COMO ELAS GOSTARIAM. ACHO QUE TEMOS LIVRE ARBITRIO DE VOTAR-MOS NAQUILO EM QUE ACHAMOS BOM. PARA NÓS E PARA A NOSSA FAMILIA. (anexo III.3, p. 183, linhas 412-416)

Em vista do exposto, percebemos que os defensores do comércio de armas e munições procuram demonstrar que o estatuto do desarmamento atenta contra uma sociedade democrática de direito. Para esses internautas, a proibição do comércio de armas sinaliza para o tolhimento da liberdade de escolha do indivíduo e para a regulação da vida dos cidadãos pelo Estado brasileiro. Como a idéia do referendo foi encabeçada pelo governo petista, os defensores desse ponto de vista vêm forte inclinação ditatorial e controladora vinda do Partido dos Trabalhadores. Observamos, inclusive, a tentativa de aproximação da figura do presidente Lula com a do dirigente nazista Adolf Hitler, conforme segue:

TENTEM ADIVINHAR O NOME DA PESSOA CUJA BREVE BIOGRAFIA SEGUE ABAIXO:
(...)
Então... Já descobriu?

Não?
 É ADOLF HITLER!
 Você pensou que era o Lula, hein?
 Pois é... a semelhança é impressionante!!!
 PS - Faltou falar do DESARMAMENTO que Hitler fez na Alemanha,
 para depois exterminar a população desarmada, dentro da sua própria casa...
 (anexo III.3, p. 202, linha 1370 e linhas 1391-1397)

O locutor recorre ao argumento de comparação para indiretamente desqualificar o desarmamento. Na verdade, ele não ataca o estatuto em si, mas aquele que julga seu mentor intelectual: o presidente Lula. Nesse tipo de argumentação, cotejam-se vários objetos para avaliá-los uns em relação aos outros, sendo que tudo quanto é cotejado com objetos muito inferiores tende a sofrer com essa aproximação (Perelman & Olbrechts Tyteca, 2002). Ao comparar Lula a Hitler, o locutor insere esses dois elementos em um mesmo grupo e, promovendo tal identificação, espera que os participantes do fórum desprezem a idéia do desarmamento.

A comparação entre os dois governantes tende a fomentar o surgimento de teorias conspiratórias que afirmam o sonho petista de uma via autoritária de governo, como reproduzimos abaixo:

o pt ia implantar uma ditadura.

gentes, segundo estão dizendo,o desarmamento ja estava na gaveta há 3 anos.dizem até que o pt(se não fossem estes problemas pelo qual ele está passando)planejava uma ditadura.
 (anexo III.3, p. 182, linhas 328-330)

Esse turno inserido na conversação elege a generalização e o senso comum como base argumentativa. O locutor em questão parece colocar-se como representante de uma coletividade genérica e indeterminada (por exemplo: “estão dizendo”, “dizem”) para assegurar a vocação ditatorial petista.

Possivelmente, a intenção seja a de fomentar a polêmica, pois esse locutor não se manifesta acerca do estatuto do desarmamento, mas aproveita a discussão levantada em torno da liberdade de escolha dos cidadãos para introduzir sua tese conspiratória.

Esse exemplo é importante, pois ilustra de maneira efetiva a ampla difusão de tópicos e subtópicos quando lidamos com interações que envolvem múltiplos participantes. Assim, à questão central da aprovação ou não do estatuto do desarmamento, desenvolvem-se outras derivadas dessa como a própria necessidade de realização do referendo, a segurança/violência social, a legislação brasileira, a política educacional, o comportamento dos políticos do país, entre outras:

O ESTADO(Estados, União,Municípios) É OMISSO EM SEGURANÇA. PREFEREM A PIROTECNIA QUE DESLUMBRA AO INVESTIMENTO NAS CAUSAS QUE RESOLVERIAM O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA QUE É UMA SÓ, SÓ MUDA COMO NA FORMA COMO APARECEM NO NOSSO DIA-A-DIA. INFELIZ DO POVO QUE IMAGINA QUE PRENDENDO OU MATANDO, ESTÁ LUTANDO CONTRA SEUS MISERÁVEIS PROBLEMAS.

(anexo III.3, p. 182, linhas 349-354)

O CONGRESSO virou bancada de pseudo-detetives, que procuram as provas dos crimes dos outros, mascarando os seus. É um novela sem começo nem fim, aonde começa a corrupção termina sempre noutro político ou noutra descoberta de envolvimento na ladroeira. Onde já se viu gente da mesma laia fiscalizar seus pares? Só no Brasil.

(anexo III.3, p. 181, linhas 295-298)

NO ESTÁGIO EM QUE O BRASIL SE ENCONTRA, ONDE A SEGURANÇA PÚBLICA É ZERO, NÃO É, NEM SERIA O MOMENTO PARA TAL REFERENDO... ALIÁS, OS 500 MILHÕES GASTOS COM PUBLICIDADE NESTE REFERENDO IMBECIL, VALERIA MUITO PARA INSTRUIR, EDUCAR MILHÕES DE CRIANÇAS POBRES, EVITANDO ASSIM A PROLIFERAÇÃO DE FUTUROS ASSASSINOS E LADRÕES...

(anexo III.3, p. 186, linhas 558-562)

Já pararam para pensar que existe arma muito pior do que um revolver?!

Imaginem uma caneta nas mãos de um político mal intencionado!

Quantas crianças já morreram no Brasil por desnutrição, doenças por falta de uma política mais justa por parte das autoridades!

(anexo III.3, p. 194, linhas 989-992)

Tem que desarmar o bandido e criar leis mais rígidas. Para isso precisa fazer um referendo. O dinheiro que gastaram c/ o referendo, por que não investiram no social (saúde, educação, habitação e emprego)?

(anexo III.3, p. 196, linhas 1073-1075)

Parece-nos que, além de opinarem sobre a pertinência da comercialização de armas de fogo, os interlocutores usam o espaço também para exercitarem a crítica social. Nesse sentido, o *e-fórum* acaba funcionando como um ambiente propício à discussão de problemas sociais que se estendem para além do estatuto em foco.

Outro ponto levantado pelos opositoristas ao desarmamento seria em relação ao cumprimento do estatuto, caso fosse referendado pela maioria. Alguns interlocutores acreditam na ineficácia do poder público em zelar pelo respeito ao estatuto e tal argumento justificaria o voto contrário à proibição do comércio de armas e munições, conforme ratificam os exemplos:

a atual lei do desarmamento não precisa de prévias interpretações doutrinárias, pois é suficientemente clara para ser feita cumprir, porém que próprio governo que aí está, não tem capacidade para cumprir.

É aí onde está o "nó-cego".

O poder público brasileiro que já não é capaz de desarmar bandido nem evitar assalto à luz do dia em via pública e até em delegacia de polícia, muito menos será capaz de garantir um mínimo de segurança ao cidadão, com ou sem "desarmamento".

(anexo III.3, p.188, linhas 637-643)

O Estatuto do desarmamento está em vigor, ele proíbe o porte, transporte e uso de armas. A única coisa que ele não proíbe é a comercialização de armas e munição no país, o que é mínimo, 1200 por ano.

Eu quero saber é : Se esse estatuto já está em vigor. O que tem mudado quanto a segurança do povo ??????

(anexo III.3, p.195, linhas 1031-1035)

Tal desenvolvimento argumentativo poderia se enquadrar no que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) definem como receio do precedente. Nessa maneira de argumentar, nos opomos a uma ação por lhe temer a repercussão sobre outras ações futuras de mesma espécie (idem, p.322). Assim, teme-se a vitória do desarmamento, porque as autoridades brasileiras não teriam êxito em garantir segurança ao cidadão.

Nesse contexto, portar um revólver transmitiria a sensação de segurança perdida que o poder público revela-se incapaz de assegurar. Por isso, vemos, entre os interlocutores

contrários à proibição da venda de armamentos, a celebração do porte de armas, conforme exemplos:

como a minha prima QUE FOI SUMARIAMENTE EXECUTADA POR UM DIMENOR DESGRAÇADO (...) SE ELA ESTIVESSE ARMADA E PREPARADA PARA UMA REAÇÃO TALVEZ ESTIVESSE VIVA AQUI HOJE.
(anexo III.3, p. 176, linhas 45 e 48-49)

A propósito : em 95 tentaram me assaltar e devem estar correndo até hoje; atirei, estava armado, tinha porte e atiro bem (fui esportista do tiro), então não me venha com blá-blá-blá.
(anexo III.3, p. 178, linhas 118-119)

A defesa do porte de armas surge como produto da experiência empírica vivida pelos locutores. A situação vivenciada legitima seu ponto de vista e dela os locutores tiram forças para buscar convencer os demais participantes.

No segundo caso, a argumentação valoriza a realidade objetiva dos fatos (“tentaram me assaltar (...) tinha porte e atiro bem”) e despreza qualquer argumento que não possa ser confirmado por uma experimentação prática (“não me venha com blá-blá-blá”). Essa maneira de argumentar visa a emocionar os demais interlocutores, pois um argumento calcado na experiência vivida, em um acontecimento real, tende a despertar um sentimento maior de solidariedade ao ponto de vista do locutor.

A descrição de um dado da realidade cria uma aproximação com os outros participantes e pode funcionar como forte instrumento de persuasão. O argumento da experiência baseia-se em uma prática efetiva no domínio em que o orador se exprime (Breton, 1999). Assim, a experiência com o porte de armas confere ao locutor em questão o poder de argüir a respeito de um fato real sobre o qual ele tem uma espécie de autoridade.

3.7.3.2 As estratégias do *sim*

O argumento da experiência é também utilizado pelos defensores da proibição do comércio de armas e munições, como podemos ver na seqüência:

Espero realmente que não tenha q passar pela experiência de ter uma arma apontada para você, como já passei. E digo, quem ficaria com a matraca bem fechada seria você! (...)
 Eu, com minha pacata sensibilidade, me vi impossibilitada de qq reação.
 Mas graças a Deus estou viva!
 Talvez se tivesse uma arma, conformr fui ameaçada, morreria!
 (anexo III.3, p. 179, linhas 172-173 e linhas 175-177)

A locutora supracitada lança mão de um acontecimento vivido para condenar o porte de armas. Nesse caso, o uso do argumento da experiência aponta para uma conclusão diversa dos exemplos anteriores. Se nos outros dois relatos o porte de armas se vincula a valores de poder e segurança, agora a posse de um armamento significa a possibilidade de morte.

Na verdade, quando observamos a formulação argumentativa das mensagens partidárias da proibição do comércio de armas e munições, identificamos um tom mais emocional, já que o apelo ao desarmamento se confunde com o apelo à vida. Para esses participantes, a posse de armas de fogo está intrinsecamente associada à idéia de morte e, por isso, deve ser combatida. Dessa maneira, colocar-se favoravelmente ao comércio de armas e munições é colocar-se contra a vida e celebrar a morte, conforme percebemos nos exemplos:

MUITOS DOS QUE VOTARÃO NO "NÃO" AINDA VÃO SE ARREPENDER. ARMA FOI FEITA PRA MATAR. BANDIDO NÃO AVISA QUANDO VAI ROUBAR. TER ARMA NÃO É SINÔNIMO DE SEGURANÇA.
 (anexo III.3, p. 183, linhas 405-407)

POIS É, PERDEU-SE A OPORTUNIDADE DE DAR O PRIMEIRO PASSO PARA DESARMAR ESSA SOCIEDADE TÃO VIOLENTA! MATA~SE POR TUDO: BRIGA DE BAR, MARIDO TRAÍDO, MULHER HUMILHADA, FILHO QUE PEGA A ARMA DO PAI E MATA COLEGA NO COLÉGIO, BRIGA DE TRANSITO, ETC.ETC.ETC.. QUER SABER? CADA SOCIEDADE TEM O PAÍS QUE MERECE!! ARMEM-SE, MATEM-SE, DANEM-SE!!!!
 (anexo III.3, p. 198, linhas 1170-1174)

Na primeira mensagem, o porte de armas aparece ligado à violência e mortandade. Via de regra, os partidários do estatuto do desarmamento defendem a posição de que “arma foi feita para matar” e “não é sinônimo de segurança”. No segundo caso, a morte, em uma sociedade caracteristicamente violenta, deriva da posse de armas, como sinaliza a progressão de idéias exposta no fim da mensagem (“armem-se, matem-se, danem-se!!!”). Nesse sentido,

para esse locutor, não resta outro caminho além da morte para aqueles que optam pela via armamentista.

No anseio de sensibilizar os outros participantes, percebemos que os defensores do *sim* recorrem à ilustração como argumento, conforme atesta a seguinte mensagem:

Espero que expliquem para os pais dessa criança QUE ESSES CIDADÃOS ESTAVAM NO SEU "DIREITO" DE TER UMA ARMA!!!!!!
 Bala perdida mata menino de 11 anos em SP
 Quando passavam pela Av. Americanópolis, por volta das 19h30 de segunda-feira, dois irmãos viram dois homens discutindo, próximo ao número 93 daquela via da Vila Joaniza, na capital paulista. De repente, um dos homens sacou de uma arma e efetuou disparos. Um deles atingiu o menino Sidnei Silva Cordeiro, de 11 anos, no peito. Ele morreu ao ser socorrido no Pronto-Socorro do Jabaquara.
 (anexo III.3, p. 178, linhas 147-154)

A ilustração pode ser introduzida como argumento com o intuito de reforçar a adesão a um ponto de vista. Assim, a ilustração cumpre importante papel de apoiar determinada opinião e deve impressionar vivamente a imaginação para despertar a atenção dos interlocutores (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002). Esse tipo de argumento se alicerça em casos particulares, buscando esclarecer uma proposição geral.

No exemplo evocado, a descrição de um caso de bala perdida parece justificar a proibição do comércio de armas e munições. Tal caso particular introduzido na argumentação funciona como ilustração, pois reforça o ponto de vista a favor do desarmamento, avivando na consciência dos demais participantes o dano provocado pela posse de armas de fogo.

Também observamos que os internautas favoráveis ao estatuto do desarmamento valem-se dos argumentos de autoridade para legitimar sua opinião, segundo os exemplos dados:

John Crook, presidente da organização não-governamental Gun Control Austrália, país que possui uma das mais duras legislações mundiais contra a venda de armas, diz que a opção pelo "não" representa um "passo para trás".
 (anexo III.3, p. 180, linhas 228-230)

Rebecca Peters, diretora da organização não-governamental antiarmamentista International Action Network on Small Arms (Iansa), sediada em Londres, comenta que a campanha pelo "não" se valeu de "trapaças, mentiras e truques sujos".

Rebecca Peters, que é australiana, diz que a facção que defendia o voto contra a proibição da venda de armas usou argumentos falsos sobre o aumento da criminalidade na Austrália após a adoção de leis mais rigorosas contra a venda de armas.

(anexo III.3, p. 180, linhas 242-247)

Tim Cahill, o representante da Anistia Internacional para o Brasil, afirma que ainda que sua entidade já contemplasse a possibilidade de o "não" sair vencedor, o índice de mais de 60% obtido pelos que se opunham à proibição ao comércio de armas foi "um pouco chocante". Segundo Cahill, o resultado reflete o fato de que a campanha do "não" se valeu dos temores da população "e por isso foi mais eficaz". "Foi um voto contra o sistema de segurança público existente no Brasil, que é marcado pela corrupção e pela violência. (...)

(anexo III.3, p. 180, linhas 255-260)

Nas mensagens em questão, o interlocutor revela explicitamente a fonte do texto ao qual faz referência, sendo que, o texto atribuído ao(s) outro(s) enunciador(es) é marcado por meio do uso de aspas. Segundo Koch; Bentes; Cavalcante (2007), esse recurso intertextual é muito utilizado em textos argumentativos, principalmente quando se emprega o argumento de autoridade.

Vemos que o internauta apela para outras vozes com a intenção de defender seu ponto de vista. Assim, recorre a dirigentes ligados a entidades antiarmamentistas para validar sua posição em defesa do desarmamento. Tais dirigentes qualificam a opinião daquele locutor, pois a autoridade deles baseia-se na função que exercem, o que lhes confere ampla competência e uma espécie de direito sobre aquilo que dizem. Nas palavras de Breton (1999), o argumento de autoridade pode ser resumido no seguinte esquema proposicional: “acredito no que ele diz porque é ele quem o diz” (p.78).

Partindo dessa premissa, somos convencidos pelos argumentos de autoridade somente quando confiamos no enunciador-fonte e, dessa maneira, “a aceitação do argumento de autoridade funciona como uma delegação permanente de saber” e tal delegação de saber revela a íntima relação existente entre autoridade e confiança (Breton, 1999:79).

Outro argumento levantado por aqueles que defendem o estatuto é o de reciprocidade, exposto na seguinte mensagem:

O ativista afirma que "o sistema de controle de armas foi implantado com sucesso na Austrália, gradualmente, ao longo de 30 anos. O Brasil tem cerca de 50 vezes mais homicídios que a Austrália e agora esse índice deve aumentar ainda mais".

De acordo com ativistas australianos, após a proibição de armas semi-automáticas e de pistolas e revólveres, o país sofreu uma queda de crimes com armas de até um terço do que vinha sendo registrado nas décadas de 60 e 70.

(anexo III.3, p. 180, linhas 235-240)

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), "os argumentos de reciprocidade podem resultar da transposição de pontos de vista, transposição essa que permite reconhecer, através de sua simetria, a identidade de certas situações" (p.251). A simetria estabelecida entre situações distintas dota esse tipo de argumento de um forte vínculo dedutivo sem, no entanto, usar o equivalente a regras matemáticas (Breton, 1999).

Esse princípio dedutivo pode ser aferido no exemplo que destacamos. Nele, o locutor estabelece uma relação de simetria entre a situação brasileira e a australiana. A mensagem destaca que a proibição do comércio de armamentos diminuiu em um terço os crimes por armas de fogo na Austrália e, conseqüentemente, também reduziria os índices de criminalidade brasileiros se aqui fosse adotada.

A formulação do argumento de reciprocidade põe em evidência o raciocínio dedutivo. Se em um caso (o australiano) a proibição do comércio de armas é responsável pela diminuição da criminalidade, ela deveria sê-lo igualmente em outro (o caso brasileiro).

O último argumento que gostaríamos de observar é o uso da ironia por parte dos defensores do desarmamento, conforme destacamos em seguida:

NÃO CHOREM

Quando seu filho morrer. Quando voce for vítima não adianta chorar.

Parabéns!!!

Viva ao sangue!!

Viva a dor!

Viva as lagrimas!!!

Choremos pobre povo!!!

Choremos as vossas mortes!!!

Parabéns pistoleiros!!!

Parabéns exímios portadores de aramas.(se é que possuem aramas ou saiba manuseá-la)

Não sabia que o povo gostava de tiro. Aliás não sei porque se intimidam ou se abaixam

quando existem disparos.
Parabéns a morte!!!
A morte venceu!!
Fico feliz porque as profecias bíblicas se cumprem. Esta é a minha única felicidade.
E tenho dito.
(anexo III.3, p. 189, linhas 702-717)

O locutor em questão procura atacar os simpatizantes do comércio de armas e munições ironizando-os. A mensagem destacada opõe-se à lógica, revelando concepções pouco razoáveis e contrárias ao padrão culturalmente aceito. Por esse motivo, enxergamos a tentativa desse participante de ridicularizar seus antagonistas.

Tal ridicularização também pode ser atestada pela euforização de termos cujo valor semântico é reconhecidamente negativo como “dor” e “morte”. Além disso, a mensagem desqualifica seus opositores taxando-os de “pistoleiros”. A construção argumentativa não procura sustentar uma tese em favor do desarmamento, mas sim ofende diretamente os defensores do porte de armas. Como se a detração dos autores invalidasse seu ponto de vista.

Nesse sentido, não se ataca a opinião, mas sim o(s) próprio(s) debatedor(es). Essa estratégia enfraquece o debate, pois traz a discussão para um âmbito pessoal, ignorando o próprio objetivo do fórum, ou seja, o questionamento de assuntos de interesse coletivo.

O quadro, a seguir, resume as estratégias observadas no *e-fórum* e fornece parâmetros para melhor compreensão da formulação argumentativa dos partidários do *sim* e do *não*, durante o processo interacional:

Desarmar a sociedade reduziria a violência? Você acha que o desarmamento é uma boa solução?	Argumentos/Estratégias
NÃO	<ul style="list-style-type: none"> - euforização do valor de liberdade: o comércio de armas e munições é um direito garantido constitucionalmente, assim sua proibição tende a cercear a autonomia dos cidadãos. - posicionar-se a favor do desarmamento é colocar-se contra uma sociedade democrática de direito. - a ameaça a um direito legal confere ao estatuto do desarmamento uma aura anti-democrática. - diante do exposto, a idéia do referendo, levado a cabo pelo governo petista, é vista como tentativa de controle do indivíduo e desejo de estabelecer uma via autoritária de governo (comparação de Lula a Hitler). - receio do precedente: o estatuto não deve ser sancionado em vista da ineficácia do Estado brasileiro na área de segurança pública. - argumento da experiência: a prática no manuseio de armas de fogo, manifestada por alguns locutores, avaliza seu uso como proteção individual (valor de segurança).
SIM	<ul style="list-style-type: none"> - apelo à proibição do comércio de armas confunde-se com o apelo à vida. - o discurso assume tom mais emocional. - a posse de armas de fogo liga-se ao valor de morte, ao invés de poder e segurança reivindicados pelos defensores do <i>não</i>. - ilustração como argumento: a descrição de casos com vítimas de bala perdida objetiva impressionar os demais locutores do perigo que a posse de armas representa. - argumento da experiência: a situação de ter uma arma apontada para si funciona como argumento em favor da proibição do comércio de armas e munições. - argumento de autoridade: a opinião de dirigentes ligados a entidades antiarmamentistas é colocada em cena para validar a posição em defesa do desarmamento. - argumento da reciprocidade: tentativa de estabelecer simetria entre a bem sucedida experiência australiana com o desarmamento na redução da violência e o caso brasileiro. - ironia: a ridicularização dos opositores transfere para a esfera individual (ofensa pessoal) um problema de interesse coletivo, esvaziando o debate.

Procuramos, por meio de um quadro-síntese, condensar as principais estratégias observadas durante a conversação no fórum eletrônico.

O fato de a interação se estender por tempo indeterminado e possibilitar a participação de múltiplos interlocutores favorece a dispersão do foco conversacional e o surgimento de diversas ações discursivas com a pulverização de temas.

Nesse sentido, muitas mensagens não foram aqui analisadas, pois se distanciavam dos propósitos do debate e da discussão sobre o comércio de armas e munições e o estatuto do desarmamento. De maneira geral, essas contribuições criticavam a situação social brasileira de miséria e desemprego, o descaso dos políticos com essa mesma situação, além da troca de ofensas pessoais entre os participantes.

Tal situação ocorre em virtude da baixa intervenção do moderador no processo interacional. Os participantes sentem-se livres para opinarem da maneira que quiserem, desviando, assim, os tópicos da conversação. A proteção do anonimato, comum à comunicação mediada pelo computador, contribui para que os interlocutores agridam-se mais verbalmente do que se estivessem na presença uns dos outros.

No próximo item, comentamos as principais características do jogo argumentativo nos três gêneros digitais pesquisados.

3.8 Síntese do jogo argumentativo no debate digital

A partir da análise do jogo argumentativo, observamos algumas características que encaminham a formulação discursiva de modo peculiar nos três gêneros digitais analisados. Esse encaminhamento diferenciado reflete-se no próprio objetivo do debate digital. Quer dizer, se no debate prototípico os debatedores procuram persuadir uns aos outros, essa não parece ser a realidade do debate quando mediado pelo computador.

A persuasão não parece ser o foco principal da interação nas discussões via internet. Tanto a dificuldade de identificação dos debatedores, em vista de seu vasto número e da possibilidade de assumirem outras identidades para si, quanto a temporalidade difusa, comprometem essa questão.

No *chat* com convidados, ocorre o apagamento das vozes do discurso de modo que não reconhecemos a identidade dos interlocutores. Com relação à lista de discussão e ao fórum eletrônico, mesmo as informações de que dispomos a respeito dos internautas revelam-se insuficientes para que saibamos suas identidades. Dados como sexo, faixa etária, profissão, entre outros, encontram-se suprimidos e sabemos que tais informações são essenciais na formulação discursiva com vistas à persuasão entre os interlocutores.

Via de regra, dispomos apenas de um nome ou um endereço de e-mail - informações que podem não ser fidedignas, se lembrarmos que, na comunicação mediada, os internautas têm a possibilidade de escolherem outras identidades para si. No fórum eletrônico, encontramos participantes que criam pseudônimos como “Fernando Henrique Cardoso FHC” (anexo III.3, p. 195, linha 925), “Xto” (anexo III.3, p. 199, linha 1229) e “Me engana que eu gosto” (anexo III.3, p. 196, linha 1089), ocultando suas reais identidades.

A condição interacional assíncrona faz que o debate na lista de discussão e no fórum eletrônico não tenha uma finalização definida, revelando um movimento discursivo próprio desses gêneros: o participante seleciona estrategicamente se vai tomar parte ou não no debate.

Em razão de tais condições, o debate digital parece concentrar-se em torno de um tópico específico e não dos debatedores, ao contrário de debates televisivos, por exemplo.

Mais do que objetivar a persuasão dos debatedores, as discussões por meio desse suporte cumprem a função de espaço de exercício da crítica social. Um espaço democrático que permite a qualquer um se juntar à interação e contribuir para a resolução de problemas da coletividade.

Conclusão

Procuramos, no decorrer desta dissertação, observar o funcionamento de debates veiculados pela internet em três gêneros digitais distintos: a *lista de discussão*, o *chat com convidados* e o *fórum eletrônico*.

Inicialmente, partimos de um espectro mais amplo, procurando conhecer melhor o ambiente da rede mundial de computadores como mediador dos processos de interação social. Nesse sentido, analisamos o surgimento da cibercultura e a consolidação da cultura digital, além de teorias que trabalham com a virtualização da comunicação.

A linguagem digital representou um avanço em direção ao aumento de nossas capacidades cognitivas. Também nos impôs uma nova compreensão da presença humana para além da simples presença física e uma nova percepção da realidade espacial – a intersecção entre o real e o virtual.

A difusão da internet como novo meio de produção de linguagem e de processos comunicativos provocou mudanças na maneira de interagirmos socialmente. Esse novo modelo inaugurou novas formas discursivas, os chamados gêneros digitais.

Observamos que esses gêneros emergentes da tecnologia digital valem-se de características daqueles que os precederam, transmutando-os, uma vez que a natureza do contato eletrônico não só altera significativamente a relação social entre os indivíduos, como também sua produção discursiva nesse novo contexto.

Entendemos que a internet promove uma mudança em nossas formas de interação social, por meio da apropriação de gêneros discursivos precedentes, transformando-os e inaugurando novas práticas discursivas, como já apontaram alguns estudiosos da comunicação mediada pelo computador, como Marcuschi (2004) e Araújo; Biasi-Rodrigues (2005), ao discutirem sobre a transmutação e complexificação dos gêneros já difundidos socialmente e tomados pela internet.

Partindo dessas reflexões, constatamos que, no meio digital, tanto a *lista de discussão* quanto o *fórum eletrônico* trazem em si o cerne da constituição do debate, pois, em ambos, observamos a preocupação em discutir assuntos de interesse coletivo e a possibilidade de resolução de problemas comuns, entretanto, com um encaminhamento diverso que permite nomeá-los de modo específico.

Em outras palavras, observamos que o debate, conforme conhecemos, transmuta-se para a esfera digital na forma desses gêneros especificamente e, por realizar-se de modo peculiar, recebe outra denominação.

O funcionamento e a organização do debate nos três gêneros digitais analisados seguem uma dinâmica própria. Primeiramente, os interlocutores não estão diretamente em contato o que altera significativamente o encaminhamento discursivo. Em segundo lugar, o envolvimento do mediador em diferentes níveis também modifica os parâmetros da interação. Além da questão do mediador, os diferentes níveis de participação e o grande número de interlocutores (interações polilógicas) imprimem características próprias aos debates que acontecem nos gêneros digitais analisados. Também, a condição temporal assíncrona nos gêneros *lista de discussão* e *fórum eletrônico* dota as discussões de uma duração específica.

Quando comparada ao tradicional modelo da conversação face a face, a conversação *on-line* apresenta algumas peculiaridades como a impossibilidade de sobreposição de turnos, do modo como foi descrito pelos analistas da conversação, a falta de um *feedback* simultâneo decorrente da ausência de contato áudio-visual (supressão dos dados paralingüísticos) e a interrupção dos turnos conversacionais adjacentes, em virtude das inúmeras mensagens serem postadas no sistema na ordem em que são recebidas.

Também, a falta de contato presencial entre os participantes permite aos internautas esconderem sua própria identidade ou escolherem outras para si. As relações mediadas privilegiam o anonimato e, em decorrência disto, os interlocutores não têm acesso a

informações que indiquem o *status* social uns dos outros. Tal anonimato imprime uma maior espontaneidade às relações, pois não existe um *feedback* regulador imposto pela aparência ou posição social.

Uma vez que as formas tradicionais de *feedback* são alteradas por esse modo específico de interagir, os internautas necessitam adotar outras estratégias que procurem sinalizar a manutenção do contato e mesmo a negociação dos turnos. Diante dessas especificidades, o debate no meio digital desenvolve-se de maneira muito particular nos três gêneros observados.

Com relação à *lista de discussão*, observamos um nível médio de moderação, uma vez que o mediador sanciona as mensagens em desacordo com os propósitos do grupo. A conversação se organiza de maneira muito peculiar, pois é composta de múltiplos participantes (polílogo), além de que as discussões ocorrem através de uma temporalidade dilatada, em vista do aspecto assíncrono da interação.

Também, o sistema possibilita aos interlocutores responderem as mensagens diretamente aos *e-mails* uns dos outros, sem necessidade de passarem pela lista. Assim, mensagens que, à primeira vista, parecem carecer de uma complementaridade, podem ter sido respondidas fora do *newsgroup*.

O processo interacional ainda compreende diversos níveis de participação. Entre os internautas que enviam mensagens, reconhecemos, com base nos estudos de Maroccia (2004), a categoria dos participantes ocasionais e anfitriões e, entre aqueles que apenas se contentam em observar a interação, mas não participam com turnos, identificamos uma categoria denominada espiões. A elaboração discursiva também compreende três níveis de produção que podem, ou não, referirem-se a um mesmo interlocutor: transmissor, autor e idealizador.

O sistema ainda exige do usuário que defina o posicionamento de sua mensagem na seqüência da conversação. Possivelmente, por alguma dificuldade com a interface, alguns participantes posicionam seus turnos de maneira aleatória, dificultando o entendimento do todo da interação. Além disso, o caráter assíncrono faz que os participantes entendam que as mensagens têm um “prazo de validade”. Por esse motivo, as seqüências conversacionais são muito curtas, em geral, não comportam mais que cinco mensagens.

Esse mecanismo próprio de funcionamento do *newsgroup* dificulta ao analista aferir se os participantes lêem, ou não, o todo da conversação quando observamos sua formulação discursiva no que concerne à argumentação. Assim, não conseguimos saber se os usuários, ao formularem seu discurso, têm acesso a todos os argumentos previamente expressos pelos demais.

Já no gênero *chat* com convidados, a moderação ocorre em um nível maior, pois o moderador decide os turnos que tomarão parte na conversação. Os múltiplos participantes enviam suas perguntas a esse mediador que as seleciona e encaminha ao entrevistado. Em vista de tal esquema de funcionamento, os níveis de participação dividem-se entre participantes efetivos (selecionados pelo mediador) e não-efetivos (não selecionados pelo mediador). Também temos o grupo de observadores, constituído por aqueles que não enviam perguntas, mas apenas observam a conversação.

Diferentemente do gênero *chat* do IRC, ocorre nessa modalidade de bate-papo um apagamento das vozes do discurso e a busca por criar uma cenografia que transmita a imagem de isenção, neutralidade e objetividade, de maneira a atenuar o papel autoritário exercido pelo mediador.

Como a efetivação dos turnos dos participantes depende desse mediador, observa-se um maior cuidado na construção discursiva, os enunciados parecem demandar um maior grau de planejamento e maior rigor na seleção lexical. Em vistas de tais condições de produção, o

debate no *chat* com convidados se aproximaria mais das produções escritas. Contudo, se a própria situação de debate é condição para a o surgimento do conflito, a dinâmica estabelecida pelo gênero *chat com convidados* tende a não favorecer o desenvolvimento da polêmica. Quando observamos a construção argumentativa, vemos que a própria condição de assimetria do discurso (quem fala é o convidado) e a presença de múltiplos interlocutores selecionados por um mediador comprometem a ocorrência dos contra-argumentos.

O responsável pelo desenvolvimento do tópico é exclusivamente o entrevistado, portanto, o assunto discutido fica restrito ao seu ponto de vista. Qualquer voz dissonante não encontra espaço para rivalizar com a opinião do convidado, em razão da assimetria própria do gênero. Por fim, a condição assimétrica, bem como a impossibilidade de os internautas selecionarem outros parceiros durante a interação comprometem a profusão de pontos de vista típica de um debate.

O gênero *fórum eletrônico* apresenta um nível de moderação baixo, pois o mediador só intervém quando acionado por algum participante que se sentir pessoalmente ofendido. A dinâmica interacional é muito semelhante à *lista de discussão*, entretanto, não é permitido aos participantes enviarem mensagens diretamente ao *e-mail* uns dos outros; todas as discussões têm que, necessariamente, passar pelo fórum. Como estratégia, os participantes tendem a nomear o destinatário das mensagens já no espaço reservado ao título.

Diferentemente da *lista*, as mensagens são armazenadas na ordem cronológica em que são recebidas, não exigindo do usuário a definição do posicionamento delas no todo da conversação. Os níveis de participação também se assemelham à *lista de discussões*, pois o *fórum* divide-se entre usuários que enviam contribuições e aqueles que somente se contentam em lê-las. Dessa maneira, tal como a *lista de discussão*, também esse gênero comportaria aquela categoria que denominamos espões.

Dentre as setenta contribuições analisadas, não conseguimos estabelecer uma padronização na extensão das mensagens. Ocorreram variações significativas, desde mensagens com uma linha, até contribuições de mais de cinquenta linhas, por exemplo.

A participação de diversos interlocutores e o baixo controle do mediador durante a interação parecem favorecer o surgimento de diversas ações discursivas que se desviam do tópico proposto. A atitude digressiva pode ser observada quando alguns internautas dirigem ataques pessoais a outros, fazem piadas, criticam o governo e os políticos, aproveitam o espaço para desabafar, entre outras ações.

A elaboração discursiva apresenta muitas semelhanças com a oralidade. Os participantes tendem a não planejarem previamente seu fluxo verbal. O processamento e a execução textuais parecem acontecer de modo concomitante, o que se evidencia pelas marcas da digitação apressada das mensagens. Outras marcas do discurso falado registram-se pelo uso de expressões coloquiais e marcadores conversacionais, a predominância de enunciados mais curtos e sintaticamente mais simples e a observância de enunciados regidos pela sintaxe do discurso oral em situações de coloquialidade, em decorrência do fluxo verbal contínuo.

Os interlocutores parecem agir como se estivessem na presença uns dos outros e, possivelmente, isto leve à despreocupação com a digitação, pela não revisão das mensagens, o que revela uma produção pouco monitorada nesse sentido.

Após a descrição da organização e funcionamento da *lista de discussão*, do *chat com convidados* e do *fórum eletrônico*, observamos algumas estratégias de argumentação de que se valeram os internautas durante a interação.

A partir do jogo argumentativo, constatamos que a mecânica de funcionamento do debate digital dificulta a persuasão dos participantes, pois seu vasto número e a impossibilidade de reconhecer suas verdadeiras identidades comprometem esse objetivo. A

assincronia na lista de discussão e no fórum eletrônico faz que o debate nesses gêneros não tenha uma finalização.

O debate no contexto digital parece centrar-se em um tópico específico e não nos participantes, ao contrário do debate televisivo prototípico. Assim, para além da persuasão, o objetivo maior do debate, nesses gêneros, parece ser o de servir como um espaço de exercício da crítica social por meio da livre discussão entre os participantes.

As conclusões aqui apontadas não pretendem ser definitivas, dado apenas termos mapeado o funcionamento dos três gêneros digitais analisados, tendo em vista apresentarem debate de idéias que circulam na sociedade. Apontamos para a necessidade de pesquisas complementares acerca desse objeto, em razão da complexidade que apresenta e do número ainda reduzido de pesquisas nesse âmbito.

**Referências a edições
impressas e digitais**

- ALVES, Ieda Maria (2003). Neologismos do universo digital. In: *Photos & imagens – a revista do mercado fotográfico*. São Paulo: ano 6, nº 31, fevereiro/ março, p.55
- AQUINO, Zilda Gaspar O. (1997). *Conversação e conflito – um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/USP.
- _____ (2005). Diálogos da mídia – o debate televisivo. In: PRETI, Dino (org.). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas – Projeto NURC. pp.171-193.
- ARAÚJO, Júlio César; (2004). A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 91-109.
- _____; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (2005) (orgs.). *Interação na internet – novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- ARAÚJO, Yara R. Guasque (2005). *Telepresença: interação e interfaces*. São Paulo: Fapesp/Educ.
- ARISTÓTELES (1998). *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- ASCOTT, Roy (2002). A arquitetura da cibercepção. In: LEÃO, Lúcia (org.). *Interlab – labirintos do pensamento contemporâneo*. São Paulo: Fapesp/Iluminuras. pp.31-37.
- AULETE, Caldas (1958). *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 4.ed. Delta: Rio de Janeiro.
- BAKHTIN, Mikhail (1997). Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. pp.261-306.
- BARROS, Diana Luz P. de (2003). Dialogismo, polifonia e enunciação. In: _____ e FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2 ed. São Paulo: Edusp. pp. 1-9.
- BARROS, Kazue S. Monteiro (2003a). Comunidade virtual e comunidade de fala: discussão dos conceitos à luz da interação em aulas *chat*. In: *Revista da ANPOLL*, n 15, jul/dez. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP. pp.115-132.

- BEAMISH, Anne (1995). *Communities on line: a study of community based computer networks*. Dissertação de Mestrado. Massachusetts Institute of Technology (MIT): EUA. Acessado em: <http://alberti.mit.edu/arch/4.207/anneb/thesis/toc.html>
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado (2002). *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo/ Florianópolis: Educ/Ed. UFSC.
- BELLONI, Maria Luiza (2001). *Educação a distância*. Campinas/SP: Autores Associados.
- BENVENISTE, Emile (1976). *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Nacional/ Edusp (tradução do francês).
- BETTETINI, Gianfranco (1993). Semiótica, computação gráfica e textualidade. In: PARENTE, André (org.). *Imagem máquina – a era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Ed. 34. pp.65-71.
- BEZERRA, Benedito Gomes (2007). Gêneros introdutórios mediados pela web: o caso da homepage. In: ARAÚJO, Júlio César (org.). *Internet & ensino – novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp.113-125.
- BIOCCA, Frank (2001). Inserting the presence of mind into a philosophy of presence: a response to Sheridan and Mantovani and Riva. In: *Presence: teleoperators and virtual environments*. Massachusetts, The MIT Press, v. 10, nº 5, oct., pp.546-556.
- BLÜHDORN, Hardarik (1998). O discurso sobre o real e o virtual – uma abordagem semiótica. In: BOLLE, Willi; GLENK, Eva; FISCHER, Eliana; e BLÜHDORN, Hardarik (orgs.). *Pandaemonium germanicum – revista de estudos germânicos*, nº 2, março. São Paulo: Humanitas. pp.229-255.
- BOLTER, Jay D. (1991). *Writing space: the computer hypertext and history of writing*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.
- BORDIA, Prashant (1996). Studying verbal interaction on the internet: the case of rumor transmission research. In: *Behavior research methods, instruments & computers*, 28:2, pp.149-151.
- BRAGA, Denise Bértoli (2004). A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 144-162.

- BRAGA, José Luiz (2000). Interatividade e recepção. In: NETO, Antonio Fausto; HOHLFELDT, Antonio; PRADO, José Luiz Aidar; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre: Edipucrs. pp.109-136.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine (1998). *Subjetividade, Argumentação, Polifonia*. A propaganda da Petrobrás. São Paulo: Ed. Unesp.
- BRETON, Philippe (1999). *A argumentação na comunicação*. Bauru/SP: Verbum/EDUSC.
- BRITO, Paulo (2005). *Um tiro no escuro – as estratégias e incertezas da inclusão digital no Brasil*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).
- BRITO, Vivina R. (2004). El foro electrónico: una herramienta tecnológica para facilitar el aprendizaje colaborativo. In: *Revista Eletrônica de Tecnologia Educativa (Edutec)*, março, nº 17, Universidad de Oriente, Venezuela. Acessado em: http://www.uib.es/depart/gte/edutec-e/revelec17/brito_16a.htm
- CAVALCANTE, Marianne Carvalho B. (2004). Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 163-169.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.
- CHARTIER, Roger (1997). *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. Unesp.
- CHAUÍ, Marilena (2006). *Simulacro e poder – uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- COSTA, Rogério (2003). *A cultura digital*. Série Folha explica. São Paulo: Publifolha.
- CRYSTAL, David (2001). *Language and the internet*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ (2004). *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- DANET, Brenda (1995). SRB Insights: computer mediated communication. In: *The semiotic review of books*, volume 6, 9-10.
- DECEMBER, John (1996). Units of analysis for internet communications. In: *Journal of Computer-Mediated Communication*, volume 1, edição 4. Acessado em: <http://jcmc.indiana.edu/vol1/issue4/december.html>
- DILLON, Andrew; GUSHROWSKI, Barbara (2000). Genres and the web – is the personal home page the first uniquely digital genre? In: *Journal of the American Society for Information Science*, 51 (2). pp. 202-205.
- DIMANTAS, Hernani (2006). *Linkania – a sociedade da colaboração*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
- DÖRING, Nicola (2002). Personal home pages on the web: a review of research. In: *Journal of Computer Mediated Communication*, volume 7, edição 3. Acessado em: <http://jcmc.indiana.edu/vol7/issue3/doering.html>
- DUCROT, Oswald (1980). Analyse de textes et linguistique de l'énonciation. In: DUCROT, Oswald (ed.). *Les mots du discours*. Paris: Minuit. pp.7-56.
- _____ (1987). Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: *O dizer e o dito*. Campinas/SP: Pontes. cap. VIII. pp.161-218.
- EGGINS, Suzanne (1994). *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter Publishers.
- EEMEREN, Frans H.; GROOTENDORST, Rob (1983). *Speech Acts in Argumentative Discussions*. Dordrecht: Foris Publications.
- ERICKSON, Thomas (1997). Social interaction on the net: virtual community as participatory genre. In: *Proceedings of the Thirtieth Hawaii International Conference on System Science*, january, vol. VI, pp.13-21, Maui hawaii. Acessado em: http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html
- _____ (1999). Persistent conversation: an introduction. In: *Journal of Computer-Mediated Communication* 4,4. Special Issue on “Persistent Conversation”. Acessado em: <http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue4/ericksonintro.html>

- _____ (2000). Making sense of computer-mediated communication (CMC): Conversations as genres, CMC systems as genre ecologies. In: *Proceedings of the Thirty-third Hawaii International Conference on System Science* – ed. J. F. Nunamaker, Jr. R. H. Sprague, Jr., January, IEEE Press. Acessado em: http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/
- ESTEVES, José Manuel Vasconcelos (1997). *Ironia e argumentação*. Tese de Mestrado em Filosofia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Acessado em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/estebes-jose-manuel-ironia-argumentacao.pdf>
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda Gaspar O. (1999). *Oralidade e escrita – perspectivas para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- FÁVERO, Leonor Lopes (2000). A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, Dino (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas – Projeto NURC. pp. 79-97.
- _____; AQUINO, Zilda Gaspar O. (2002). A dinâmica das interações verbais: o trílogo. In: PRETI, Dino (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas – Projeto NURC. pp.158-177.
- FIORIN, José Luiz (1988). *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática.
- _____ (2002). *As astúcias da enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática.
- FIRMINO, Júlio César Ferreira (2005). Formas associativas existentes nas salas de bate-papo. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (orgs.). *Interação na internet – novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp.39-47.
- FONSECA, Lorena (2002). O uso de *chats* na aprendizagem de línguas estrangeiras. In: *Caligrama* – Revista do Departamento de Letras Românicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, volume 7, pp.101-121.
- FONTES, Maria do Carmo M. (2007). O uso de emoticons em chats: afetividade em ensino a distância. In: ARAÚJO, Júlio César (org.). *Internet & Ensino – novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 64-77.
- FORNEL, Michel (1989). Une situation interactionnelle négligée: la messagerie télématique. In: *Réseaux* 38, 31-48.

GLAZER, Courtney S. (2003). *Looking closely at emotional expression in an online course: a case study of distributed emotion*. Dissertação de doutoramento em Filosofia. Universidade do Texas: Austin (EUA). Acessado em: <http://www.scholarlypursuits.com/diss.pdf>

GOFFMAN, Erving (1981). *Forms of Talk*. Oxford: Blackwell.

_____ (1985). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.

GROSJEAN, Michele; TRAVERSO, Véronique (1998). Les cadres participatifs dans les polylogues. In: CABASINO, F. (ed.). *Du dialogue au polylogue*. Roma: CISU. pp.51-66.

GUILLAUME, Marc (2004). A revolução comutativa. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede – novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina.

HALLIDAY, Michael A. Kirkwood (1996). *Language as social semiotic – the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold.

_____ (1996^a). Literacy and linguistics: a functional perspective. In: R. Hasan ; G. Williams (eds.). *Literacy in society*. London and New York: Longman. pp.339-376.

HERRING, Susan C. (1999). Interactional coherence in CMC. In: *Journal of Computer-Mediated Communication*, junho, 4 (4). Acessado em: <http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue4/herring.html>

HINOJOSA, Mónica R. (1999). *El debate y la argumentación*. Teoria, técnicas y estrategias. México: Trillas.

JENSEN, Jens F. (1999). Interactivity – tracking a new concept in media and communication studies. In: MAYER, Paul (org.). *Computer media and communication*. New York: Oxford University Press. pp.160-187.

JOHNSON, Steve (2001). *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

KAC, Eduardo (1997). A arte da telepresença na internet. In: DOMINGUES, Diana. *A arte no século XXI*. São Paulo: Ed. Unesp.

- KALMAN, Yoram M.; RAVID, Gilad; RABAN, Daphne R.; RAFAELI, Sheizaf (2006). Pauses and Response Latencies: A Chronemic Analysis of Asynchronous CMC. In: *Journal of Computer-mediated Communication*, 12 (1). Acessado em: <http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue1/kalman.html>
- KAPLAN, Nancy (1995). *Politexts, hypertexts, and other cultural formations in the late age of print*. Acessado em: <http://www.ibiblio.org/cmc/mag/1995/mar/kaplan.html>
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1990). *Les Interactions Verbales*, vol. 1. Paris: Colin.
- _____ (2004). Introducing polylogue. In: *Journal of pragmatics n° 36*. Holland: Elsevier B. V. pp. 1-22.
- KERCKHOVE, Derrick (1993). O senso comum, antigo e novo. In: PARENTE, André (org.). *Imagem máquina – a era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Ed. 34. pp.56-64.
- KILLORAN, John B. (1999). *Trees falling in the cyber-forest: making a sound on the web*. Conferência apresentada no College Composition and Communication em Atlanta/EUA. Acessado em: <http://myweb.brooklyn.liu.edu/jkillora/research/1999cccc.html>
- KOCH, Ingedore Villaça (1997). Atividades e estratégias de processamento textual. In: _____; BARROS, Kazue S. (orgs.). *Tópicos em Linguística e Análise da Conversação*. Natal: Ed. UFRN.
- _____ (2003). *A inter-ação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto.
- _____; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (2007). *Intertextualidade – diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez.
- KOMESU, Fabiana (2005). Pensar em hipertexto. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (orgs.). *Interação na internet – novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp.87-108.
- LEÃO, Lúcia (1999). *O labirinto da hipermídia – arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Fapesp/Iluminuras.
- LEE, Moon J. (2005). Expanding hypertext: Does it address disorientation? Depends on individuals' adventurousness. In: *Journal of Computer-Mediated Communication*, 10(3), article 6. Acessado em: <http://jcmc.indiana.edu/vol10/issue3/lee.html>

LEVINSON, Stephen C. (1988). Putting linguistics on a proper footing: Explorations in Goffman's concepts of participation. In: DREW, P.; WOOTTON, A. (eds.). *Erving Goffman: Exploring the Interaction Order*. Cambridge: Polity Press. pp.161-227.

LÉVY, Pierre (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.

_____ (2000). *As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática*. 9. ed. São Paulo: Ed. 34.

MACHADO, Irene A. (2002). Gêneros no contexto digital. In: LEÃO, Lúcia (org.). *Interlab – labirintos do pensamento contemporâneo*. São Paulo: Fapesp/ Iluminuras. pp.71-81.

MANTOVANI, Giuseppe; RIVA, Giuseppe (2001). Building a bridge between different scientific communities: on Sheridan's eclectic ontology of presence. In: *Presence: teleoperators and virtual environments*. Massachusetts: The MIT Press, v. 10, nº 5, oct., pp.537-543.

MARCOCCIA, Michel (2004). On-line polylogues: conversation structure and participation framework in internet newsgroups. In: *Journal of pragmatics nº 36*. Holland: Elsevier B.V. pp.115-145.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (1997). Oralidade e escrita. In: *Signótica: Revista de Mestrado em Letras e Linguística*. Goiânia: UFGO, 9. pp.119-145.

_____ (2000). *A coerência no hipertexto*. Conferência proferida no I Seminário sobre Hipertexto. Centro de Artes e Comunicação: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Acessado em: <http://bbs.metalink.com.br/~coscarelli/Marcuschicoerhtx.doc>

_____ (2003). A questão do suporte dos gêneros textuais. In: *Língua, Linguística e Literatura*. João Pessoa, v. 1, nº 1, pp.9-40. Acessado em: <http://www.bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GESuporte.doc>

_____ (2004). Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp.13-67.

_____ (2005). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 4.ed. Lucerna: Rio de Janeiro. pp.19-36.

- MARTINS, Carla (2002). A indeterminação dos significados nos estudos sócio-pragmáticos: divergências teórico-metodológicas. São Paulo: *Delta*, 18:1, p.87-116.
- MATEI, Sorin Adam (2005). From counterculture to cyberculture: Virtual community discourse and the dilemma of modernity. In: *Journal of Computer-Mediated Communication*, 10(3), article 14. Acessado em: <http://jcmc.indiana.edu/vol10/issue3/matei.html>
- MCCLEARY, Leland E. (1996). *Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/USP.
- MCLAUGHLIN, Margareth L.; CODY, Michael J. (1982). Awkward silences: behavioral antecedents and consequences of the conversational lapse. In: *Human Communication Research* 8 (4), pp. 299–316. Acessado em: <http://www.blackwell-synergy.com/doi/abs/10.1111/j.1468-2958.1982.tb00669x?journalCode=hcre>
- NADER, Valéria Holzmann (2001). *A interação virtual em diálogos da Internet : novas possibilidades para a análise do discurso*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP.
- NELSON, Theodor Holm (1992). Virtual world without end. In: *Cyberarts: exploring arts & technology* (L. Jacobson, ed.). San Francisco: Miller Freeman.
- PAGANO, Adriana S. (2001). Gêneros híbridos. In: MAGALHÃES, Célia Maria (org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. pp. 83-104.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes O.; RODRIGUES JR., Adail Sebastião (2004). Fóruns on-line: intertextualidade e footing na construção do conhecimento. In: MACHADO, Ida Lúcia e MELLO, Renato (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. pp.171-189.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie (2002). *Tratado da argumentação – a nova retórica*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- PETTER, Margarida (2004). Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística – objetos teóricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto. pp.11-24.
- PIGNATARI, Décio (1970). *Informação. Linguagem. Comunicação*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva.

- PRETI, Dino (2002). Alguns problemas interacionais na conversação. In: _____ (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/Projeto Nurc. pp.45-66.
- PRIMO, Alex Fernando T. (1997). A emergência das comunidades virtuais. In: *Intercom 1997 – XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Anais: Santos. Acessado em: http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf
- _____ (2001). Sistemas de interação. In: SILVA, Dinorá Fraga; FRAGOSO, Suely (orgs.). *Comunicação na cibercultura*. São Leopoldo (RS): Ed. Unisinos. pp. 117-147.
- RAMAL, Andrea C. (2002). *Educação na cibercultura*. Porto Alegre: Artmed.
- RECUERO, Raquel da Cunha (2002). *Comunidades virtuais no IRC: o caso do #Pelotas – um estudo sobre a comunicação mediada por computador e a estruturação de comunidades virtuais*. Dissertação de mestrado em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- REZENDE, Afonsina Maria G. (2000). Hipertexto: tramas e trilhas de um conceito contemporâneo. In: *Informação e sociedade: estudos*. v. 10. n. 1. Acessado em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/viewFile/340/262>.
- RHEINGOLD, Howard (1992). A slice of life my virtual community. In: *Whole earth review*, nº 27, junho. Acessado em: http://www.well.com:70/0/Community/virtual_communities92
- _____ (1996). *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva.
- ROSENBERG, Jim (2002). A estrutura da atividade hipertextual. In: LEÃO, Lúcia (org.). *Interlab – labirintos do pensamento contemporâneo*. São Paulo: Fapesp/ Iluminuras. pp.57-69.
- SANTORO, Gerald M. (1995). What is computer mediated communication. In: BERGE, Zane L.; COLLINS, Mauri P. (orgs.). *Computer mediated communication and the on-line classroom*. Volume one: Overview and perspectives. Cresskill: Hampton Press. pp.11-27.
- SANTOS, Gildásio Mendes (2001). *A realidade do virtual*. Campo Grande/MS: Ed. UCDB.
- SILVA, Daniela Filipa Macedo B. M. da (2004). *Estratégias de argumentação e construção da imagem pessoal no debate político televisivo*. Dissertação de mestrado. Instituto de

Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho: Portugal. Acessado em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/922/1/Mestrado_DB.pdf

SILVA, Ezequiel Theodoro (2003). Leitura no mundo virtual: alguns problemas. In: _____ (coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez. pp.13-16.

SILVA, Marco (2000). *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet.

THOMPSON, John B. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.

TODOROV, Tzvetan (1978). *Os gêneros do discurso*. Lisboa: Edições 70.

TOMMOLA, Jorma (1978). Expectancy and speech comprehension. In: KOHONEN, Vilijo e ENKVIST, Nills Erik. (eds.). *Text linguistics, cognitive learning and language teaching*. Turkey, pp. 49-67.

TOULMIN, Stephen E. (2006). *Os usos do argumento*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

VAN DIJK, Teun A. (2002). *Cognição, discurso e interação* (org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 4. ed. São Paulo: Contexto.

VOISKOUNSKY, Alexander E. (1997). Telelogue Conversations. In: *Journal of Computer-Mediated Communication*, vol. 2, nº 4, junho. Acessado em: <http://jcmc.indiana.edu/vol2/issue4/voiskounsky1.html#Telelogue>

VORA, Pawan R.; HELANDER, Martin G. (1997). "Hypertext and its implications for the internet". In: HELANDER, Martin G., LANDAUER, Thomas K. e PRABHU, Prasad (eds.). *Handbook of human computer interaction*. Amsterdam: Elsevier Science B. V. pp. 877-914.

XAVIER, Antonio Carlos; SANTOS, Carmi Ferraz (2000). O texto eletrônico e os gêneros do discurso. In: *Veredas – revista de estudos lingüísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)*. jan/jun., vol. 4, n I, pp.51-57.

_____ (2005). E-forum na Internet: um gênero digital. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (orgs.). *Interação na internet – novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp.30-38.

XAVIER, Antonio Carlos (2002). *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Campinas/Unicamp: IEL. Tese de doutoramento.

WOUTERS, Paul; GERBEC, Diana (2003). Interactive Internet? Studying mediated interaction with publicly available search engines. In: *Journal of Computer-mediated communication*, nº 8 (4), julho. Acessado em: jcmc.indiana.edu/vol8/issue4/wouters.html

Mensagens do grupo [uol.folha.ciencia.clonagem](#)

Leia e responda as mensagens abaixo ou abra uma nova discussão clicando em “Escrever Mensagem”, acima. Se preferir, clique em “Busca” para encontrar algum assunto específico.

5

	De	Assunto	Data
	“André Batista”	<u>Deus em nossa vida</u>	15 May 2004
	“natali”	<u>clones</u>	14 May 2004
	“Nivaldo Nicoliche”	<u>Profecias...existem</u>	22 Apr 2004
10	“Marco Hundsdorfer”	<u>Re: Profecias...existem</u>	22 Apr 2004
	“Luiz Bento”	<u>Re: clonagem</u>	19 Apr 2004
	“camila”	<u>Re: clonagem</u>	9 May 2004
	“Mostradanusgyn”	<u>Re: Vamos acorda pra vida band*</u>	19 Apr 2004
	“Mostradanusgyn”	<u>Re: Vamos acorda pra vida band*</u>	19 Apr 2004
15	“Fernanda”	<u>clonagem</u>	16 Apr 2004
	“Amanda”	<u>Uma pergunta</u>	6 Apr 2004
	“Rodrigo”	<u>Re: Uma pergunta</u>	6 Apr 2004
	“Marco Hundsdorfer”	<u>Re: Uma pergunta</u>	14 Apr 2004
	“Luiz Bento”	<u>Re: Uma pergunta</u>	19 Apr 2004
20	“jessica”	<u>Re: Uma pergunta</u>	8 May 2004
	“Ana paula”	<u>Sedna</u>	17 Mar 2004
	www.itelefonica.com.br		
	“bazooka”	<u>Re: Sedna</u>	17 Mar 2004
	“Amanda”	<u>Re: Sedna</u>	6 Apr 2004
25	“Nivaldo Nicoliche”	<u>Re: Sedna</u>	22 Apr 2004
	“Ana paula”	<u>Sedma</u>	17 Mar 2004
	www.itelefonica.com.br		
	“milton de freitas”	<u>clonagem</u>	13 Mar 2004
	“Reginaldo Periera Martins”	<u>Re: clonagem</u>	15 Mar 2004
30	“Reginaldo Periera Martins”	<u>Re: clonagem</u>	15 Mar 2004
	“Arnaldo Arantes”	<u>Distrofia muscular e células-t*</u>	13 Mar 2004
	“Jandira”	<u>Celulas</u>	13 Mar 2004
	“guilherme”	<u>Vamos acorda pra vida band*</u>	8 Mar 2004
	“Reginaldo Pereira Martins”	<u>Re: Vamos acorda pra vida band*</u>	15 Mar 2004
35	“wagner albuquerque ribeiro”	<u>Re: Vamos acorda pra vida band*</u>	1 Apr 2004
	“Carlos Pedro”	<u>Re: Vamos acorda pra vida band*</u>	13 Apr 2004
	“Suçuarana2K4”	<u>Re: clonagem</u>	23 Feb 2004
	“Suçuarana2K4”	<u>Re: Começou!</u>	22 Feb 2004
	“Luiz”	<u>Isso aí</u>	20 Feb 2004
40	“Robson”	<u>clonagem</u>	19 Feb 2004

Escrever Mensagem

16.

45 **Assunto:** Uma pergunta
Data: 6 Apr 2004 11:56:12 -0300
De: "Amanda" <amanda.hoelzel@click21.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

50 Essa é uma pergunta que ninguém ainda fez: clone tem alma??

17.

Assunto: Re: Uma pergunta
Data: 6 Apr 2004 18:00:44 -0300
55 **De:** "Rodrigo" <daltojs@cidadeinternet.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Clone somente é um ser com as aparencias identicas a um outro ser.
Ele leva sua vida, independente do seu "modelo original".

60

18.

Assunto: Re: Uma pergunta
Data: 14 Apr 2004 16:22:38 -0300
De: "Marco Hundsdorfer" <hundsdorfer@ig.com.br>
65 **Grupo:** uol.folha.ciencia.clonagem

Cara Amanda.

Gêmeos idênticos têm alma? Porque clones são nada mais, nada menos, que
gêmeos idênticos em essência. Possuem a mesma carga genética que outro
70 ser, só isso. Quem inventou a clonagem não foi o homem, mas a própria
natureza. (veja, como exemplo, os guepardos na África, que possuem,
devido a seu pequeno número, pouquíssima variação genética). O homem
manipula uma possibilidade feita pela própria natureza, só isso. É
fato que este conhecimento pode ser utilizado para o bem ou para o
75 mal. Mas, a religião também pode, não é mesmo? (Vide história).
Gostaria de propor uma discussão. Quem mais gerou conflitos e mortes
durante toda a história humana? As religiões ou a ciência? Obrigado
pela atenção.

80 Marco.

19.

Assunto: Re: Uma pergunta
Data: 19 Apr 2004 12:04:29 -0300
85 **De:** "Luiz Bento" <luiben@ig.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

Amanda, não sou cientista e nem pretendo aqui ficar conversando sobre
suposições. A Alma é uma justa suposição do ser humano carente, que
fica imaginando coisas. Voce já viu alguma alma? Será que ela existe.
90 Ninguém tem condições de clonar um sonho por exemplo. Eu diria a voce
que a alma é um sonho da fragilidade humana. Do ponto de vista
cientifico a gente clona apenas matéria. Portanto o clone não tem alma
e nem o ser humano. Ok?

95 **20.**
Assunto: Re: Uma pergunta
Data: 8 May 2004 13:11:25 -0300
De: "jessica" <tudorepetido@hotmail.com>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

100

te respondo com outra pergunta, irmaos gemeos univitelinos tem almas distintas? se vc acha que sim entao clones tem almas sim pois os gêmeos sao clones naturais

105 **28.**
Assunto: clonagem
Data: 13 Mar 2004 23:12:18 -0300
"milton de freitas"
De: <miltondefreitas@uol.com.br>
110 **Grupo:** uol.folha.ciencia.clonagem

Eu, vim para que todos tenham vida, e vida em abundancia

29.
115 **Assunto:** Re: clonagem
Data: 15 Mar 2004 19:21:07 -0300
"Reginaldo Periera Martins"
De: <reginaldo@uol.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

120

MUITO BOA, QUE PENA É QUE OS NOSSOS DEPUTADOS NÃO PENSE NISSO.

30.
125 **Assunto:** Re: clonagem
Data: 15 Mar 2004 19:21:07 -0300
"Reginaldo Periera Martins"
De: <reginaldo@uol.com.br>
Grupo: uol.folha.ciencia.clonagem

130

MUITO BOA, QUE PENA É QUE OS NOSSOS DEPUTADOS NÃO PENSE NISSO.

Dr. Roger Abdelmassih 4.03.05
 "Embrião não é vida, são células vivas."

:: **Fórum AOL:** [clique aqui e dê a sua opinião](#)

:: **Notícias AOL:** [leia entrevista com o Dr. Roger sobre células tronco](#)

5 :: **Debate AOL:** [a esperança nas células-tronco](#) | [a semente da discórdia](#)

:: **Denis L. Rosenfield:** [a vida e as células-tronco](#)

:: **Google:** [veja o que já foi publicado sobre células-tronco](#)

10 A Câmara de Deputados aprovou na noite de quarta-feira (2) a Lei de Biossegurança, que estabelece normas de segurança e mecanismos de fiscalização em todas as atividades relacionadas aos OGM (organismos geneticamente modificados) e seus derivados.

A matéria permite ainda o uso de células-tronco embrionárias para fins de pesquisa e terapia desde que obtidas de embriões humanos produzidos por fertilização in vitro considerados inviáveis ou congelados há pelo menos três anos.

15 Para debater o assunto com os internautas, a [AOL](#) convidou o urologista **Roger Abdelmassih**, que tem cerca de 200 trabalhos científicos publicados no exterior e proferiu mais de 700 palestras em congressos e cursos nacionais e internacionais ao longo de sua carreira.

20 A Clínica e Centro de Pesquisa em Reprodução Humana Roger Abdelmassih, com sede em São Paulo, é hoje a maior do País e conta com a consultoria de especialistas de várias partes do mundo. A clínica é um centro de referência internacional em reprodução humana, onde são atendidos pacientes de todo o continente. Dos cerca de doze mil bebês nascidos no Brasil pelas técnicas de fertilização assistida, 4 mil foram gerados no local.

25 **Leia abaixo a transcrição do bate-papo na íntegra:**

Pergunta: O senhor é favorável à esta lei que mata uma pessoa para servir outra?

30 **Dr. Roger:** Eu não sou favorável nunca para matar uma pessoa para servir outra. Mas essa lei não mata, essa lei dá a vida, essa lei vai ajudar as pessoas a ter uma viabilidade de vida e salvar vidas que não seriam salvas de outra maneira. E embrião não é vida, são células vivas. A maioria das ciências acredita que a vida começa quando o embrião gruda, há vida, no útero. Essa é a posição da organização mundial da Saúde.

Pergunta: Imagino que agora vai ser uma correria nas clínicas de fertilização para ver quem vai doar seus embriões congelados. Como isso vai funcionar?

35 **Dr. Roger:** Nós temos que esperar o sancionamento da lei. Segundo precisa-se estabelecer os critérios para se fazer o uso das células tronco e por que e para quem serão feitas. Obviamente, terão aqueles que gostariam de doar e aqueles que gostariam de manter seus embriões congelados. Aqueles que estiverem interessados em doar seus embriões para essa finalidade, como já está ocorrendo a procura de alguns clientes, então teremos disponibilidade do benefício de algumas doenças serem sanadas.

40 Pergunta: Por que a Igreja de modo geral não aceita as pesquisas com células-tronco?

Dr. Roger: Porque a posição da Igreja é que embrião já é vida. Como a igreja católica

assim o entende, ela se coloca de uma forma contrária à manipulação dos embriões, porque, para a Igreja, os embriões já seriam vida. Apesar de eu ser católico, eu descordo plenamente da idéia de que a vida do embrião começa em sua primeira divisão celular.

45 Pergunta: Gostaria de saber se uma lesão do nervo lingual pode ser tratada com células-tronco.

Dr. Roger: Dependendo da lesão do nervo lingual, muito provavelmente poderá ser feito.

50 Pergunta: Gostaria de saber se realmente isso pode ajudar pessoas com aquela doença de Mal de Alzheimer.

Dr. Roger: Sem dúvida, uma das doenças que serão beneficiadas pelas células-tronco é o Alzheimer.

Pergunta: Como será o processo de doação de embriões para essa pesquisa?

55 **Dr. Roger:** A doação de embrião será feita entre a permissão do casal e para a finalidade de uma doença que será ajudada, embriões esses que tenham boas condições de divisibilidade, e que, conseqüentemente, poderemos usar muitas células tronco (que se multiplicam rapidamente).

Pergunta: Hoje em dia, o que é mais interessante para o casal que quer ter um filho: Congelar embriões ou congelar óvulos?

60 **Dr. Roger:** Óbvio que o futuro é muito mais de congelamento de óvulos do que de embriões, porque se pudermos congelar óvulos em boas condições, serão muito mais usáveis do que se somente congelarmos embriões.

Pergunta: Dr. o sr acha que a nova lei vai fazer com que cientistas se mudem para o Brasil pra fazer pesquisas com células de embriões humanos?

65 **Dr. Roger:** No Brasil existem já vários pesquisadores agregados à estruturas de pesquisas. Estas clínicas mesmo já têm pesquisadores trabalhando em pesquisa da reprodução, e o Brasil tem possibilidade próprias para trabalhar e desenvolver esse caminho de células tronco sem ter que atrair pesquisadores estrangeiros. Porém, talvez, haverá interesses comerciais que poderão atrair estruturas internacionais.

70 Pergunta: O câncer tem ou terá chance de cura com as células-tronco?

Dr. Roger: Provavelmente o câncer em algumas áreas, será beneficiado pelas células-tronco. Mas os oncologistas poderão responder muito melhor a celularidade de cada tumor.

Pergunta: Qual doença que ainda não se sabe se as células-tronco agirão?

75 **Dr. Roger:** Várias. Nós não sabemos se toda as doenças serão beneficias. Sabemos apenas de algumas. A partir de agora, os estudos poderão nos mostrar quais outras doenças poderão ser beneficiadas.

Pergunta: Outra capacidade especial das células-tronco é a auto-replicação, ou seja, elas podem gerar cópias idênticas de si mesmas?

80 **Dr. Roger:** Sim, a célula-tronco é uma célula livre, sem característica e em sua divisão ela continua criando células sem características. Agora, você pode direcioná-las ou não.

Pergunta: Doenças mais simples e de origem genética pode ter resolatividade com as células-tronco ou somente pras doenças adquiridas?

85 **Dr. Roger:** Doenças como essas poderão ser também beneficiadas pelas células-tronco. O que nós temos que entender é que muito ainda será desenvolvido a partir deste período. Teremos muitos estudos sobre células tronco que beneficiarão muitas áreas que ainda não entendemos.

Pergunta: Quais as funções naturais das células-tronco no corpo humano?

90 **Dr. Roger:** Eles se multiplicam dentro daquela estrutura que elas existem, da qual elas fazem parte. Exemplo, um embrião. Ali elas estão se subdividindo e criando uma estrutura que quando instalada no útero, leva o embrião a se tornar um feto.

Pergunta: Quantos embriões congelados o senhor acredita que existem no Brasil hoje para serem doados para pesquisa?

95 **Dr. Roger:** É muito difícil saber isso, pois ficará a cargo da sociedade brasileira de reprodução humana fazer uma verificação total dos embriões.

Pergunta: Dá pra dizer que o Brasil entra na vanguarda da pesquisa científica com a nova lei?

100 **Dr. Roger:** Na área da reprodução assistida e nesta área específica de células-tronco, não devemos nada a nenhum país do mundo. Em nossa clínica, temos taxas de sucesso semelhantes aos melhores centros do mundo. Agora temos lei aprovada para desenvolvermos com maior rapidez esta tecnologia e quem ganha é a população brasileira e as pessoas que sofrem com doenças crônicas antes sem nenhuma esperança de melhora, e agora com pelo menos uma chance de mudança.

Dr. Roger: Obrigado a todos e boa noite.

105

Desarmar a sociedade reduziria a violência?

:: **Fórum AOL:** [clique aqui e participe você também do debate](#)

:: **Pesquisa:** [você é a favor ou contra? Vote](#)

5 No dia 23 de outubro, ocorre o referendo que questiona se a comercialização de arma de fogo e munições deve ser proibida. A população brasileira deve ir às urnas dar a sua opinião.

10 O Brasil é um dos países mais violentos do mundo. Segundo o Sistema Único de Saúde (DATASUS), em 2002 ocorreram 38.088 assassinatos no país, mais de 100 por dia. A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, tem duas vezes mais assassinatos do que Bogotá, a capital da Colômbia, país que atravessa uma guerra civil.

15 No dia 2 de julho de 2004 o Brasil regulamentou seu Estatuto do Desarmamento, que proíbe o porte de armas de fogo por civis. Paralelamente, o governo realizou uma campanha de desarmamento junto à população, que já recolheu mais de 279 mil armas de todos os tipos. Esta política adotada pelo governo Lula encontra férrea oposição em setores do legislativo que consideram a posse de armas de fogo como garantia de proteção do cidadão.

20 Buscando dar maior legitimidade à proibição, está marcado para outubro deste ano um referendo popular. Os brasileiros dirão nas urnas se querem a proibição ou não do comércio de armas de fogo e de munição em todo o território nacional. Para debater o assunto, convidamos os deputados Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP) e Jair Bolsonaro (PFL-RJ). Participe você também em [nosso fórum!](#)
Por Breno Castro Alves, da redação AOL

A FAVOR

"Nem sempre ter uma arma significa proteção"

Luiz Eduardo Greenhalgh é deputado pelo PT-SP e autor do Estatuto do Desarmamento

5 AOL – O Brasil é campeão em mortes por arma de fogo no mundo, a cada 15 minutos um brasileiro perde a vida dessa forma. Qual seria a melhor solução para reverter essa situação?

10 Luís Eduardo Greenhalgh – A violência e a criminalidade no Brasil decorrem de uma série de fatores sociais. Para a diminuição do índice de criminalidade, melhor seria que nós tivéssemos um país com pleno emprego, com as crianças e os jovens nas escolas, com as famílias bem estruturadas, sem a possibilidade de acesso às drogas e ao álcool. O Estatuto do Desarmamento é uma lei que visa regulamentar o uso de armas de fogo no Brasil. Ele por si só não acabará com a violência nem com a criminalidade, mas é evidente, e os dados estão comprovando, que quando você restringe a circulação das armas de fogo, você reduz a criminalidade.

AOL - Que impacto o Estatuto já teve na sociedade brasileira?

15 LEG - O Estatuto está em vigor desde dezembro de 2003 e foi regulamentado em meados de 2004, e já se podem sentir hoje diferenças nos índices de criminalidade. Em São Paulo, diminuíram em 5% os casos de homicídio, no Paraná, os crimes praticados a mão armada caíram cerca de 30%. A campanha do desarmamento já arrecadou cerca de 275 mil armas de fogo, que foram destruídas, tiradas de circulação. O Brasil não controla a quantidade de armas de fogo nem sua origem, ninguém sabe ao certo quantas armas existem em circulação. Algumas estatísticas dizem 17 milhões, outras 20 milhões. De qualquer forma, são índices catastróficos. Há a banalização do uso da arma de fogo. Dessas armas, menos de 20% são registradas, o resto é tudo clandestina, tudo ilegal. Portanto, o Estatuto do Desarmamento visa fazer com que, por um lado, o Estado brasileiro tenha um cadastro nacional de armas de fogo, e por outro, vá atrás das armas ilegais.

25 AOL – Qual a sua opinião sobre a afirmação que o Estatuto do Desarmamento beneficia apenas os criminosos?

30 L.E.G. – Eu digo que a arma do bandido, da quadrilha, do crime organizado, essa não se retira com campanhas de desarmamento, mas sim com a melhor qualificação da polícia, com a aplicação do sistema único de segurança e com métodos policiais mais eficazes. A arma que nós estamos tentando recolher por meio da campanha do desarmamento é aquela que produz uma quantidade grande de crimes de ocasião, de momento. São as brigas entre vizinhos, as tragédias em discussões de trânsito, em torcidas organizadas, nos campos de futebol. Além daquelas que provocam tragédias familiares, de crianças sendo vítimas e atirando em outras nas escolas, em suas casas. Então são crimes domésticos, de bairro, de ocasião, de momento, são essas armas que a campanha visa.

35 AOL – Então o Estatuto não inclui as armas ilegais, que estão na mão das quadrilhas?

L.E.G. – Inclui todas as armas, mas o objetivo central são essas das quais falei. Não se vai, com esse Estatuto, desarmar o Comando Vermelho ou o PCC ou quadrilhas internacionais. Isso requer métodos e planos extremamente complexos, do ponto de vista da segurança pública.

40 AOL – As armas são produtos industriais, fabricadas por grandes empresas e por isso, todas elas foram legais em algum momento. Como o Estado pretende combater o contrabando?

45 L.E.G. – Com o Estatuto do Desarmamento, o Estado estabeleceu regras rigorosas e aumentou a pena para o tráfico internacional de armas. Citando seu artigo 18º: “importar ou exportar, favorecer a entrada ou saída em território nacional a qualquer tipo de arma de fogo, acessório ou munição sem autorização das autoridades competentes”, a pena vai de reclusão de quatro a oito anos, que é uma pena altíssima para esse tipo de crime. Se você imagina que a pena para homicídio culposo vai de seis a doze anos, o tráfico internacional de armas de fogo pelo Estatuto é tão rigoroso que vai na média entre o mínimo e máximo do crime de homicídio. Então as penas foram agravadas.

AOL – Então o Estatuto tem que ser reforçado por uma maior ação da polícia para reprimir a criminalidade?

50 L.E.G. – Claro, o Estatuto estabelece deveres e responsabilidades para o fabricante da arma de fogo, exige dele um maior controle e o obriga a informar o sistema nacional de armas e munição para a feitura de um cadastro. Impõe responsabilidade ao comerciante da arma de fogo, que, antes de vender a arma, deve

saber os antecedentes da pessoa que pretende comprar essa arma. Impõe também responsabilidade para as polícias civis e militares dos estados, para informar e abastecer o cadastro nacional.

- 55 **AOL – O senhor acredita que ter uma arma em casa é sinônimo de proteção?**
L.E.G. – Não. Nem sempre ter uma arma dentro de casa significa estar protegido. Muitas vezes, ter uma arma dentro de casa aumenta o risco para a prática do crime. Quer porque ladrões podem entrar na sua casa e roubar a sua arma – e você a estaria fornecendo para o crime, quer porque também ela pode ser pega por crianças, que podem causar tragédias e também muitas vezes a arma dentro de casa, nas discussões familiares, pode propiciar uma tragédia. Então nem sempre ter uma arma dentro de casa é
- 60 sinônimo de segurança.

AOL – Então o Estatuto do Desarmamento não quer impedir que os cidadãos tenham armas?
L.E.G. – Não, ele restringe, ele estabelece regras mais rígidas, mas não proíbe o homem de bem de ter uma arma.

- 65 **AOL – Quais critérios o senhor julga adequados para que um cidadão civil consiga adquirir uma arma de fogo?**

- 70 L.E.G. – Ele precisa ter equilíbrio psicológico. Há uma semelhança entre a pessoa que pode portar arma e a que pode dirigir um automóvel. Para dirigir, não basta ter o dinheiro para comprar o automóvel, você precisa fazer uma auto-escola, saber dirigir, passar por um exame, obter uma carta de habilitação. Da mesma forma, no Estatuto do Desarmamento, para você portar legalmente uma arma de fogo, você tem que saber atirar, portanto ter um treinamento sobre isso, você tem que demonstrar que tem um equilíbrio psicológico para lidar com isso e demonstrar também a motivação de por que você quer uma arma de fogo.

AOL – O senhor possui uma arma de fogo?

L.E.G. – Não senhor. E nunca tive.

CONTRA

"Bandido bom é bandido morto, não há dúvida"

Jair Bolsonaro é deputado pelo PFL-RJ e capitão da reserva do Exército Brasileiro

- 5 **AOL – O Brasil é campeão em mortes por arma de fogo no mundo, a cada 15 minutos um brasileiro perde a vida dessa forma. Qual seria a melhor solução para reverter essa situação?**
Deputado Jair Bolsonaro – É você tirar a arma de quem a usa ilegalmente, e não fazer uma campanha para tirar a arma do cidadão de bem, esse que está acuado dentro de sua casa. Ele não pode contar com o aparato da segurança pública, por sua ineficiência e deve ter então, no meu entender, o direito de se defender dentro de sua casa. Então é, basicamente, desarmar o marginal.
- 10 **AOL – E o que o Estado deveria fazer para tirar as armas ilegais de circulação?**
J.B. – Fazer batidas, investidas. Por exemplo, no meu Estado, o Rio de Janeiro a Polícia Militar não pode subir morro que tenha favela, então é a demagogia imperando. E o governador do Estado que não quer que suba morro, ele anda com sua esposa e seus filhos em carros blindados acompanhado por dezenas de seguranças. Então essa é a demagogia, tipo aqueles países, aquelas republiquetas de terceiro mundo,
- 15 **AOL – Qual a sua opinião sobre a afirmação que o Estatuto do Desarmamento beneficia apenas os criminosos?**
JB – É afirmação lógica. Você tem um grande índice aqui de assaltos a caminhões, então o crime voltado para roubo de carga vai aumentar. A partir do momento que o motorista não puder ter uma arma em seu caminhão – hoje em dia é difícil – vai ficar impossível. Vai se agravar o índice de crimes nesse sentido, como, por exemplo, também o seqüestro, a saidinha de banco. O vagabundo sabe que qualquer cidadão de bem, mesmo um policial militar à paisana ou até fardado, caso venha a reagir numa saidinha de banco e atingir mortalmente o marginal, esse policial dificilmente não será condenado. Só o vagabundo tem vez em nosso país, essa é a realidade do momento.
- 20 **AOL – Qual seria o impacto na sociedade brasileira se o desarmamento da população tal qual ele está previsto for aprovado?**
- 25 **AOL – Quais critérios o senhor julga adequados para que um cidadão civil consiga adquirir uma arma de fogo?**
J.B. – Possuir residência fixa, carteira de trabalho e sem antecedentes criminais. Isso no meu entender é mais do que o suficiente para ele conseguir comprar uma arma e tê-la dentro de sua casa. Eu não estou falando ainda em porte, isso é uma história diferente.
- 30 **AOL – Qual a diferença?**
J.B. – Para você andar armado não deveria ser preciso comprovar a necessidade, porque num país como o Brasil onde a violência é crescente, essa necessidade é patente. Mas se você fazer exame psicológico, exame prático de tiro e ter idade mínima de 21 anos é mais do que o suficiente, no meu entender.
- 35 **AOL – O senhor acredita que ter uma arma em casa é sinônimo de proteção?**
J.B. – Sinônimo não, é garantia de proteção. Hoje em dia, assalto a residência, depois da aprovação do Estatuto do Desarmamento cresceu muito, exatamente porque o pessoal sabe que o cidadão de bem fica preocupado, mais até com os rigores da lei, se ele usar uma arma fria dentro de casa, do que até mesmo aquela pessoa que invade sua residência para roubar ou molestar sua família.
- 40 **AOL – O senhor acredita que ter uma arma em casa é sinônimo de proteção?**
J.B. – Sinônimo não, é garantia de proteção. Hoje em dia, assalto a residência, depois da aprovação do Estatuto do Desarmamento cresceu muito, exatamente porque o pessoal sabe que o cidadão de bem fica preocupado, mais até com os rigores da lei, se ele usar uma arma fria dentro de casa, do que até mesmo aquela pessoa que invade sua residência para roubar ou molestar sua família.

AOL – Como um cidadão armado deve reagir no caso de um assalto?
50 J.B. – Atirar para matar. O Bandido não faz a mesma coisa contigo? É muito bom você ver na televisão, ver no gibi, o Zorro atirando na mão do bandido para desarmá-lo, na realidade isso não acontece, você tem que atirar para matar. Só assim você vai dar um basta e vai começar uma inflexão na crescente criminalidade desse país.

AOL – O senhor concorda com o bordão que diz que bandido bom é bandido morto?
55 J.B. – Se Deus quiser, que nasça morto. Não tem que esperar ele se transformar em bandido, ou seja, matar alguém de bem para depois ele ser mal sucedido num roubo e vir a morrer ou ser preso. Bandido bom é bandido morto, não há dúvida. As prisões do país colocam gente para fora todos os dias, então quem tem pena de bandido tem que ir lá e pegar um ex-marginal desse e botar para ser teu motorista.
60 Quem defende vida e recuperação do marginal, que vá à porta do presídio e quando eles forem postos em liberdades, os seqüestradores, estupradores e homicidas, que levem para casa para ser seu motorista, para levar sua filha na faculdade, para ser seu caseiro, seu porteiro, não fique aqui fazendo demagogia.

AOL – Boa parte das armas ilegais são compradas legalmente e revendidas para terceiros. Qual é sua opinião sobre isso?

65 J.B. – Companheiro, ninguém vai praticar seqüestro, assalto a banco e etc com essas porcarias dessas armas que são vendidas no comércio. Usa-se basicamente fuzil e pistolas de alto poder de impacto compradas no mercado paralelo ou no exterior.

AOL – O senhor possui arma de fogo? Quantas?

J.B. – É lógico que eu possuo. Duas.

AOL - E o senhor tem habilitação para usá-las?

70 J.B. – Eu sou oficial do exército brasileiro e por isso tenho porte [de arma], e as armas são registradas. Ou você queria que eu desse uma de Severino e falasse o que pra você aqui?

AOL – Os parlamentares ainda estão discutindo que pergunta será feita no referendo nacional sobre o desarmamento. O senhor concorda com este referendo?

75 J.B. - A minha maior intenção é protelar esse referendo para o ano que vem. A apuração vai estar mais madura e nós evitamos gastar ai R\$ 600 milhões num referendo no correr do ano.

AOL – E qual enunciado da pergunta que será feita aos brasileiros o senhor defende?

80 J.B. – Tanto faz a pergunta. O problema é que o governo, ao investir centenas de milhões de reais na campanha, vai induzir o povo a votar favorável ao referendo. O problema é esse, tanto faz a pergunta. Se nós tivéssemos direitos iguais para, na propaganda oficial do governo, defender a posse de armas, não teríamos qualquer preocupação com o referendo.

Desarmar a sociedade reduziria a violência?

reportar discussão inadequada

Notícias AOL

 noticiasbr@aol.com

5 20/04/2005 - 15:23 PM

No dia 2 de julho de 2004 o Brasil regulamentou seu Estatuto do Desarmamento, que proíbe o porte de armas de fogo por civis. Paralelamente, o governo realizou uma campanha de desarmamento junto à população, que já recolheu mais de 279 mil armas de todos os tipos. E você, acha que o desarmamento é um boa solução?

10

[Clique aqui para ler o debate completo](#)

[enviar mensagem](#)



[criar nova discussão](#)

[ajuda](#)

eu votei NÃO

15

Não tenho arma, mas votei NÃO, pq se eu quizer ou PRECISAR de uma arma um dia, eu poderei ter. E aos babacas do SIM, queria dizer que votei pelo direito de ter uma, e isso não quer dizer que eu vou ter uma ou que todo mundo a partir de agora andará armado. Se vc acha q não é capaz de se defender ou defender sua familia, não compre uma arma, e quando os bandidos chegarem, seja educado, diga porfavor, pelo amor de Deus e coisas desse tipo, não queira tirar o direito de se defender dos que são capazes, dos que preferem arriscar reagir, a ver seus filhos e esposa em perigo. se vc é BUNDÃO, não quer dizer que o resto do Brasil tenha que ser também! pare de ver novela...

20

FÁBIO

(RECIFE)

 AFRIVELO@YAHOO.COM.BR

25

06/12/2005 - 12:51 PM

[reportar mensagem inadequada](#)


ONDE PODE ESTAR COM A ARMA DE FOGO

30

Gostaria de saber: Diz o estatuto que o militar em serviço pode portar arma, ele pode permanecer em ambiente fechado como por exemplo restaurante ,lojas etc caso possa onde esta escrito ?????

Tatiane

(sao paulo)

 tati_alfa2005@ig.com.br

35

03/11/2005 - 02:52 AM

[reportar mensagem inadequada](#)

PARA A CONSUELO (menininha)

40

Acho que a "cabecinha oca" do forum é voce que deve ser mais uma "antiarmas" seviciada pelas "pombas da paz" quando repete as mesmas idiotices que seus protagonistas escrevem. Se armas são tão ruins assim PORQUE AS POLICIAS ANDAM ARMADAS? porque as FORÇAS ARMADAS POSSUEM ARMAS? NÃO ESTÁ aí um grande contracenso? Voce diz que SEGUIU RIGOROSAMENTE A CARTILHA DOS ANTIARMAS, ou seja ficou incólume, paralisada e anestesiada frente ao seu opressor, o assaltante que nada lhe fez né? Acho que Deus estava do seu lado neste dia, sorte sua E O QUE VOCE ME DIZ DE PESSOAS QUE SÃO MORTAS IMPIEDOSAMENTE POR ESTES CRAPULAS que nunca reagiram, nunca matariam uma mosca sequer, como a minha prima QUE FOI SUMARIAMENTE EXECUTADA POR UM DIMENOR DESGRAÇADO porque não entendeu o que o meliante lhe dizia no momento do assalto heim? sua ativista da covardia, da rendição e da hipocrisia? SE ELA ESTIVESSE ARMADA E PREPARADA PARA UMA REAÇÃO TALVEZ ESTIVESSE VIVA AQUI HOJE. Outra coisa que voce com sua cabeça de ameba não deve saber é o seguinte: VITIMAS QUE REAGEM A ASSALTOS OU A AGRÊSSÕES COM USO DE ARMAS DE FOGO NUNCA, EU TE DISSE: NUNCA IRÃO A POLICIA RELATAR OS FATOS, PORQUE

45

50


55 CERTAMENTE SERÃO MAIS PUNIDAS PELA LEI DOQUE O BANDIDO. São centenas e centenas de reações armadas bem sucedidas que acontecem no país QUE A MIDIA HIPOCRITA E CONIVENTE COM OS ANTIARMAS nunca divulgam, e so divulgam casos tragicos como este de Americanopolis em SP.Eu mesmo tenho caso de reação armada bem sucedida envolvendo pessoas no meu trabalho.Lembre-se que pelo excremento do estatuto do desarmamento o fato de voce SIMPLEMENTE DISPARAR UM TIRO DE ADVERTENCIA PARA O ALTO, pode redundar em 2 anos de cadeia em regime fechado, sendo que um meliante qualquer praticando um crime com arma de fogo JAMAIS SERÁ PUNIDO PELO

60 CRIME DE PORTE ILEGAL, porque para o nosso Codigo Penal, caduco e capenga, o crime do porte de arma é um crime menor perante o de roubo, assalto ou ate mesmo de homicidio. Vejam que em alguns casos um meliante JAMAIS FICARÁ UM DIA NA CADEIA SEUQUER POR PORTE ILEGAL, como é o caso dos menores QUE PODEM MATAR A VONTADE. Outra coisa que devo salientar e lembrar à amiga de cabecinha oca é que TIROS EM

65 COLUMBINE foi escrito pelo polemico Michael Moore que tem como hobby O TIRO ESPORTIVO e é um fervoroso membro da poderosa NRA NATIONAL RIFLE ASSOCIATION, o maior "lobby da bala" do mundo COM 4 MILHOES DE ASSOCIADOS com sede nos EUA.

Tatiane M. Cobra

(São Paulo)

70  tati_alfa2005@ig.com.br
03/11/2005 - 02:27 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

PARA OS ANTIARMAS E A DANI



75 Esta tal de Dani é mais uma caricata ou inocente util, ou uma beócia desocupada, ativista "inteligent" do sim com o cerebro lavado pelo sim. Ela mistura tudo, no mesmo caldo, que nem um leigo em culinaria que mistura muda de urtiga com propolis em caldo de feijão. É uma coitada de dar medo. Deve ficar horas na internet caçando isto ou aquilo para falar mal de SETENTA MILHOES DE BRASILEIROS QUE CONSCIENTEMENTE E COM A OPINIAO FORMADA VOTARAM NO NÃO CONCEDENDO-LHE UMA 'ACACHAPANTE' VITORIA sobre

80 a turma sem argumentos do SIM. Esta materia que ela escreveu abaixo, com o titulo CADA VEZ MAIS NA LAMA é no minimo dor de cotovelo e uma raiva sem precedentes como uma abelha que destila o veneno e na revoada ferroa o primeiro infeliz que ousa cruzar seu caminho. ELA TIROU, OU SEJA COPIOU E COLOU DESCARADAMENTE A PAGINA DA BBC DE LONDRES EM SEU TEMA desta

85 fonte:http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/10/051024_armasbg.shtml, vejam , pensem e reflitam como são burros estes ativistas gratuitos do desarmamento. Vivem para "copiar" e "colar" ou dar um "control c" e um "control v" ELES NAO POSSUEM ARGUMENTOS CONVINCENTES E PROPRIOS e sempre apelam para o lado emocional se esquecendo do racional.. Praticamente deve ser A UNICA MATERIA DA INTERNET que ousa

90 falar da mal da vitoria do não, isto porque foi escrita na Inglaterra, o pais que INVENTOU E FINANCIOU A BILIONARIA CAMPANHA DESARMAMENTISTA TUPINIQUIM(DAS VITIMAS), o mesmo país que botou nas ruas UMA POLICIA VIOLENTA e ARMADA ATE OS DENTES e que ARREBENTOU com os miolos DE UM POBRE BRASILEIRO que vivia e trabalhava honestamente em Londres COM SETE BALAÇOS NA CABEÇA e a queima roupa por suspeita

95 de terrorismo e que todos se lembram deste episodio VERGONHOSO E QUE OS MALDITOS ANTIARMAS NUNCA DAO EXPLICAÇÃO PARA ESTE FATO. PORTANTO: ANTIARMAS e idiotas que acreditam nesta falacia, tenham vergonha na cara E ACEITEM A VITORIA DA MAIORIA que rebateu na cara destes mentirosos A FALACIA DO DESARMAMENTO NO PAIS....

100  **Sérgio**
(Ribeirão Preto)
 sergiollau@ibest.com.br
25/10/2005 - 16:34 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

105

Dor-de-cotovelo

- Essa dor-de-cotovelo dos derrotados do Sim, bem demonstra o espírito rancoroso e antidemocrático dos mesmos. Só fazendo alguns comentários : A Dani transcreveu uma página do site da Iansa (<http://www.iansa.org/regions/samerica/brazil-pr241005.htm>) , acessem, leiam e vejam se vcs concordam se houveram os tais "truques sujos". Na minha opinião, acho que é normal eles ficarem irados após tamanha derrota e tanto dinheiro gasto para nos manter sob suas botas. Se estes gringos estão nervosos, é sinal de que estamos fazendo a coisa certa.... Quanto à Dna. Consuelo, Laura Croft usava duas pistolas Israelenses "Desert Eagle" .50 AE e não UM .38 (o revólver é macho). Bem se vê que a Sra. não entende de armas e muito menos de violência, tanto que acredita no libelo antiarmas do M. More. Não me faça rir.... A propósito : em 95 tentaram me assaltar e devem estar correndo até hoje; atirei, estava armado, tinha porte e atiro bem (fui esportista do tiro), então não me venha com blá-blá-blá. P.S. Dani : A bala que matou o menino saiu de uma arma legal ?!

120 **Marcos Rabelo**
(São Paulo)
25/10/2005 - 11:27 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

125 **Atenção pessoal do SIM!!!**

- Olha!!! Carro (automovel) mata muito mais gente que arma de fogo... Os carros estão proibidos de sair as ruas??? Motoristas embriagados matam mais que armas de fogo... Foi preso algum motorista bebado???
Drogas (maconha - cocaína - craque - etc...) matam mais que armas de fogo!!!
130 As drogas foram proibidas de entrar em seus lares???
Então parem com essa demagogia boboca...
É melhor vocês irem para Brasília prender governantes corruptos e todos os seus aliados, inclusive parentes...
Povo do Sim!!! Vocês são perdedores!!!
135 Anjinhos inocentes e babacas!!!

Dani
(SP)
25/10/2005 - 11:03 AM
[reportar mensagem inadequada](#)


140 **AOS Q VOTARAM NO NÃO**

- corrigindo
Dani
(SP)
25/10/2005 - 10:42 AM
145 [reportar mensagem inadequada](#)

AOS QUE VOLTARAM NO NÃO

- Espero que expliquem para os pais dessa criança QUE ESSES CIDADÃOS ESTAVAM NO SEU "DIREITO" DE TER UMA ARMA!!!!!!!
Bala perdida mata menino de 11 anos em SP
150 Quando passavam pela Av. Americanópolis, por volta das 19h30 de segunda-feira, dois irmãos viram dois homens discutindo, próximo ao número 93 daquela via da Vila Joaniza, na capital paulista. De repente, um dos homens sacou de uma arma e efetuou disparos. Um deles atingiu o menino Sidnei Silva Cordeiro, de 11 anos, no peito. Ele morreu ao ser socorrido no Pronto-Socorro do Jabaquara.
155 O irmão de Sidnei, Claudinei José da Silva Cordeiro ainda correu atrás do autor dos disparos, que fugiu. O outro, com que ele discutia também escapou, sem ser ferido. Sem conseguir alcançar o agressor, o jovem voltou ao local do tiroteio e só então percebeu que o ferimento em seu irmão era grave.

160 Um motorista que estava com o veículo parado nas proximidades socorreu o garoto, mas ele morreu quando era medicado. Ao delegado de plantão no 98º Distrito Policial, no Jardim Miram, Claudinei contou que eles estavam voltando para casa, n Rua Canto da Noite, no mesmo bairro. Disse não conhecer o homicida, mas a polícia suspeita que tanto ele quanto o rival moram nas proximidades.
topoenvie

165  **Consuelo**
(SP)
25/10/2005 - 08:50 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

Menininha....

170 Bem,querida,não adianta discutir!
Você jamais entenderia.
Espero realmente que não tenha q passar pela experiência de ter uma arma apontada para você,como já passei.E digo,quem ficaria com a matraca bem fechada seria você!Aliás,talvez desse um tiro com sua 38, Laura Croft.


175 Eu,com minha pacata sensibilidade,me vi impossibilitada de qq reação.
Mas graças a Deus estou viva!

Talvez se tivesse uma arma,conformr fui ameaçada,morreria!

Mas não tenho seu conhecimento alístico,né honey!

Minha vida protejo de outras formas.Jamais mataria alguém,pode ter certeza.

180 Arma pra mi m é coisa de fracos.
Toda essa campanha do Nãoe a vitória só serviu pra mostrar como um povo pode ser manipulado através do medo.Assista Tiros em Columbine!Se você conseguir entender,quem sabe amplie essa sua cabecinha oca!

185 **Rossatti**
(Campo Grande/MS)
 jcrossatti@aol.com
25/10/2005 - 08:39 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

NÃO

190 Uma população desarmada não significa diminuição da violência. A diminuição da violência só será conseguida com várias ações do Estado Brasileiro, principalmente com a valorização dos Órgão de segurança pública que, via de regra, tem seus orçamentos diminuídos ano após ano. Há que se investir no policiamento de prevenção reequipando as polícias e pagando melhor os salários dos policiais que em muitos Estados chega a ser ridículo.

195 É claro que arma de fogo por sí só não representa segurança do indivíduo, há que se ter outros cuidados de natureza preventiva para evitar assaltos, sequestros, paralelamente ao fato de se ter uma arma em casa. Cabe lembrar, no entanto, que um povo desarmado não tem a mínima condição de se defender, até mesmo contra uma invasão por outra Nação (lembrem-se querem tomar nossa Amazônia). Daí fica a pergunta: a quem, de fato, interessa desarmar o povo brasileiro?!

200 Pensem no exemplo fático do Iraque. Os americanos (do norte) vivem invadindo casas de civis em buscas de armas de fogo para desarmar a população iraquiana e diminuir, assim, a possibilidade de reação àquela invasão hedionda. Tais cenas já vimos várias vezes nos noticiários.

205 Precisamos tomar muito cuidado com as soluções mágicas para nossas agruras.
Por fim, imaginem um determinado partido político governando um País. Imagine que tais governantes, mediante pagamento ilegal dos congressistas, aprovam as leis que bem entendem e com as quais irão fazer o que bem entendem com o povo. Como o povo pode se rebelar é ideal que o povo não tenha como se rebelar, sendo assim vamos desarmá-lo, pois não existe rebelião sem armas de fogo. Será que alguém conhece algum País no qual tenha ocorrido alguma coisa semelhante?!

210 Vamos refletir! Muitos do que aí estão, em um passado próximo tentaram tomar o poder pegando em armas para tentarem implantar um sistema de Governo que faliu em todo o

215 mundo. Hoje estão no poder para onde foram conduzidos através de votos da população que acreditou nos seus discursos maravilhosos.
2006 está logo aí, bem pertinho!!! Vamos renovar.

Dani

(SP)

25/10/2005 - 08:21 AM

220 reportar mensagem inadequada

CADA VEZ MAIS NA LAMA

LEIAM...E REFLITAM!

Vitória do 'não' marca Brasil como 3º Mundo, diz ativista

Bruno Garcez

225 A vitória do "não" no referendo sobre comércio de armas de fogo e munição ocorreu, na opinião de ativistas internacionais ouvidos pela BBC Brasil, em decorrência de "truques sujos" e "marcão o Brasil como uma nação do Terceiro Mundo".

230 John Crook, presidente da organização não-governamental Gun Control Austrália, país que possui uma das mais duras legislações mundiais contra a venda de armas, diz que a opção pelo "não" representa um "passo para trás".

"É uma decisão que marca o Brasil como um país de Terceiro Mundo. Os países terceiro-mundistas não são apenas aqueles com economias em caos, mas também os que não confiam em suas instituições. E essa decisão mostra falta de confiança no sistema legal do país e na habilidade da polícia".

235 O ativista afirma que "o sistema de controle de armas foi implantado com sucesso na Austrália, gradualmente, ao longo de 30 anos. O Brasil tem cerca de 50 vezes mais homicídios que a Austrália e agora esse índice deve aumentar ainda mais".

240 De acordo com ativistas australianos, após a proibição de armas semi-automáticas e de pistolas e revólveres, o país sofreu uma queda de crimes com armas de até um terço do que vinha sendo registrado nas décadas de 60 e 70.

"Trapaças"

Rebecca Peters, diretora da organização não-governamental antiarmamentista International Action Network on Small Arms (Iansa), sediada em Londres, comenta que a campanha pelo "não" se valeu de "trapaças, mentiras e truques sujos".

245 Rebecca Peters, que é australiana, diz que a facção que defendia o voto contra a proibição da venda de armas usou argumentos falsos sobre o aumento da criminalidade na Austrália após a adoção de leis mais rigorosas contra a venda de armas.

"Eles disseram que houve um aumento da violência na Austrália e o que ocorreu foi justamente o contrário, um fato provado por uma série de estudos."

250 A ativista também defende que o uso da imagem do ex-presidente da África do Sul Nelson Mandela pelos militantes do não foi "ultrajante", uma vez que, segundo ela, o líder sul-africano "é conhecido como um ativista da não-violência e como um militante pelo controle armamentista".

"Chocante"

255 Tim Cahill, o representante da Anistia Internacional para o Brasil, afirma que ainda que sua entidade já contemplasse a possibilidade de o "não" sair vencedor, o índice de mais de 60% obtido pelos que se opunham à proibição ao comércio de armas foi "um pouco chocante".

260 Segundo Cahill, o resultado reflete o fato de que a campanha do "não" se valeu dos temores da população "e por isso foi mais eficaz". "Foi um voto contra o sistema de segurança público existente no Brasil, que é marcado pela corrupção e pela violência. Hoje em dia, há uma grande parcela da população brasileira que se sente sem proteção", comenta Cahill.

O ativista da Anistia Internacional frisa, no entanto, que "a luta pelo desarmamento não acabou". Segundo ele, a entidade tem pressionado diferentes países para promover um controle internacional das armas de pequeno porte, "para assegurar que armas adquiridas legalmente não parem nas mãos de bandidos".

O britânico Brian Johnson Thomas, perito em armas de fogo que presta serviço para a ONU e para organizações não-governamentais, afirma que o referendo brasileiro foi "distorcido" devido a supostas contribuições financeiras da National Rifle Association, associação americana que defende o uso de armas de fogo e conta com cerca de 4 milhões de integrantes.

270 Procurada pela BBC Brasil, a entidade afirmou que não fez contribuições vultosas para a campanha do "não".

Segundo Brian Johnson Thomas, o resultado do referendo possui similaridades com a sensação de medo vivida recentemente pelos países dos Bálcãs e pela Albânia.

275 Nesses locais, segundo ele, existe a crença de que "quando você tem sua própria arma, você está mais seguro. É uma sensação comum em países onde não há confiança na polícia e nas autoridades de segurança, mas não é necessariamente verdade".

Mas ele acrescenta que esses países deram passos em direção ao que julga ser o sentido correto.

280 "Na Albânia, eram comuns vinganças de sangue resolvidas à bala, assim como acontece no Brasil. Mas ao entrar no século 21, os albaneses perceberam que o progresso não se daria através do cano de um revólver. Hoje em dia, exceto pelos rifles, uma vez que o país tem uma tradição de caça, é proibido à população civil adquirir armas de fogo."

Lígia Beuttenmüller – Recife –

(Recife -PE)

285  ligiabeuttenmuller@uol.com.br

24/10/2005 - 23:52 PM

reportar mensagem inadequada

ARMAS NÃO APAGAM DECRETOS NEM LEIS. ACABAM COM VIDAS!!!!

Eu respeito os "SIM e os "Não" que legitimaram o resultado de domingo,23/10/2005.

290 Só não respeito o MEDO que venceu o Referendo. Com arma ou sem arma, vivemos no TERROR, temos medo de tudo e de todos, e não seria um "VOCÊ DECIDE" que iria mudar essa situação. Estamos há décadas sem governo, sem representantes, sem NAÇÃO. a "MÃE GENTIL, VIROU MADRASTA (daquelas horríveis)que não respeita seus "filhos", nem se interessa pelas suas necessidades.

295 O CONGRESSO virou bancada de pseudo-detetives, que procuram as provas dos crimes dos outros, mascarando os seus. É um novelo sem começo nem fim, aonde começa a corrupção termina sempre noutra político ou noutra descoberta de envolvimento na ladroeira. Onde já se viu gente da mesma laia fiscalizar seus pares? Só no Brasil. O Legislativo - que logicamente faz as leis- se empenha em juntar provas para incriminar políticos-bandidos, como se as próprias leis não tivessem sido criadas por eles mesmos, dando privilégios e benesses à corja inteira. Veja o exemplo de Maluf e o filho, roubaram durante 30 anos e ficam apenas 40 dias na cadeia. Por quê?

Quais leis lhe dão direito de voltar para as mansões que construíram com o dinheiro do povo?

305 Eu garanto que não foi Lula, segundo os comentários, ele é analfabeto, não é? e não pertence ao Legislativo, nem ao Judiciário, ele representa o Executivo.Lembra da aula da 4ª série, onde se aprende a função de cada PODER?

Referendo para quê? Esse dinheiro que Maluf roubou não foi levado à mão armada, as armas foram as CANETAS -(acho que será o tema do próximo Referendo)E a prisão deles, MUDOU O QUÊ ? NADA , simplesmente porque o POVO BRASILEIRO vive dormindo debaixo do "berço esplêndido", nutrindo os parques neurônios com o "xixi" vertido pelos políticos que renovam seus mandatos pelo voto popular a cada eleição. Para que CPI (Comissão Parlamentar da Impunidade) pois, quando se prova as falcatruas, os políticos saem como "SIVIRINO CHI CHIC" com uma polpuda aposentadoria -votada por eles mesmos?. E o povão quer arma para quê? ARMAS NÃO APAGAM DECRETOS NEM LEIS, ACABAM COM

315 VIDAS!!!!

execravel

(são luis)

 execravel@hotmail.com

24/10/2005 - 21:30 PM

320 reportar mensagem inadequada

pras donas consuelo...

pra dnas consuelo da vida,um consolo :

eremildo

(diadema)


325  eremildo@ig.com.br


24/10/2005 - 21:25 PM

reportar mensagem inadequada

o pt ia implantar uma ditadura.

330 gentes, segundo estão dizendo,o desarmamento ja estava na gaveta há 3 anos.dizem até que o pt(se não fossem estes problemas pelo qual ele está passando)planejava uma ditadura.

 **maurycynho**
(santos)

 maurycynho@msn.com
24/10/2005 - 21:22 PM

335 reportar mensagem inadequada

não

340 não reduziria, porque os bandidos não usam 38 e nem compram armas no shopping.as armas dels são ILEGAIS, CALIBRE PROIBIDO,SÃO ARMAS DE GUERRA.para reduzir o numerto de acidentes com arma de fogo na população civil é muito simples.:UM CURSO DE PREPARO PARA QUEM QUER TER ARMA, TIPO CARTEIRA DE MOTORISTA. ESPERO QUE AGORA NÃO FIQUEM DÚVIDAS.

WALNUT
(RIO DE JANEIRO)
24/10/2005 - 20:50 PM

345 reportar mensagem inadequada

E O TIRO SAIU PELA CULATRA!!!!!!!!!!

350 ÀS VEZES, É DIFÍCIL SUSTENTAR NOSSAS PRÓPRIAS VERDADES E CONFIAR NO QUE SABEMOS, PRINCIPALMENTEQUANDO OUTROS NOS TENTAM CONVENCER DE OUTRA FORMA, USANDO DE RECURSOS QUE NÃO MAIS NOS MANIPULAM. O ESTADO(Estados, União,Municípios) É OMISSO EM SEGURANÇA. PREFEREM A PIROTECNIA QUE DESLUMBRA AO INVESTIMENTO NAS CAUSAS QUE RESOLVERIAM O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA QUE É UMA SÓ, SÓ MUDA COMO NA FORMA COMO APARECEM NO NOSSO DIA-A-DIA. INFELIZ DO POVO QUE IMAGINA QUE PRENDENDO OU MATANDO, ESTÁ LUTANDO CONTRA SEUS MISERÁVEIS PROBLEMAS.

355  **Fernando Henrique Cardoso FHC**

(São Paulo)
24/10/2005 - 19:40 PM
reportar mensagem inadequada

ESQUECERAM DE MIM - PARTE 3

360 Lembrem-se de mim :

- o que eu fiz:
PRIVATIZAÇÕES + (PSDB FECHA ESCOLAS)

Cia Vale do Rio Doce a maior do mundo
Cia Siderúrgica Nacional C.S.N

365 Teles ... Telesp / Telerj / telemg
R.F.F.S.A. ferrovias

Banespa só dá prejuízo (lucro de R\$3,8 BILHÕES)
E A PERGUNTA AINDA ECOA ...
ONDE ESTÁ O DINHEIRO ? ? ?

370 Uns dizem Ilhas Kayman

Já uma cantora diz: O gato comeu e o gato sumiu...
Escola Estadual Diva Maria Bigone de Toledo, no Brooklin Novo
Rua Guaraiuva X Rua Padre Antonio José dos Santos

(F E C H A D A)

375 A Secretaria da Educação do Estado decidiu desativar M A I S duas grandes escolas da rede pública em São Paulo segundo o sr. GABRIEL CHALITA, serão fechadas :

ESCOLA ESTADUAL MARTIM FRANCISCO
Vila Nova Conceição

380 ESCOLA ESTADUAL MANUEL DE PAIVA
Rua Barão de Jaceguai X Av. Bandeirantes
Campo Belo


Como podem constatar o governo não está interessado na educação / saúde / habitação / segurança . . .

Sérgio

385 (Ribeirão Preto)
24/10/2005 - 19:18 PM
[reportar mensagem inadequada](#)


tiro pela culatra

Não era o que vcs do sim queriam fazer conosco.PERDERAM, agora aguentem!

390  **AQUILES**
(JAMPA)
24/10/2005 - 18:47 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

POBRE DE NÓS

395 POBRE DOS BRASILEIROS QUE TEM QUE SE SUBMETER À GRANDE MAIORIA MANIPULADA DESSE PAIS. POR ISSO SOMOS TAXADOS COMO TERCEIRO MUNDO, POR CAUSA DAS CABEÇAS OCAS QUE EXISTEM POR AQUI. AQUELES QUE VOTARAM NO "NÃO" SÃO OS MESMOS QUE ELEGEM OS POLÍTICOS CORRUPOTOS E CONDENAM A MINORIA PENSAANTE ÀS SUAS SANDICES MENTAIS.

400  **AUIM**
(PVE)
24/10/2005 - 18:35 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

AINDA VÃO SE ARREPENDER

405 MUITOS DOS QUE VOTARÃO NO "NÃO" AINDA VÃO SE ARREPENDER. ARMA FOI FEITA PRA MATAR. BANDIDO NÃO AVISA QUANDO VAI ROUBAR. TER ARMA NÃO É SINÔNIMO DE SEGURANÇA.

ZÉCARLOS.
(SÃO PAULO)
410 24/10/2005 - 18:25 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

DITADORES

415 É IMPRESSIONANTE COMO AS PESSOAS QUE DE CERTA FORMA AGEM COMO DITADORES FICAM NERVOSAS QUANDO AS COISAS NÃO ACONTECEM COMO ELAS GOSTARIAM.ACHO QUE TEMOS LIVRE ARBITRIO DE VOTAR-MOS NAQUILO EM QUE ACHAMOS BOM PARA NÓS E PARA Á NOSSA FAMILIA.INFELIZMENTE NÃO PODEMOS DEPENDER DOS QUE ESTÃO NO PODER POIS ELES(97,9%)PARA NÃO FALAR EM 100% LESGILAM EM CAUSA PRÓPRIA E COM PERDÃO DA PALAVRA QUEREM QUE A GENTE SE F..A.

420 **menininha travessa**
(rj)
24/10/2005 - 17:23 PM

[reportar mensagem inadequada](#)

425 **D. CONSUELO... SE ACALME... A SRA. DISSE PRIMEIRO O QUE QUIS E OUVIU O QUE NÃO QUIS....**

430 A SRA. NÃO ENTENDE, D. CONSUELO QUE QUEM VOTOU "NÃO" AO DESARMAMENTO, O FEZ NÃO PORQUE PENSE EM "OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE", PORQUE ADORE ARMAS, TENHA INSTINTO ASSASSINO COMO A SENHORA AFIRMA E SIM, PARA NÃO SE ARREPENDER AMANHÃ DE TER ABERTO MÃO DE UM DE SEUS DIREITOS... O QUE A SENHORA NÃO ENTENDE DE JEITO NENHUM... E ACHA QUE FOI A PROPAGANDA QUE NOS INFLUENCIOU...

435 REALMENTE, TER UMA ARMA NÃO SIGNIFICA NADA, NEM SEMPRE É GARANTIA DE SEGURANÇA, MAS DEVE ESTAR NAS MÃOS DE QUEM É EQUILIBRADO, RESPONSÁVEL, POIS NA HORA "H", NA HORA CERTA, MUITAS VEZES UMA ARMA INTIMIDA SIM...

435 A FICHA NÃO CÁI DE JEITO NENHUM, NÉ D. CONSUELO... QUE PENA A SRA. AGREDIR AQUELES QUE PENSAM DIFERENTE DA SENHORA... PRINCIPALMENTE OS JOVENS... É ALGUM RECALQUE?

440 E OLHA QUE FOI MAIS DA METADE DA POPULAÇÃO BRASILEIRA QUE PENSA DIFERENTE DA SENHORA QUE VOTOU "NÃO" E, DIGA-SE DE PASSAGEM, MUITOS DELES JAMAIS LHE DARIAM A "TRELA" QUE ESTOU DANDO... PASSARIA LOGO COM A CARAVANA DEIXANDO A SENHORA OFENDER À VONTADE...

445 SE FORMOS COLOCAR NUMA BALANÇA, DO JEITO QUE A SENHORA AGRIDE OS OUTROS, A SENHORA SERIA CANDIDATA NÚMERO UM A LEVAR UM TIRO DE UM MARGINAL QUALQUER, POIS IMAGINO QUE FALARIA PELOS COTOVELO ATÉ DESEQUILIBRAR UM MARGINAL DE PEDRA... MAS, NO MEU CASO, EU ENTENDO... É A IDADE, NÉ?

Consuelo

(SP)

24/10/2005 - 16:55 PM

450 [reportar mensagem inadequada](#)

Realmente....MENININHA,OU MELHOR, ANDREIA...

455 VERGONHA EU TENHO DE TER ESTUDADO TANTO EM MINHA VIDA PRA SABER QUE A GRANDE MAIORIA TEM UM PENSAMENTO TÃO REACIONÁRIO E MESQUINHO.

455 É CLARO Q MUITA GENTE NOVA TEM PENSAMENTOS BRILHANTES,ASSIM COMO TEM VELHOS QUE NÃO POSSUEM O MÍNIMO GRAU DE SABEDORIA.

460 No seu caso acho q falta um pouco de conhecimento,não de matérias escolares...mas de vida! Na minha praia só entra amor,paz e bons pensamentos.Na sua provavelmente,como a maioria influenciada por um argumento imbecil,só entra briga e olho por olho,dente por dente!

460 Sinto muito que pensem assim,afinal mostra q as urnas ano q vem novamente nos darão desgosto!

Ah...do meu canhão sai flor..e do seu?????????

DABNEY

(RIO DE JANEIRO)

24/10/2005 - 16:43 PM

465 [reportar mensagem inadequada](#)

ENQUANTO ADÃO CULPAVA EVA, EVA CULPAVA A SERPENTE E A SERPENTE CULPAVA DEUS.

S

I

470 M= 36%

N

Ã

O= 40%

475

NO PRINCIPADO DOS BOBOS O REI VOTOU
SIM E O SÚDITOS NÃO.

menininha travessa

480 (rj)
24/10/2005 - 16:35 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

RECADO A CONSUELO: AH, COITADA! NÃO ENTENDE O QUE LÊ...

485 NÃO ENVERGONHE O SEU ESTADO, VIU? O SEU COMENTÁRIO INFELIZ MOSTRA BEM
QUE VOCÊ DEVE TER COMPRADO SEU DIPLOMA, SE É QUE TEM ALGUM... E NÃO
SUBESTIME OS JOVENS COMO VOCÊ SUBESTIMA, QUANDO DIZ QUE OS JOVENS SÓ
FALAM ASNEIRAS... E NÃO FOI A MINORIA QUE GANHOU, FOI A MAIORIA DO POVO
BRASILEIRO DIZENDO "NÃO"... ACORDA, ALICE!?! HELLOOOOOOOO.... COMO VÊ, SERÁ
490 QUE A MAIORIA DO POVO BRASILEIRO SÓ DIZ ASNEIRAS? SE TOCA, CANHÃO! VÊ SE
ESTUDA MAIS UM POUQUINHO PRA SABER ENTENDER O QUE LÊ!

milton

(santos)
 milton@aol.com
24/10/2005 - 15:07 PM
495 [reportar mensagem inadequada](#)

RESULTADO PREVISÍVEL

FUI CONTRA O REFERENDO, MAS NA ÚLTIMA HORA DECIDI VOTAR, COMO SOU
TOTALMENTE CONTRA ARMAS, VOTEI NO SIM, MAS TENHO QUE ADMITIR QUE A
PROPAGANDA MAIS DESINFORMOU DO QUE INFORMOU A POPULAÇÃO E O DISCURSO
500 DO SIM APESAR DA BOAS INTENÇÕES FOI FRAQUÍSSIMO, SEM CONSISTÊNCIA, SEM
CONTUNDÊNCIA. O DO NÃO ESTAVA MAIS EMBASADO NA REALIDADE, QUANDO
MOSTROU QUE COM REFERENDO OU SEM, OS BANDIDOS E A POLÍCIA CONTINUARÃO
ARMADOS ATÉ OS DENTES, PORTANTO NÃO ADIANTARIA DESARMAR A POPULAÇÃO
CIVIL. DE QUALQUER FORMA DEFENDO A DEMOCRACIA, PORQUE É UM SISTEMA
505 RUIM, MAS AINDA ASSIM O MELHOR QUE EXISTE, ENTÃO TEMOS DE ACATAR A
DECISÃO DA MAIORIA. QUANTO AO LULA, É DIFÍCIL PREVER JÁ A POPULARIDADE
DELE ESTÁ ESTÁVEL.

Consuelo

(São PAULO)
24/10/2005 - 14:46 PM
510 [reportar mensagem inadequada](#)

Andreia,tsk tsk tsk

Tenho lido os comentários trash dessas garota...sim,só pode ser garota!
515 UMA PESSOA MADURA JAMAIS DIRIA TANTAS ASNEIRAS.
Querida,você fala de educação!
Que tipo de educação?
Você acredita que colocar pessoas na escola é a única solução???
Educação é ensinar o que é certo e o q é errado!Se você acha bonito dizer para uma criança
que ela deve ter arma pra se defender então só temos a lamentar,já que a mioria de quem
520 assim votou tem a sua mentalidade.
Educar é ensinar o respeito a vida...coisa q v e muitos aqui nem cogitam,já que a creditam q ter
uma arma irá protege-los.
Lamento dizer: bandido não tem nada a perder,minha filha!Bandido atira mesmo sabendo que
pode morrer!
525 Você não só pode ser mais uma vítima como contribuir para o aumento da violência.
PARABÉNS ...V CONSEGUIU!!!Já comprou uma escopeta hoje???????????

Romualdo

(Belo Horizonte)

 romualdoxr@aol.com

530 24/10/2005 - 14:39 PM
reportar mensagem inadequada

Referendo

Pergunte ao povo em um referendo se ele concorda em conceder aposentadoria de R\$9.000,00 para um deputado pilantra e patife que perde o mandato por falta de decoro; pergunte ao povo em outro referendo (pode ser até no mesmo) o que deve acontecer com congressista que é apanhado em patifaria, mentindo e rapinando; pergunte ao povo se ele concorda com o governo gastar 500.000.000 em um referendo em vez de investir este dinheiro todo na saúde e vai por aí afora...naquele planalto central tem podridão demais e o presidente(?) continua so viajando...tem nada não, ano que vem tem mais eleição, quem viver verá!!! Só espero que quem elegeu tamanha porcaria ajude a limpar o beco e banir de vez o tal pt.

andrea

(nickity city, rj)

545 24/10/2005 - 13:27 PM
reportar mensagem inadequada

MENSAGEM AOS PROFETINHAS "ZEN" DO SIM...

PROFETINHA ZEN... VOCÊ IRIA CHORAR MUITO MAIS E JUNTO COM OUTROS IGUAIS A VOCÊ, SE UM DE SEUS DIREITOS FOSSEM CASSADOS, SE UM LADRÃO ENTRASSE EM SUA CASA E FIZESSE UMA FESTA MACABRA COM TODA SUA FAMÍLIA, CULMINANDO NO CEMITÉRIO... PELO MENOS, HOJE O MELIANTE PENSARÁ DUAS VEZES ANTES DE ENTRAR EM UMA CASA DE FAMÍLIA...

FALAR COMO VOCÊ FALA É MUITO BONITO E, CONVENHAMOS, SÓ PRA INGLÊS VER... MAS, PARA QUEM VIVE COM OS PÉS NO CHÃO E NO BRASIL, NÃO SENDO NO MUNDO DA LUA, "ZEN" COMO VOCÊ, A ESTÓRIA É OUTRA! AINDA POR CIMA, TEMOS QUE DRIBLAR AUTORIDADES INCOMPETENTES COM SEUS DESMANDOS, TOTALMENTE INDIFERENTES AO BEM PÚBLICO!

NO ESTÁGIO EM QUE O BRASIL SE ENCONTRA, ONDE A SEGURANÇA PÚBLICA É ZERO, NÃO É, NEM SERIA O MOMENTO PARA TAL REFERENDO... ALIÁS, OS 500 MILHÕES GASTOS COM PUBLICIDADE NESTE REFERENDO IMBECIL, VALERIA MUITO PARA INSTRUIR, EDUCAR MILHÕES DE CRIANÇAS POBRES, EVITANDO ASSIM A PROLIFERAÇÃO DE FUTUROS ASSASSINOS E LADRÕES... ESTES, QUE NÃO TIVERAM A MENOR OPORTUNIDADE NA VIDA E QUE HOJE EM DIA, ATERRORIZAM FAMÍLIAS HONESTAS EM CONDOMÍNIOS NO RIO, SÃO PAULO E EM OUTROS ESTADOS BRASILEIROS...

POUPE-NOS DE SUAS UTÓPICAS E RIDÍCULAS PROFECIAS! VIVA A REALIDADE E NÃO, DE CASOS FORTUITOS QUE ACONTECEM ÚNICA E EXCLUSIVAMENTE, DEVIDO A IRRESPONSÁVEIS E/OU DESEQUILIBRADOS QUE PORTAM ARMAS OU QUE AS DEIXAM AO ALCANCE DE SEUS FILHOS... ACIDENTES ACONTECEM POR OMISSÃO, IRRESPONSABILIDADE, FALTA DE EDUCAÇÃO, DESEQUILÍBRIO!

DESÇA DAS NUVEIS, PROFETINHA... PISE NO CHÃO DO BRASIL E AME VERDADEIRAMENTE NOSSO CHÃO, DEFENDENDO-O COM UNHAS E DENTES!

NÃO SE ATERRORIZEM TANTO, POIS COM NOSSA VITÓRIA, COM A NEGAÇÃO AO DESARMAMENTO, AINDA ASSIM SERÁ DIFÍCIL A POLÍCIA FEDERAL DEIXAR ALGUÉM SEM RECURSOS FINANCEIROS E, PRINCIPALMENTE MALUCO, OBTER UMA ARMA! NÃO SEJA TÃO TRÁGICO, MELODRAMÁTICO!

VIVA A REALIDADE DO BRASIL E PROTESTE CONTRA TODOS OS ABSURDOS QUE PROCURAM NOS IMPOR!

580 ACORDE!

andrea

(nickity, city)

24/10/2005 - 13:08 PM

585 [reportar mensagem inadequada](#)

MENSAGEM AO "PROFETA"

590 PROFETINHA ZEN... VOCÊ IRIA CHORAR MUITO MAIS E JUNTO COM OUTROS IGUAIS A VOCÊ, SE UM DE SEUS DIREITOS FOSSEM CASSADOS, SE UM LADRÃO ENTRASSE EM SUA CASA E FIZESSE UMA FESTA MACABRA COM TODA SUA FAMÍLIA, CULMINANDO NO CEMITÉRIO... PELO MENOS, HOJE O MELIANTE PENSARÁ PELO MENOS DUAS VEZES ANTES DE ENTRAR EM UMA CASA DE FAMÍLIA...

595 FALAR COMO VOCÊ FALA É MUITO BONITO E, CONVENHAMOS, SÓ PRA INGLÊS VER... MAS, PARA QUEM VIVE COM OS PÉS NO CHÃO E NO BRASIL, NÃO SENDO NO MUNDO DA LUA, "ZEN" COMO VOCÊ, A ESTÓRIA É OUTRA! AINDA POR CIMA, TEMOS QUE DRIBLAR AUTORIDADES INCOMPETENTES COM SEUS DESMANDOS, TOTALMENTE INDIFERENTES AO BEM PÚBLICO!

600 NO ESTÁGIO EM QUE O BRASIL SE ENCONTRA, ONDE A SEGURANÇA PÚBLICA É ZERO, NÃO É, NEM SERIA O MOMENTO PARA TAL REFERENDO... ALIÁS, OS 500 MILHÕES GASTOS COM PUBLICIDADE NESTE REFERENDO IMBECIL, VALERIA MUITO PARA INSTRUIR, EDUCAR MILHÕES DE CRIANÇAS POBRES, EVITANDO ASSIM A PROFILERAÇÃO DE FUTUROS ASSASSINOS E LADRÕES... ESTES, QUE NÃO TIVERAM A MENOR OPORTUNIDADE NA VIDA E QUE HOJE EM DIA, ATERRORIZAM FAMÍLIAS HONESTAS EM CONDOMÍNIOS NO RIO, SÃO PAULO E EM OUTROS ESTADOS BRASILEIROS...

605 POUPE-NOS DE SUAS UTÓPICAS E RIDÍCULAS PROFECIAS! VIVA A REALIDADE E NÃO, DE CASOS FORTUITOS QUE ACONTECEM ÚNICA E EXCLUSIVAMENTE, DEVIDO A IRRESPONSÁVEIS E/OU DESEQUILIBRADOS QUE PORTAM ARMAS OU QUE AS DEIXAM AO ALCANCE DE SEUS FILHOS... ACIDENTES ACONTECEM POR OMISSÃO, IRRESPONSABILIDADE, FALTA DE EDUCAÇÃO, DESEQUILÍBRIO!

610 DESÇA DAS NUUVENS, PROFETINHA...

PISE NO CHÃO DO BRASIL. COM NOSSA VITÓRIA, SERÁ DIFÍCIL A POLÍCIA FEDERAL DEIXAR ALGUÉM MALUCO OBTER UMA ARMA! NÃO SEJA TÃO TRÁGICO!

VIVA A REALIDADE DO BRASIL E PROTESTE CONTRA TODOS OS ABSURDOS QUE PROCURAM NOS IMPOR! ACORDE!

615  **Adler**

(Recife)

24/10/2005 - 12:32 PM

[reportar mensagem inadequada](#)

CUIDADO! O PERIGO CONTINUA!!!

620 Essa questão do "plebiscito", lembra um outro, famoso, que ocorreu na Itália há vários anos sobre o divórcio. Na época, por influência da Igreja, formularam a pergunta tendenciosamente, de modo, digamos, "PASTORAL", para que, quem fosse FAVORÁVEL ao divórcio, respondesse "não". Algo assim como> "Você é contra a proibição do divórcio?" O italiano não se deixou engabelar e votou "não", que era um "sim" ao divórcio... Parecido com o que aconteceu no Brasil... Resultado: depois dessa, nunca mais houve "plebiscito" na Itália...

625 No Brasil, como disse, está parecido. Formularam uma pergunta patética, tendenciosa, ilusionista, de tom "professoral" (como se precisássemos de "lições" para sabermos o que queremos), e lançaram mão de artistas em postura triunfalista de "bonzinhos" numa campanha de "sim" com ares de "tragicomédia-bufa", própria de novela "global". Notaram que a Globo lançou uma novela - "Bang-Bang" - exatamente no momento do plebiscito?

630 Acontece que a população já notou que artista é para DIVERTIR e não para DECIDIR. (O Chico Buarque que o diga...)

635 Com o fracasso da campanha "artística", entrou em cena a turminha do "professoral" que, através de estatísticas manipuladas e interpretações legais fantasiosas, assumiu com ares "didáticos", a pretensão de "ensinar" o que seria "melhor" para o país.

Entretanto, todo mundo sabe que a maioria dos crimes de sangue é por arma-branca... E que a atual lei do desarmamento não precisa de prévias interpretações doutrinárias, pois é suficientemente clara para ser feita cumprir, porém que próprio governo que aí está, não tem capacidade para cumprir.

640 É aí onde está o "nó-cego".

O poder público brasileiro que já não é capaz de desarmar bandido nem evitar assalto à luz do dia em via pública e até em delegacia de polícia, muito menos será capaz de garantir um mínimo de segurança ao cidadão, com ou sem "desarmamento". O povão, que às vezes pode até ser iludido, porém NÃO É BURRO, capturou esse fato.

645 Daí que, na cabeça do povão, pelo sim, pelo não, salve-se quem puder, o momento não é de proibir nada, e cresceu a tendência do "não".

E aí vem a pergunta: qual o interesse subjacente?

650 É claro que o atual "mandarinato", depois de usar as mazelas do Judiciário para enfraquecê-lo (e não consertá-lo, pois não lhe interessa um Judiciário consertado, e sim subordinado), depois de tentar desmoralizar o Ministério Público (pois não lhe interessa um MP independente, e sim "amarrado"), e depois de fracassar nas tentativas de amordaçar a Imprensa (pois só admite a "imprensa-engajada" a seu favor), além de estar totalmente desmoralizado pela corrupção desenfreada (que prometia acabar...), tentou agora por todos os meios se recuperar e investiu numa "introdução" à "democracia direta" via plebiscito, como nova faceta messiânica de "salvação" da pátria... Primeiro, um plebiscito sobre desarmamento. Depois, virão outros, sobre "temas" mais "quentes"... Por isso, mais do que nunca, É PRECISO TER CUIDADO COM ESSES ILUSINISTAS!

655 Por isso, como já disse na mensagem abaixo, o que está, verdadeiramente, em jogo não é o direito de ter arma, nem de comprá-la, nem de portá-la. O que está em jogo é algo muito mais profundo do que um direito individual, e por isso, muito mais PERIGOSO.

O que está em jogo é a própria essência da liberdade democrática posta em questão através da banalização desse plebiscito como um arremedo rasteiro de uma falsa "introdução" à "democracia direta". Armadilha peculiar dos governos e partidos que têm pretensão hegemônica, via democracia disfarçada com ilusão de liberdade, expressa através de um

665 MANIQUEÍSMO que não deixa outra opção afora "sim" ou "não"...

Entretanto, mais do que nunca é preciso prestar atenção à relatividade das coisas, dos conceitos, das decisões, dos processos políticos, das ideologias. E das "didáticas" "professorais"... Chavões e frasismos à parte, porém Shakespeare já dizia que "Há mais coisas entre o céu e a terra do que pensa a nossa vã filosofia"... (E Shakespeare não era um simples

670 "frasista"...)

Nessa perspectiva concreta, o artigo da lei que está em objeto, não passa de mero amontoado de palavras vãs...

Note-se que nenhum jurista de renome a nível nacional sequer se deu ao trabalho de comentar. O que diz o Jobim é mero jogo de palavras como trampolim para retornar à política, usando o STF. E o Dallari apenas emitiu opinião pessoal (por sinal, pelo NÃO, pois é um

675 homem que vê além do próprio umbigo "professoral", e não se deixa ficar apenas em ambientes academicistas...

Mesmo porque todo o arcabouço legal, que vem de muitas décadas, e ao qual se adicionou, apenas linearmente, essa lei atual (que em rigor era desnecessária), já é mais do que

680 suficiente como base legal para pôr a polícia nas ruas e restringir o comércio, posse e uso de armas...

Cumpra-se a lei, (a nova ou as anteriores), e ninguém poderá portar arma em trânsito, em cinemas, teatros, ou outros locais públicos. As leis que tratam da matéria SEMPRE foram assim...

685 Entretanto, o fato lamentável é que o poder público brasileiro, inteiramente falido e corroído pela corrupção generalizada, não é capaz sequer de fazer cumprir as restrições de porte e uso existentes HÁ VÁRIOS ANOS, quanto mais de desarticular o tráfico de armas, ou mesmo, desarmar um reles bandido de semáforo... Claro! Pois o verdadeiro objetivo não é esse...

690 E ninguém esqueça que, na Alemanha, quando o Pres. Hindenburg morreu, Adolf Hitler, que era o Chanceler, "consultou" o povo alemão através de um plebiscito tipo "sim" ou "não", se concordava com que acumulasse PROVISORIAMENTE o cargo de Presidente... Ganhou. Assumiu o controle total do Estado (pois era esse o seu verdadeiro objetivo). O que era "provisório" virou definitivo (feito a CPMF). As "SS" assumiram o "patrulhamento ideológico". Consolidou o nazismo. Desarmou a população. E o resultado foi o que todos nós sabemos...

695 Enfim, o "NÃO" ganhou. O Povo, que NÃO É BURRO (diferente do que pensa o governo e o PT), soube preservar uma cláusula pétrea da Constituição. É o bastante. Por enquanto. Que o atual "mandarinato" que se aboletou em Brasília, aprenda a lição. Isso é o mais difícil...

Profeta

(RJ)

700 24/10/2005 - 12:24 PM

[reportar mensagem inadequada](#)

NÃO CHOREM

Quando seu filho morrer. Quando voce for vítima não adianta chorar.

Parabéns!!!

705 Viva ao sangue!!

Viva a dor!

Viva as lagrimas!!!

Choremos pobre povo!!!

Choremos as vossas mortes!!!

710 Parabéns pistoleiros!!!

Parabéns exímios portadores de aramas.(se é que possuem aramas ou saiba manuseá-la)

Não sabia que o povo gostava de tiro. Aliás não sei porque se intimidam ou se abaixam quando existem disparos.

Parabéns a morte!!!

715 A morte venceu!!

Fico feliz porque as profecias bíblicas se cumprem. Esta é a minha única felicidade.

E tenho dito.

andrea

(nickity city, rj)

720 24/10/2005 - 12:11 PM

[reportar mensagem inadequada](#)

CREIO QUE O POVO QUER P/ OS PRÓXIMOS REFERENDOS:

1) REVISÃO DO NOSSO TÃO CADUCO CÓDIGO PENAL;

725 2) REFERENDO DE PENA DE MORTE PARA TRAFICANTES, CRIMINOSOS HEDIONDOS DE MODO GERAL;

3) REFERENDO DE PENA DE EXÍLIO ETERNO PARA AQUELES QUE ESTUPRAM OS

COFRES PÚBLICOS, ROUBANDO OS MENOS FAVORECIDOS!

HAVENDO ISTO, FICARIA SATISFEITA!

HAHAHAHAHAHAHAHA

730 (Recife)

24/10/2005 - 12:07 PM

[reportar mensagem inadequada](#)

Lullaladrão levou um

735 Antes de fazer plebiscitozinho, esse (des)governo de b.sta do partido dos trambiqueiros deveria deixar de ROUBAR e cuidar de enfrentar a bandidagem. Mas, como esperar isso se elles próprios do pt são os maiores bandidos, ladrões, corruPTos, enganadores, safadões... ESSE LULLALADRÃO E OS CORRUPTOS DO PT LEVARAM ESSE SONORO "NÃO" PELO FOCINHO NOJENTO!!! VIVA BRASIL!!! FORA LULLALADRÃO!!! FORA O PARTIDO DOS TRAMBIQUEIROS!!!

740 **andrea**

(nickity city, rj)

24/10/2005 - 11:56 AM

[reportar mensagem inadequada](#)


745

O POVO BRASILEIRO NÃO É MAIS AQUELE... NINGUÉM NOS ENGANA MAIS!

750 ENFIM, GANHAMOS! FICO FELIZ QUE O MEU POVO BRASILEIRO TENHA EVOLUÍDO EM
 755 QUESTÕES POLÍTICAS E, ÀS MAIS DURAS PENAS, SE EDUCADO EM UNIVERSIDADES E
 OUTROS CURSOS TÉCNICOS...PARABÉNS AO POVO BRASILEIRO QUE ACORDOU
 PARA UMA REALIDADE INCONTESTÁVEL: A DE QUE NÃO TEMOS SEQUER A MÍNIMA
 SEGURANÇA POR PARTE DO GOVERNO E COM ISTO ENVIUO, COM A PRESENTE
 NEGAÇÃO, A MENSAGEM DE QUE, NO PRÓXIMO ANO, ESSES POLÍTICOS QUE ESTÃO
 AÍ NÃO SERÃO DEFINITIVAMENTE REELEITOS! GRAÇAS A DEUS, O GIGANTE
 ADORMECIDO ESTÁ ACORDANDO E COM FÚRIA TOTAL! O POVO BRASILEIRO NÃO
 ELEGERÁ NOVAMENTE AS COISAS PODRES QUE ESTÃO NO CONGRESSO! AS VELHAS
 RAPOSAS QUE SE CUIDEM!

Chico Calabro

(São Paulo)


760  [Chico Calabro@aol.com](mailto:Chico_Calabro@aol.com)
 24/10/2005 - 11:47 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

Violencia

765 Ao invés de gastar uma fortuna em um plebiscito, no qual independente do resultado nada
 mudaria para o povo. Poderia ser realizado para votar a "Impunidade Parlamentar", pois não há
 maior violencia do que desviar dinheiro da saúde educação para contas de politicos corruptos.
 Outra seria para que o povo tivesse a oportunidade de votar pelo INPEACHEMENT do LULLA.

 franko

(Montes Claros/MG)


770  franxaro@ig.com.br
 24/10/2005 - 11:41 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

E AGORA....

775 O brasileiro demostrou todo seu descontentamento com o rumo politico do nosso pais.
 Mas a minha satisfação foi que apesar do apoio da igreja , para o sim, o apoio da REDE
 GLOBO, com os artistas defendendo o sim , a nossa população , até que enfins, esta
 separando nossa realidade, dos corredores e novelas da Globo , que insistem em tentar nos
 alienar, está acabando esta fase.Já a Igreja catolica (eu ainda sou +- catolico)sob a nova
 780 direção, insiste em ir na contra-mão da evolução , daqui uns tempos, vai ter mais padres e
 bispos que fieis ,: a mais nova da igreja , o catolico divorciado não poderá comungar , que
 dizer, juntando com os que usam preservativos ,proibido pela igreja , façam as contas
 ,senhoras e senhores ,uns 80% tá tudo vivendo em pecado , quando morrer vai pró inferno.
 Obs= Senhores jornalistas , cronistas (OS COPISTAS) AQUELES QUE VIVEM A COPIAR AS
 785 OPINIÕES DO ESTRANGEIROS , PRINCIPALMENTE DOS AMERICANOS, igual a rede
 GLOBO , tentando nos alienar, para viver sob as botas dos gringos , botem as barbas de molho
 , o NÃO também serve para mostra-los ,que não vai ser tão facil continuar tentando nos
 manobrar. ABRAM SEUS OLHOS.

Márcio Petrocelli Paixão

(Brasília-DF)


790  mpetroc@aol.com
 24/10/2005 - 11:24 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

795

Vitória do não é um protesto da sociedade civil

800 Ouvi de alguns cientistas políticos a opinião de que a vitória do "não" pode ser atribuída, no Rio Grande do Sul, ao fato de que aquele Estado lidera a fabricação de armas no país. Como assim? A população de RS participa dos lucros das empresas armamentistas? O número de fábricas de armas em RS certamente se deve às tradições daquele povo, cuja cultura de armas familiares data da sua própria formação histórica. O mesmo motivo deve ter levado a população de lá a votar "não" no referendo. Por outro lado, ali como no resto do país, a vitória do "não" representa um grande protesto da população contra a falta de uma política séria de segurança por parte das autoridades estaduais e federais. Esse protesto certamente se tornou mais intenso na medida em que autoridades como Rosinha e Lula (que nada fizeram até agora, desde que assumiram, pela segurança pública) foram aderindo à campanha do "sim". Espero que as autoridades tenham sensibilidade suficiente para compreender a resposta da sociedade como um grande protesto contra a omissão do Estado, entre outras coisas, na área de segurança pública.


805
810 **Sidney**
(Peruibe - SP)

 sidneycampanha@aol.com
24/10/2005 - 10:43 AM
815 [reportar mensagem inadequada](#)

É só o começo, sr. Lulla lá, do fim

O Povo deste meu Brasil não é bobo não Sr. Lulla lá (não sei aonde). Este referendo foi só o começo. Tente se re-candidatar, tente.
Esse Povo a quem voce, na sua insigne ignorancia politica, disse que iria ajudar já se tocou que o que voce queria era o poder e para o ter não iria medir nenhum esforço.
820 Onde anda o fome zero, Sr. Lulla lá? Onde anda o salario minimo que vocer disse que iria triplicar, quadruplicar, mas como é quadrupede, esqueceu-se não é mesmo.
Volte para a porta da Volkswagen, de onde voce nunca deveria ter saído, para tomar as suas cachaçadas. Deixe esse Povo em paz. Tenha vergonha na cara, pegue esse seu partidozinho chinfrão e suma.
825


João Carlos Amorim
(São Paulo)

 juacarlosamorim@bol.com.br
24/10/2005 - 10:28 AM
830 [reportar mensagem inadequada](#)

Ditadura

Lembro-me muito bem que quando caiu a ditadura militar na Russia, como aconteceu aqui no Brasil, um lider político de lá declarou...Vamos ter um crescimento incontrolável da violência. E não deu outra.Aconteceu também no Brasil. Quando o governo brasileiro extraditou os sequestradores do Abilio Diniz, o Dr. Expedito Marques, Diretor do Grupo anti-Sequestro, declarou. "Vamos ter uma onda de sequestros no Brasil". E não deu outra. A Constituição de 88 foi manipulada pelos Constituintes, recém eleitos, ex-perseguidos pela ditadura. Compreensível até, inimigos da polícia,qualquer que seja a esfera. Foram com muita sede no pote, sem fazer distinção entre Bandidos, sequestradores, assaltantes e dissidentes políticos.
835 As policias viraram "bandidas" para os olhos dos políticos, da igreja (essa então não há hipocrisia maior) e da imprensa. Quando dizem que bandido deve ser tratado como tal'. Não é exagero. Na sua maioria os bandidos são fugitivos do sistema penitenciário ou, pasmem, soltos por benefícios da Lei. Voces já viram membros dos Direitos Humanos exigirem do governo rigor na Lei contra assassinos que mataram um pai de familia? Nunca. Parece que para eles é natural morrer vítima de bandidos. Sabe o que está faltando neste país? Cérebro.
845

 **xtox**
(Floripa)

 freeunderfire@yahoo.com
24/10/2005 - 10:19 AM

850 [reportar mensagem inadequada](#)

O TIRO PELA CULATRA DAS ARMAS DO "SIM"

OUVIRAM ... DE UM POVO HERÓICO O BRADO RETUMBANTE...

Ouvindo entrevistas desesperadas e atabalhoadas dos analistas estupefatos pela vitória do não, cheguei a ponto de ter que ouvir que o resultado do "NAO" na verdade é um "SIM", que o povo na verdade quiz dizer "SIM" e votou "NÃO" enganado... Bem, absurdos fanáticos à parte, vivemos mais um dia historicamente marcante no BRASIL, onde declaramos um "NÃO" perfeitamente consciente do que estava prescrito, ainda que todas as formulações tenham sido feitas para procurar confundir, a população superou por sua inteligência politizada e declarou seu "NÃO" em alto e bom tom, seu desejo de ser livre para decidir o que deve fazer. Ouí muitos ainda insistindo em afirmar os pontos negativos sobre armamentos para ainda procurar coibir o cidadão de ter seus direitos de livre escolha. Alguns comentaristas ainda lamentando o "NÃO", diziam hoje pela manhã que infelizmente o "NÃO" foi vitorioso. A insistência em lembrar os acidentes ou os embates com armas para tolher os direitos de todos, é mais um atestado dos incompetentes. Se temos pessoas que dirigem de forma assassina um veículo, e causam mortes a cada instante neste país pela imprudência, não significa que todos que possuam veículos sejam assassinos ou incompetentes para dirigir. Outros insistem em nos lembrar que o referendo não deve trazer alguma euforia sobre a população, isto é, insistem em dizer que o que fizemos não tem qualquer valor além do que está na afirmação da campanha do referendo. Interessante que estes elementos "profissionais", levantam uma premissa, de que todos os que votaram o "NÃO", o fizeram com um descontrole emocional muito grande e aguardariam um tipo tal de sequência de vida neste país que não seja o que está no referendo. E depois ele mesmo ataca esta premissa levantada por ele mesmo... enfim, mais um atestado dos incompetentes, que não sabem analisar o que o próprio povo declarou nas urnas, e que existe mais fanatismo e emocionalismo nestes que são os profissionais da análise, e dos aliados da corja da politicalha... Enfim, estão em um estado ainda de torpor, de uma síndrome de um choque-pós-traumático, pois não esperavam esta resposta esmagadora do país todo. Não há um só reduto onde possam cantar vitória em todo o país, salvo talvez uma ou duas cidades onde o resultado chegou a empate praticamente... O que esta politicalha deve a partir de agora saber, é que neste referendo que havia sido preparado para mais um desvio de verba, para mais um pro-forma, para mais um nada, acabou se tornando um "TIRO PELA CULATRA" na cara destes parasitas mesmo... assim, é melhor pensarem que a partir de agora, o povo até então tido como boiada conduzida pelos peões da corrupção, já não são tão tolos assim... o GIGANTE, que estava deitado eternamente em berço esplendido, está se levantando... e já está bem crescidinho... não somos tolos...

885 **Luis de Castro**

(Rio de Janeiro)

 conceitoslc@aol.com

24/10/2005 - 10:09 AM

[reportar mensagem inadequada](#)

890 **Não**

As novas regras de 2003 & 2004, chamadas de Desarmamento, possuem o fundamental grande erro de mais uma vez querer que o ESTADO CONTROLE O CIDADÃO, ao invés de REFORÇAR A RESPONSABILIDADE do Cidadão para o pleno exercício de sua Cidadania.

Luis de Castro

895 **João Carlos Amorim**

(São Paulo)

 juacarlosamorim@bol.com.br

24/10/2005 - 10:03 AM

[reportar mensagem inadequada](#)


900

905 **Desarmar**

Já existe Lei que proíbe o cidadão andar armado. No entanto o torcedor atirou em outro na semana passada...estava armado. Apresentou-se na Delegacia e o Delegado não o prendeu baseado na Lei Eleitoral que não permite prender o cidadão a não ser em flagrante delito. Imaginem vocês a cena. O Delegado falando.. "Volta na semana que vem" (nada contra o Delegado que cumpriu seu dever) Pergunto. Essa Lei idiota não é pior que Lei proibindo a comercialização de armas? Não seria muito mais eficiente rever Lei em desuso ou ultrapassada e ser rigoroso na aplicação das Leis que inibem a violência? Esse referendo não deixou de ser uma grande hipocrisia. Mais uma derrota do governo

910 **beatriz**

(São Paulo)

 beresa@aol.com

24/10/2005 - 09:36 AM

[reportar mensagem inadequada](#)**desarmamento e diminuição da violência**

920 todo e qualquer exito sobre a violencia,insegurança,exploração do homem sobre o mais fraco,o uso do dinheiro como valor principal,vem da EDUCAÇÃO,DO RESPEITO PRÓPRIO,DO FIM DA FALSA INGENUIDADE DO POVO(q na verdade não sabe muitas vezes se fazer OUVIR,pois é iludido por demagogias ultrapassadas e de interesse próprio (ou de Cúpulas)ocupadas com seus interes

925  **Fernando Henrique Cardoso FHC**

(São Paulo)

24/10/2005 - 09:27 AM

[reportar mensagem inadequada](#)**ESQUECERAM DE MIM - PARTE 3**

930 Lembrem-se de mim :

- o que eu fiz:

PRIVATIZAÇÕES + (PSDB FECHA ESCOLAS)

Cia Vale do Rio Doce a maior do mundo

Cia Siderúrgica Nacional C.S.N

935 Teles ... Telesp / Telerj / telemg

R.F.F.S.A. ferrovias

Banespa só dá prejuízo (lucro de R\$3,8 BILHÕES)

E A PERGUNTA AINDA ECOA ...

ONDE ESTÁ O DINHEIRO ? ? ?

940 Uns dizem Ilhas Kayman

Já uma cantora diz: O gato comeu e o gato sumiu...

Escola Estadual Diva Maria Bigone de Toledo, no Brooklin Novo

Rua Guaraiuva X Rua Padre Antonio José dos Santos

(F E C H A D A)

945 A Secretaria da Educação do Estado decidiu desativar M A I S duas grandes escolas da rede pública em São Paulo segundo o sr. GABRIEL CHALITA, serão fechadas :

ESCOLA ESTADUAL MARTIM FRANCISCO

Vila Nova Conceição

ESCOLA ESTADUAL MANUEL DE PAIVA

950 Rua Barão de Jaceguai X Av. Bandeirantes

Campo Belo

Como podem constatar o governo não está interessado na educação / saúde / habitação / segurança . . .

955  **Fernando Henrique Cardoso FHC**

(São Paulo)

24/10/2005 - 08:39 AM

reportar mensagem inadequada

ESQUECERAM DE MIM - PARTE 3

Lembrem-se de mim :
 960 - o que eu fiz:
 PRIVATIZAÇÕES + (PSDB FECHA ESCOLAS)
 Cia Vale do Rio Doce a maior do mundo
 Cia Siderúrgica Nacional C.S.N
 Teles ... Telesp / Telerj / telemg
 965 R.F.F.S.A. ferrovias
 E A PERGUNTA AINDA ECOA ...
 ONDE ESTÁ O DINHEIRO ? ? ?
 Uns dizem Ilhas Kayman
 Já uma cantora diz: O gato comeu e o gato sumiu...


970 **COSTA**
 (RJ)
 24/10/2005 - 08:20 AM
reportar mensagem inadequada

PARA MARTA

975 MARTA SUA GORDA CADÊ VOCE?
SDG
 (RJ)
 24/10/2005 - 08:19 AM
reportar mensagem inadequada

980 **FORA LULA FORA PT**

AGORA VAMOS EXPULSAR O LULA DA PRESIDENCIA
Sergio Fernando
 (Itaguaí)

985  noturnosky@aol.com.br
 24/10/2005 - 05:55 AM
reportar mensagem inadequada

Que tal proibir o que tem que ser proibido?!

Pessoal!
 Já pararam para pensar que existe arma muito pior do que um revolver?!

990 Imaginem uma caneta nas mãos de um politico mal intencionado!
 Quantas crianças já morreram no brasil por desnutrição, doenças por falta de uma politica mais justa por parte das autoridades!
 ...os dois milhões de reais que sumiram da PF, do Juiz que vendia sentenças,dos deputados que recebiam grana para votar tal projeto, ou não votar; das verbas desviadas para outros fins;

995 da falta de merenda escolar onde muitas crianças tem nesta refeição, a única do dia!
 Bom...
 Será que vale a pena desarmar o cidadão de bem, deixando os bandidos mais tranquilos para realizarem seus assaltos?!!

1000 Num país onde temos tudo para sermos uma grande potencia economica, a nossa realidade é bem diferente. Hoje somos refens do medo generalizado onde, o medo dos bandidos seria um dos menores!
 Saudações.
 Sergio Fernando
auri

1005 (santa cruz do sul)

24/10/2005 - 05:02 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

marxistas e sua teses furadas

1010 JA NAO BASTA QUE OS IDONEOS QUE TABALHAM E PAGAM IMPOSTO PRECISAM DE PLANO DE SAUDE PARTICULAR, POIS O PUBLICO FALIU. E AGORA VEM ELES COM ESTA DE DESARMAR O CIDADAO DE BEM E COM ISTO OBRIGA-LO A CONTRATAR VIGILANÇIA, EMBORA EXISTE E SUSTENTAMOS UMA SUPER ESTRUTURA DE SEGURANÇ A PUBLICA [CIVIL FEDERAL,MILITAR E AS FORÇAS ARMADAS E O JUDICIARIÓ QUE SEGUE UM CODIGO PENAL [LEIS] ELABORADÁS PELOS POLITICOS

1015 QUE SO PENSARAM EM DIREITOS E ESQUECERAM OS DEVERES, POIS PRECISA HAVER EQUILIBRIO ENTRE AS DUAS PARA O BEM DE TODOS.OS QUE DOMINAM O PODER EM BRASILIA SAO NA SUA MAIORIA EX- PERSEGUIDOS POLITICOS NO PASADO. PORQUE FORAM SUBVERSIVOS E TERRORISTAS E QUERIAM IMPLANTAR A FORÇ A UM SISTEMA DO LESTE EUROPEU . A PRIMEIRA PROVIDENCIA FOI ACABAR COM A EDUCAÇAO MORAL E CIVICA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS E QUANDO MAIS FALAM EM MODERNIÇAR O ENSINO MAIS O DESTROIM .A DISCIPLINA E A BASE DA EDUCAÇAO .ENSINAM UM MONTE DE BABAQUIÇES AOS ALUNOS QUE NA PRATICA OS LEVA A NADA, E SO OLHAR PARA ESTA GERAÇAO QUE NOVA QUE ESTA AI, SEM RUMO, SEM VALORES MORAIS ETICOS E SEM CARATER. ENFIM UM CAMINHO ABERTO AS TROGAS, PROSTITUIÇAO E OUTRAS FALSAS GRANDEZAS NOCIVAS A SOCIEDADE .

Paulo Ricardo Back

(Recife)

24/10/2005 - 04:24 AM

[reportar mensagem inadequada](#)

1030 **O Estatuto de desarmamento**

O Estatuto do desarmamento está em vigor, ele proíbe o porte, transporte e uso de armas. A única coisa que ele não proíbe é a comercialização de armas e munição no país, o que é mínimo, 1200 por ano.

1035 Eu quero saber é : Se esse estatuto já está em vigor. O que tem mudado quanto a segurança do povo ??????

Será que a turma que lutou pelo SIM vai cobrar do governo uma atitude para desarmar bandido? Finalmente era isso o que eles diziam, que devíamos votar no SIM para proibir a comercialização das armas e munições e cobrar do governo atitudes para executar as sanções coibitivas como forma de desarmar a população(bandidos).

1040 Eu já tinha dito, a turma do sim é a mesma que reclama que o governo não ajuda aos pobres, mas são eles mesmos que não fazem nada pelos outro, ou seja, é igual a igreja que sempre usa a máxima, faça o que eu digo mas não faça o que eu faço.

Richard Costa

(Vila Velha/ES)

1045 24/10/2005 - 04:15 AM

[reportar mensagem inadequada](#)

AGORA VAMOS A UM PLEBISCITO

Pode ser para:

1050 Aborto dos anacefálicos!

Prisão perpétua!

Pena de morte!

Derrubar essa corja de políticos!



Maioridade penal aos 16 anos!

Acabar com a hegemonia Globo!

1055 Os hipócritas e bandidos que se cuidem !

O Brasil tem jeito, vamos acreditar.


"Reage Brasil"

1060  **Não interessa**
(Não interessa)
 naointeressa@naointeressa.com.br
24/10/2005 - 03:42 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

1065 **Para Dani com amor...**

Dani onde vc está, eu tô aki pra ti consolar...

maria de fatima da costa olive
(são paulo)

1070  mfatimaco@aol.com
24/10/2005 - 01:33 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

desarmamento


1075 Tem que desarmar o bandido e criar leis mais rígidas. Para isso precisa fazer um referendo. O dinheiro que gastaram c/ o referendo, por que não investiram no social (saude, educação, habiração e emprego)? Essas são causas de muitas violencias.Inclusive crianças que abandonam a escola p/ ganhar algum dinheiro p/ se alimentar, fican na rua e viram delinquentes.Espero que pensem.

Grata,
Fatima.

1080 **Nariaki**
(Fortaleza)
23/10/2005 - 23:59 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

Desarmamento

1085 O povo soberanamente decretou "sim' para o direito de ter ou não uma arma e "não' para a demagogia barata !
Sem os globais com cara de cera para manterem aparencias, é hora do Brasil discutir o assunto com seriedade !

1090 **ME ENGANA QUE EU GOSTO**
(NOJO DO BRSAIL)
 povootário@yakult.com
23/10/2005 - 23:16 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

O DESARMAMENTO

1095 O NÃO GANHOU ,AÍ EU PERGUNTO:A MAIORIA DESSES BOSSAIS QUE VOTARAM NÃO TERIAM DINHEIRO OU ÇORAGEM DE COMPRAR UMA ARMA E ENFRENTAR BANDIDOS,LÓGICO QUE NÃO POIS SÃO OS PRIMEIROS A CORRER OU SOLTAR O CACHORRO PRA RESOLVER A SIITUAÇÃO.OUTRA COISA,SERÁ QUE AQUELES QUE COMPRAM TEM DISPOSIÇÃO PARA USAR OU DEIXAM EM CIMA DO ARMÁRIO SEM MUNIÇÃO PRA DIZER QUE TEM.POVO IDIOTA MERECE ESSE GOVERNO QUE ESTÁ AÍ MESMO.POVO QUE MERECE SER ENGANADO,ROUBADO,SERVINDO DE CHACOTA POR ESSA CAMBADA DE SAFADOS DA POLÍTICA.ACORDEM OTÁRIOS,VAMOS PRATICAR TERRORISMO,VAMOS PRAS RUAS,VAMOS ENCARAR JÁ QUE VCS VOTARAM NÃO COMPREM UMA ARMA E ATAQUEM ESSES POLITICOS QUE SÃO OS VERDADEIROS

1100

1105 CULPADOS PELA IGNORANCIA DE VOCES.SE EXISTE UM ENORME NUMERO DE LADRÕES AGRADEÇAM AOS ALI BABÁS DO GOVERNO.

Cláudio

(Rio de Janeiro)

1110  freitasii@aol.com
23/10/2005 - 23:10 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

O primeiro referendo nós já vencemos

1115 Parabéns povo brasileiro, pois finalmente parece que aprendeu a votar!!!
Agora vamos aguardar o segundo referendo, o qual vai decidir no próximo ano se a corja vermelha continua ou não no poder, portanto cidadão de bem, vote novamente NÃO.

Luiz

(São Paulo)

1120 23/10/2005 - 22:38 PM
[reportar mensagem inadequada](#)


Não, uma decisão que vale vidas...

1125 A vitória do não é um acontecimento necessário, pois não adiantam propagandas que têm o intuito de dizer que bandido não tem medo de armas, por isso não adianta deixar a população armada. Vocês não assistem que os bandidos assaltam carros fortes que possuem policiais armados? Então, não adianta armar as pessoas, de nada adiantará...Essas foram as palavras de um deliquentezinho quando foi preso. Eu quero deixar claro que muitas pessoas de bem também não têm medo de armas, mas é unanime: TODOS TÊM MEDO DE MORRER! Sejam bandidos ou pessoas de bem, portanto, com a permissão para o porte de armas os bandidos terão que pensar duas vezes, porque poderão perder suas vidas e tenho certeza que isso eles não querem. Perguntem a eles...

1130 **Nicola Rossetti**
(Piracicaba)
 nicolanikol@aol.com
1135 23/10/2005 - 22:13 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

Desarmamento já Vencemos! E os Corruptos do PT?

1140 E agora Lula? O que mais vai tramar contra o povo Brasileiro? Cade o Dirceu, Genuino, Delubio o homem com dolares na cueca, porque não fazer um referendo, sobre destino desses corruptos, tenho certeza que o povo brasileiro já teria botado toda essa cambada na cadeia, e sem direito a aposentadoria de R\$9.000,00. Lula está contente com as resposta nas urnas sobre o desarmamento? Espere que em 2006 a resposta vai ser a mesma para presidente.Vamos acabar com essa roubalheira em Brasila, PT nunca mais!Lula para de alimentar o MST, e vai trabalhar, agora temos a segurança, com o não ao desarmamento e que não vamos ser tomados o poder, e se caso isso acontecer nós metemos balas em voceis.

1145 **EdvaldoSCruz**
(São Paulo)
 EdvaldoSCruz@aol.com
1150 23/10/2005 - 22:01 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

Nascer de novo

JESUS CRISTO disse :
- Nicodemos, tem que nascer de novo.
1155 Nicodemos disse que tinha que entrar no ventre de sua mãe para nascer de novo ???
Disse JESUS :
- Nascer da água e do espírito, ou seja, tem que haver MUDANÇA DE COMPORTAMENTO.(João Cap 3 Vers. 1 ao 12)


1160 Seja qual for o objetocortante ou não, isso não causa o mal, pois nós temos: detergentes, canetas, cadeiras, facas eteceteras em nossas casas e tudo tornar-se-ão uma arma (Branca ou não)

Isso depende como nós iremos usar.

Por isso não são objetos que irão diminuir a violência e, sim tem que haver a MUDANÇA DE COMPORTAMENTO das pessoas.

GEISE

1165 (BAL.CAMBORIU)

 BABI.FIORA@ZIPMAIL.COM.BR

23/10/2005 - 21:55 PM

[reportar mensagem inadequada](#)

SOCIEDADE BRASILEIRA VIOLENTA

1170 POIS É, PERDEU-SE A OPORTUNIDADE DE DAR O PRIMEIRO PASSO PARA DESARMAR ESSA SOCIEDADE TÃO VIOLENTA! MATA-SE POR TUDO: BRIGA DE BAR, MARIDO TRAÍDO, MULHER HUMILHADA, FILHO QUE PEGA A ARMA DO PAI E MATA COLEGA NO COLÉGIO, BRIGA DE TRANSITO, ETC.ETC.ETC.. QUER SABER? CADA SOCIEDADE TEM O PAÍS QUE MERECE!! ARMEM-SE ,MATEM-SE ,DANEM-SE!!!!

1175 **Stefânia Borges**

(Uberlândia-MG)

23/10/2005 - 21:37 PM

[reportar mensagem inadequada](#)

FIM DA VIOLÊNCIA OU DA CPI?

1180 Independente do resultado do referendo, que de forma alguma resolverá o problema da alta taxa de mortes provocadas por armas de fogo no Brasil, o mais interessante é que ele veio acontecer bem no momento que o país se voltava para a CPI e os cidadãos esperavam ansiosos se historicamente uma corja de corruptos seriam punidos devidamente. O verdadeiro intuito do referendo é por fim à violência ou fazer que a guerra do "SIM" ou "NÃO" tire a

1185 atenção do Brasil do mensalão?

Alvaro

(Pato Branco - PR)

23/10/2005 - 21:07 PM

[reportar mensagem inadequada](#)

1190 **Resultado**

Acho que as urnas calaram !!

Calaram os SIM utópicos, para que coloquem os pés no chão e sintam a terra, o pó, o Brasil como ele é...pobre, corrupto, com futuro funesto!!!

1195 Calaram a boca do LULA NÃO SEI DE NADA... que deve pensar em governar e não viajar o mundo sem se preocupar com o cotidiano do povo brasileiro que sofre!!!

 **Richard Costa**

(Vila Vleha/es)

23/10/2005 - 20:27 PM

[reportar mensagem inadequada](#)

1200 **OBRIGADO BRASIL**

Resultado parcial em todo o país

Última atualização às 20h30min de 23/10/2005 Seções apuradas: 82,12%


1205 Votos % válidos

1 - NÃO 49.854.131 64,35%

2 - SIM 27.617.283 35,65%


Total de votos válidos 77.471.414
 Brancos 1.132.454 1,42%
 1210 Nulos 1.341.767 1,68%
 Comparecimento 79.945.635 78,94%
 Eleitores 122.042.825

maurycyo
 (santos)


1215  maurycynho@msn.com
 23/10/2005 - 20:11 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

1220 é muito perigoso um desarmamento civil nesta época,com um pt que nada faz contra mst e outros assentamentos,por sinal até instiga.

maurycyo
 (santos)

1225  maurycynho@msn.com
 23/10/2005 - 20:08 PM
[reportar mensagem inadequada](#)
 o lula está sendo votado hoje.

 **xtox**
 (Floripa)

1230  freeunderfire@yahoo.com
 23/10/2005 - 14:40 PM
[reportar mensagem inadequada](#)

CABRESTO OU INTELIGENCIA...

1235 É muito mais fácil e rápido colocar um cabresto na população e obrigar todos a não fazer isso ou aquilo, mas a médio e longo prazo com o caráter inalterado o ser humano vai criativamente encontrando uma saída para dar vazão às suas idéias. Certamente o investimento em educação, em estruturação adequada às famílias, às condições dignas de uma cidadania de liberdade, para um povo que de fato é uma nação, é necessário dispender muitos dos recursos

1240 que são desviados para os cofres particulares desta casta parasita que temos que sustentar chamados de políticos e outros afins. É muito mais barato fazer 200 milhões de cabrestos do que educar 200 milhões de pessoas, assim analisando o custo benefício em todos os aspectos, é melhor então e mais lógico, fazer uma lei, com o combustível de um referendo popular, muito bem planejado e conduzido para o seu fim a priori projetado, com uma equipe na mídia novelescammente dentro de roteiros de romance mexicano apelar ao bom sentimento deste povo e dar às nossas mãos o volante de um carro que já está estacionado e ainda dizer que nós fomos capazes de referendar tal decisão. Enfim, evidentemente que estamos nas mãos de grandes engenheiros da manipulação global em aspectos que nossa vã filosofia não pode imaginar. Nos resta a justiça, não humana mas de Deus, que tem estado sobre nós por muito...

1245 vamos clamar por Sua Sublime e Soberana direção sobre nossa pobre gente que sempre tem sido conduzida como boiada para o matadouro, mas evidentemente que não podem nos matar, pois senão como seriam sustentados em suas falcatruas, assim é melhor nos enganar e continuar nos sugando o tempo todo... e nos dando a sensação de que nós é que referendamos neste referendo que mais parece um refedendo...

1250

1255  **Nariaki**
 (Fortaleza)
 23/10/2005 - 11:08 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

1260

Desarmamento - E a corrupção do PT ?

1265 Depois dessa engessada toda com essa estória de 'desarmamento' , o Brasil precisa voltar as atenções para as CPIs que estão sendo relegadas para a lata do esquecimento e terminar tudo em pizza !

As manobras do PT para inocentar (graças a Deus o Supremo não permitiu no caso Dirceu) os seus deputados são visíveis !

É preciso que todos estejam atentos para que tudo não termine em pizza !

1270 REMEMBER LULA : Existem 300 picaretas no Congresso ! E onde estão eles ?
Só esses 16 ? E os outros ?

CARLOS ALBERTO
(SÃO SEBASTIÃO-SP)

 exclusivolitoral@hotmail.com

23/10/2005 - 10:15 AM

1275 [reportar mensagem inadequada](#)

QUERO SABER DOS MENSALÕES

1280 EXISTEM 16 DEPUTADOS DO PT QUE JÁ DEVERIAM SER CASSADOS, ESSE PAPO DE REFERENDO É PARA TIRAR ATENÇÃO DO POVO EM RELAÇÃO AOS ENVOLVIDOS NO MENSALÃO..TUDO PREMEDITADO PELO PRÓPRIO GOVERNO...SE O PARTIDO DOS TRABALHADORES ESTÁ NESSE PÉ??? QUEM VAI OLHAR PARA O BRASIL NOS PRÓXIMOS 10 ANOS HEM??

1285 MUDE A CONSTITUIÇÃO EM RELAÇÃO AO CÓDIGO PENAL E PARE COM ESSA LANDAÍNHA BESTA..PEGOU COM ARMA DE FOGO E ENTORPECENTES PENA DE MORTE E PRONTO...SERÁ QUE ALGUÉM VAI SAIR NA RUA PRA FAZER COISAS ERRADAS??..CLARO QUE NÃO NÉ???.É POR ISSO QUE O GOVERNO QUER PASSAR A RESPONSABILIDADE DELE PARA O POVO...VOTE NÃO!!!VOLTE NÃO!! E VOTE SIM PARA CASSAR TODOS OS CORRUPOTOS DESSE PAIS.

Moacyr Rodrigues do Carmo Filho
(Duque de Caxias)


1290  moacyrcarmo@aol.com


23/10/2005 - 10:07 AM

[reportar mensagem inadequada](#)

Desarmamento

1295 Isto é 1 história estúpida,por 1º não DESARMAM OS BANDIDOS. Outra pergunta: A que cabe fiscalizar o Contrabando de TUDO nesse PAIS? Ao D.P.F. do M.da Justiça.Como os nossosa politicos a nossa Pulição,não é demitida se cometem ilegalidades,pois são eles mesmos que se investigam e não Ouvidorias eleitas que nem já no caso do Jean na Inglaterra

 **Moacyr Rodrigues do Carmo Filho**
(Duque de Caxias)

1300  moacyrcarmo@aol.com

23/10/2005 - 10:06 AM

[reportar mensagem inadequada](#)

Desarmamento

1305 Isto é 1 história estúpida,por 1º não DESARMAM OS BANDIDOS. Outra pergunta: A que cabe fiscalizar o Contrabando de TUDO nesse PAIS? Ao D.P.F. do M.da Justiça.Como os nossosa politicos a nossa Pulição,não é demitida se cometem ilegalidades,pois são eles mesmos que se investigam e não Ouvidorias eleitas que nem já no caso do Jean na Inglaterra

1310 **Albuquerque**
(Rio de armas AR15)

23/10/2005 - 09:12 AM

[reportar mensagem inadequada](#)

Indefeso

1315 O governo tem que cumprir seu dever constitucional que é defender os cidadãos, e não ficar viajando pelo mundo afora e deixar rolar o que ha de pior no pais. A quadrilha montada por Jose Dirceu vai dizer que nós é que temos de pagar mais impostos para eles poderem gastar mais. Magistrado só prende ladrão de galinha

1320 **FERNANDO**
(SANTOS SP)
23/10/2005 - 09:03 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

SR. ORLANDO

1325 O SR, VAI VOTAR SIM PORQUE NEM IMAGINA O QUE SEJA ESSE REFERENDO. PRIMEIRO QUE PARA COMPRAR UMA ARMA PRECISA-SE DE:

1-IDADE MININMA 25 ANOS

2-COMPROVAÇÃO DE IDONEIDADE E DE TRABALHO

3- COMPROVAÇÃO DE QUE PRECISA DA ARMA PARA TRABALHO OU PARA DEFESA DESDE QUE SEJA PROVADA A DEFESA.

1330 O ESTATUTO DO DESARMAMENTO É UMA LEI BEM RÍGIDA, E O QUE ESTAMOS VOTANDO NESTE REFERENDO NÃO É O DESARMAMENTO E SIM A COMERCIALIZAÇÃO DE ARMAS LEGAIS NO BRASIL.

1335 OU SEJA QUEM QUISER ANDAR ARMADO VAI ANDAR COM UMA ARMA CONTRABANDEADA. E O POVO QUE TRABALHA E SEGUE AS LEIS VAI SE DEFENDER OU COM UMA ARMA VELHA QUE JÁ POSSUA, OU VAI ATIRAR DE ESTILINGUE, ISTÁ SE O GOVERNO NÃO PROIBIR A VENDA DE PEDRAS PARA ESTILINGUE TAMBEM. ANTES DE FALAR BOBAGEM, POR FAVOR SE INFORME.

1340 **FERNANDO**
(SANTOS SP)
23/10/2005 - 08:56 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

AO JORGE DE SP E MARTA DE POA

1345 JORGE,
VC NÃO VIU O GOVERNO FAZENDO CAMPANHA PELO SIM?,
SÓ QUE ELE NÃO FEZ CAMPANHA E NEM GASTOU OS 600.000.000 DE REAIS NELA, E TAMBEM NÃO EXISTE FOME NEM VIOLENCIA OU CORRUPÇÃO NO BRASIL E DESCOBRÍ QUE O PAPA É JUDEU!!!!

1350 ORAS SR JORGE VÁ SE INFORMAR ANTES DE VOMITAR TANTA BOBAGEM NOS NOSSOS OLHOS, POIS O PROBLEMA DO BRASIL É ESSE GENTE DESINFORMADA QUE PEGA UMA BANDEIRA E SAI POR AÍ DIZENDO ASNEIRAS.

DONA MARTA DE PORTO ALEGRE.

LÍ SEU TEXTO E CHEGUEI A UMA CONCLUSÃO.


1355 OU A SRA. É A PESSOA MAIS AZARADA DO MUNDO OU TEM TRABALHO DE MACUMBA FEITO NA SUA VIDA.

VALHA-ME DEUS!!!!

QUANTA TRAGÉDIA PARA UMA PESSOA SÓ!!!!

SEU TEXTO É UMA OBRA DE FICÇÃO DIGNA DE UM PREMIO.

E PARE DE TENTAR FAZER JOGUINHO EMOCIONAL, POIS AQUI TEM MUITA GENTE BEM INFORMADA.

1360 **Angel**
(RJ)
 babyangel7999@aol.com
23/10/2005 - 05:52 AM
[reportar mensagem inadequada](#)


1365

Desarmamento ---CUIDADO!!!!!!

- Sobre Referendum de hoje.
Por favor ,leiam até o fim...é importante! Temos que saber exatamente o que fazer.... o governo está fazendo uma pressão incrível, o apelo da TV Globo é enorme. CUIDADO!!!!!!
- 1370 **TENTEM ADIVINHAR O NOME DA PESSOA CUJA BREVE BIOGRAFIA SEGUE ABAIXO:**
- Teve pouco rendimento na escola, considerado medíocre;
- Fazia trabalho manuais;
- Viveu ocioso por 2 anos;
- Foi declarado inapto para o seu ofício;
- 1375 - Não tinha inclinação para o trabalho regular;
- Aderiu ao partido operário e foi fundador de um partido dos trabalhadores;
- Foi preso por agitação e conspiração contra o governo;
- Ficou preso por pouco tempo;
- Depois de tentativas fracassada de chegar ao poder, decidiu que o movimento precisava chegar ao poder por meios legais;
- 1380 - Passou a receber doações de campanha de empresários (industriais), que colocaram o partido em base financeira sólida;
- Utilizou-se de demagogia, fazendo um apelo emocional para a classe média e os desempregados, baseado na sua fé de que seu país acordaria de seus sofrimentos e assumiria a sua grandeza;
- 1385 - Orador competente, usou fartamente do artifício da sedução em massa,com a habilidade de um ator, recebendo grande apoio popular;
- Nestas condições, ele e o partido chegaram ao poder com uma votação expressiva, e, a partir daí, só fez merda!
- 1390 Ele é....
Então... Já descobriu?
Não?
É ADOLF HITLER!
Você pensou que era o Lula, hein?
- 1395 Pois é... a semelhança é impressionante!!!
PS - Faltou falar do **DESARMAMENTO** que Hitler fez na Alemanha, para depois exterminar a população desarmada, dentro da sua própria casa...
Guilherme

- 1400 (Pelotas)
23/10/2005 - 02:04 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

Resposta ao Orlando...

- 1405 Caro Orlando, você é um ignorante total! O Estatuto do "Desarmamento" proíbe que menores de 25 anos possam comprar uma arma. Não é à toa a tua posição pois se tivesses um pouco mais de conhecimento saberias que querem tirar um direito de escolha de todo cidadão.
Acorda!
Orlando
(São Paulo)
 orlando137@terra.com.br
- 1410 23/10/2005 - 00:32 AM
[reportar mensagem inadequada](#)

Não se esqueçam de comprar uma arma para seu filho no aniversario de 18 anos

- 1415 Aos que votam no NÃO.....recomendo presentearem seu filhosc om uma arma ao completarem 18 anos.
Digo isso porque todo esse movimento a favor do "NÃO" se constitui infelizmente numa grande apologia. Espero estar errado,completamente errado,mas toda esse onda a favor daliberação fará com que muitas pessoas, na maioria jovens, passem a ter uma arma após a liberação.
Temo muito que isso aconteça, temo muito que a arma torne-se sonho de consumo e que sua

1420 venda se prolifere.....
Sinceramente espero estar MUITO ERRADO...mas por via das dúvidas voto SIM



Fabiano

(Santa Cruz do Sul - RS)

fabianooc@gmail.com

23/10/2005 - 00:24 AM

1425 [reportar mensagem inadequada](#)

VOTO SIM !!!

Sei que apenas a vitória do SIM não será suficiente para trazer segurança, mas tenho consciência que é um importante "ingrediente" para se chegar lá!

1430 Votar NÃO, significa conformismo!!!

Persio Bergonzi

(Morungaba - SP)

Persiobergonzi@hotmail.com

23/10/2005 - 00:01 AM

1435 [reportar mensagem inadequada](#)

ARMA NÃO MATA NINGUÉM!

Nunca vi uma arma matar ninguém...Mas já vi pessoas que apertavam seus gatilhos e miravam no seu semelhante. Melhor seria um plebiscito sobre o fechamento do senado e da camara federal, onde a caneta desses vagabundos inecrupulosos, matam mais que arma de fogo.

1440 Quem assistiu ao Globo Reporter de ontem (20/10/05) pode ver como pessoas que vivem no Nordeste em condições sub-humanas pensam no sei proximo ao entregarem seus cartões de alimentação. Se alguém anda pela rua, sempre olha para não pisar em fezes de animais porque sabem que isso é muito ruim...Então como não vão saber que tirar uma vida é muito

1445 pior, depois nós trabalhamos tres meses por ano para pagar os salários de nossos governantes, que não fazem porcaria nenhuma por causa de idiotas pacifistas. Se um dia uma arma matar um ente querido meu e a justiça nada fizer, quero poder escolher ir para a cadeia por matar o canalha, ou viver a custa de antidepressivos por não ter sido um homem que paga e tem direitos.

1450 As pessoas de bem são a maioria neste país, então por que não começarmos a dizer não pra essa escória de bandidos e marginais que estão desde as favelas, até no Planalto Central?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)